Glória Regi

Primeira Comunhão de Marcos e de Carlotinha

3.ª EDIÇÃO

Ilustrações de Maryel



1956

Livraria AGIR Editôra

RIO DE JANEIRO

LIVROS DE GLÓRIA REGI

MEU PRIMEIRO MISSAL. (Ordinário da Missa em latim e português.) Tipografia Beneditina. Bahia.

MEU PRIMEIRO CATECISMO. Ilustrado em côres. Tipografia Beneditina. Bahia.

A SANTA MISSA. Explicação da Missa, ricamente ilustrada. Editôra Flamboyant.

A PRIMEIRA COMUNHÃO DE MARCOS E DE CARLOTINHA. Ilustrado por Maryel. Livraria Agir Editôra.

SÃO BENTO. A vida do grande Patriarca dos monges do Ocidente narrada aos jovens.

A VIRGEM MARIA E OS PEQUENINOS. Ilustrado por Maryel.

OS PASTORINHOS DE BELÉM. Ilustrado. Livraria Agir Editôra.

LÚCIA, FRANCISCO E JACINTA. Pastorinhos de Fátima.

CONTINHAS DO ROSÁRIO. Ilustrado por Maryel.

O PROFETA JONAS. Livraria Agir Editôra.

SOLDADINHO DE CRISTO-REI. Sacramento da Crisma.

TOM JULGA-SE UM GRANDE HOMEM. Edições Paulinas.

A MARAVILHOSA HISTÓRIA DO TITI. Edições Melhoramentos.

LEGORNE BRAVO. Edições Melhoramentos.

COELHITO E O SOL.

PRIMEIRA COMUNHÃO DE MARCOS E DE CARLOTINHA

Nihil Obstat

São Paulo, 4 de Março de 1956

B. Bernardo Botelho Nunes - O. S. B.
"Censor ad hoc."

—oOo—

Reimprimatur

Bahia, 10 de Março de 1956

† *Plácido*, O. S. B.
Arquiabade.

—oOo—

Imprima-se.

São Paulo, 13 de Abril de 1956.

† *Paulo Rolim Loureiro*
Bispo Auxiliar e Vigário Geral.

—oOo—

3.ª edição.

Livraria AGIR Editôra

Rua Bráulio Gomes, 125
(ao lado da Bibl. Mun.)
Caixa Postal 6040
Tel.: 34-8300
São Paulo, S.P.

Rua México, 98-B
Caixa Postal 3291
Te.: 42-8327
Rio de Janeiro

Av. Afonso Pena, 919
Caixa Postal 733
Tel.: 2-3038
Belo Horizonte
Minas

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO "AGIRSA"

ÍNDICE

À VIRGEM IMACULADA, ÍNCLITA PADROEIRA DO BRASIL,
É DEDICADO ÊSTE HUMILDE TRABALHO.
QUEIRA MARIA SANTÍSSIMA,
ESTENDENDO SÔBRE TÔDA A TERRA DE SANTA CRUZ
SEU LINDO MANTO AZUL,
NÊLE ABRIGAR, PARA LEVAR A JESUS-HÓSTIA,
UMA IMENSA MULTIDÃO DE INOCENTES CRIANCINHAS.

NAS MÃOS VIRGINAIS DA SANTA MÃE DE DEUS,
GLÓRIA REGI DEPOSITA AS INTENÇÕES DE TODOS AQUÊLES QUE AUXILIARAM A PUBLICAÇÃO DÊSTE LIVRO.
HUMILDEMENTE IMPLORA À VIRGEM IMACULADA
COPIOSAS GRAÇAS PARA OS GENEROSOS BENFEITORES.

PRECIOSA BÊNÇÃO DE S. EMINÊNCIA O SR. CARDEAL D. SEBASTIÃO LEME



Como promessa é dívida, aí vão as bênçãos há tanto tempo esperadas.

Fiz examinar o seu trabalho, que, sôbre muito interessante, foi julgado oportuníssimo.

Eu mesmo quis percorrer alguns trechos. Páginas transbordantes de amor de Deus e de zêlo apostólico, constituem leitura proveitosa e atraente.

Abençoe Deus a Autora, de cujas orações muito esperam a arquidiocese do Rio e o seu pobre Pastor.

† SEBASTIÃO, Cardeal Arcebispo

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1937.

PREFÁCIO

Pelo Exmo. Revmo. Dom Benedito Alves de Sousa, digníssimo Bispo de Orisa

Uma alma de eleição, Espôsa de Nosso Senhor, conta histórias verídicas de infância neste livro precioso. A narração fiel da vida passada em família cristã, acrescida da descrição tão esmerada de uma Missão em lugar sertanejo, e logo depois a história dos dias que precederam ao mais feliz dia da vida, encanta, doutrina e muito bem fará às almas que tiverem a felicidade de percorrer as páginas de um folheto que eu não hesito em apelidar o melhor tratado de doutrina cristã segundo os ensinamentos da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Adaptado a tôdas as inteligências, não haverá quem não se deixe inflluenciar pelo colorido da frase, pela vivacidade da expressão, pela meiguice dos personagens, pela interessante descrição dos fatos, que parecem anedotas, mas que são verdadeiros, pois no meu apostolado de quarenta anos de sacerdócio, inúmeras vêzes, tive ocasião de apreciá-los, tais quais são contados.

Diz a autora que o livro é para as criancinhas. Em tôdas as idades há criancinhas que não conhecem a Jesus e por mais adiantados que sejam os homens em anos, não passam de crianças pela ignorância dos princípios santos da doutrina da Igreja. Para tôdas as criancinhas será de grande utilidade a leitura das páginas que aí vão.

Para amar a Jesus é preciso conhecê-LO, conhecendo-O, mais e mais cresce o desejo de possuí-lo. E, na sua infinita bondade, deixou o Divino Mestre seu corpo, seu sangue, sua alma, sua divindade, debaixo dos véus eucarísticos. Êsse prêmio que teve Carlotinha, essa, a sua grande felicidade no dia da 1.ª Comunhão. Tôdas as criancinhas que lerem êste livro, apren-

dam bem a conhecer a Jesus, e estou certo de que, conhecendo bem, não poderão deixar de amá-LO, amando-O gozarão da felicidade de possuí-LO em seus corações inocentes.

Assim estará garantido o futuro de nossa Pátria querida, pois nela viverá amado, adorado e glorificado o Rei dos reis, soberano dos corações, o Deus de nossos pais, Jesus vivo na Eucaristia, fonte de tôdas as graças para a grandeza, prosperidade e felicidade da família brasileira.

Uma grande bênção de bispo a "Orion" para que, tornando amado sôbre a terra nosso querido Jesus, brilhe, conforme a promessa divina, como estrêla de primeira grandeza, no firmamento dos Céus, "in perpetuas æternitates".

Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1936.
Festa de Nossa Senhora das Dôres

† *Benedito Alves de Sousa*
Bispo de Orisa

Nota: "Orion", das edições anteriores, modificou seu pseudônimo para GLÓRIA REGI.

I

OS SETE ANOS DE CARLOTINHA

4 de março! Hoje é o aniversário de CARLOTINHA!

Na sua caminha de bronze, sob cortinados azuis, envolvida em rendas e fitas, Lolota está pensativa... São seis horas da manhã. Os passarinhos cantando nas árvores do jardim convidam sua amiguinha a vir distribuir-lhes migalhas de pão. Mas, hoje, Carlota está muito bem comportada; não chora, nem grita para que a Babá venha vesti-la. Está acordada, mas... que coisa, está sonhando... sonhando com os lindos presentes que vai ganhar. E começa a contá-los nos dedos:

— Cinco, seis, sete: um de Papai, outro de Mamãe, outro de vovó, o chapéu-de-sol que tio Abílio prometeu, a caixa de costura da Dindinha, o carrinho do padrinho, a boneca da titia Madalena.

E, depois, todos os presentes que as amiguinhas vão lhe trazer esta tarde...

Oh! que alegria. Como é bom viver e receber presentes no dia do seu aniversário! Carlotinha começa a festejar seus sete anos, dando cambalhotas na cama.

E, de novo pensativa, imagina o tamanho da boneca que a titia Madalena vai lhe dar. De repente, vem-lhe à mente a lembrança da tia Maria José.

— Mais uma para me trazer presente! — exclama a pequenina no auge do entusiasmo. – O que será que ela vai me dar?

E sua imaginação começa a trabalhar.

— Tia Zezé está me preparando uma surprêsa; está, não há dúvida. Ah! por isso é que há muitos dias ela se fecha no quarto e não me deixa entrar sem licença.



Para que tanta cerimônia? O que será? Hoje, eu hei de descobrir o segrêdo da tia Zezé, custe o que custar! — diz Lolota sentando-se na cama.

Entra a Babá; arregala os olhos, levanta as mãos para o alto, dizendo:

— Que é isso, menina, **vancê** perdeu o juízo? —

Falando, sòzinha! — E nem se lembra que se deve começar o dia fazendo o sinal-da-cruz, rezando o Pai-Nosso e a Ave-Maria?

De joelhos, com as mãozinhas postas, Lolota reza também a consagração a Nossa Senhora:

— Ó minha Senhora e minha Mãe! Eu me ofereço tôda a Vós. E, em prova de minha devoção para convosco, Vos consagro, neste dia, meus olhos, meus ouvidos, minha bôca, meu coração e inteiramente todo o meu ser. E porque sou vossa, ó incomparável Mãe, guardai-me, defendei-me como coisa e propriedade vossa.

Carlotinha pula fora da cama.

A FESTA

Cinco horas da tarde. Começam a chegar os amiguinhos: Laurinha, Marianita, Maria Lúcia, Pedrico, Marcos, Clarita, Heloísa, o travêsso primo Chiquinho, a gorducha Maria Cândida com um pacote de deliciosos bombons para Carlotinha.

Quanta alegria, quanta algazarra! Além da mesa de doces e música, haverá distribuição de brinquedos para as crianças.

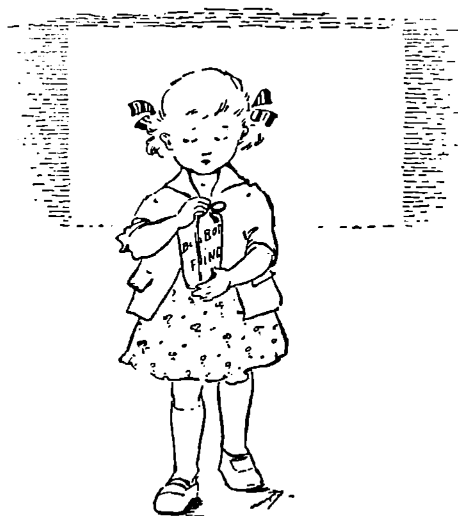
Conduzindo as amiguinhas a seu quarto, Lolota mostra-lhes os brinquedos arrumados em cima da cama.

— Treze, quatorze, quinze presentes!

— Vocês não sabem contar — diz Cecília, que na escola ganhou o prêmio de Aritmética; — deixem que eu conto. Recomeça: um, dois, três . . . treze, quatorze. São quartoze e não quinze.

— Vou ganhar mais um — protesta Lolota. — Tia Maria José ainda não chegou . . . Duvido que ela venha de mãos vazias.

Trimm trimm trimm...



— Olha a campainha! É ela, é ela — exclama a pequena aniversariante.

— É ela, é ela — responde em côro a criançada. E como um bando de alegres andorinhas voam pelas escadas!

Na verdade, era tia Maria José que chegava com um pacote enorme, um embrulho colossal, que alvoroçou a petizada. Deu um beijo na testa da sobrinha, dizendo:

— Trago para Carlotinha o mais belo dos presentes. — Abre o embrulho e tira da caixa um lindo vestido de Primeira Comunhão.

— Oh! que lindo! — exclamam as crianças. — Como é belo! Diante da alvura da veste branca, dêsse símbolo de pureza, as almazinhas inocentes se recolhem e, atentas, escutam as palavras da tia Maria José:

— Carlotinha, minha querida sobrinha, você completa sete anos. Hoje, portanto, começa a preparação para a vinda do Menino Jesus em seu coraçãozinho. No dia 15 de agôsto receberá seu Criador. Que presente mais belo, mais apropriado podia eu lhe dar do que o vestido branco da Primeira Comunhão? Eis o segrêdo descoberto, eis por que eu me escondia no quarto horas inteiras. Enquanto a agulha trabalhava confeccionando as suas vestes, eu procurava um meio de preparar também sua

alma e compus para você êste caderninho chamado "Livro do Menino Jesus", que irá ajudá-la a receber o Rei Divino.

— Leia a primeira história, tia Zezé — diz Cecília, impondo silêncio.

Adeus gaitas, adeus flautas, e as alvoroçadas crianças de há pouco transformam-se em anjinhos terrestres, ouvindo tia Maria José contar:

IMELDA

A criança privilegiada cuja história eu vou lhes narrar, foi a escolhida pela Santa Igreja para ser a padroeira da Primeira Comunhão. Devemos invocá-la durante o ano de preparação à vinda de Jesus-Hóstia.

Os pais da nossa Santinha viviam muito felizes no seu castelo em Bolonha, na Itália. Faltava-lhes, porém, uma bênção do céu. Nenhuma criança viera alegrar o lar profundamente católico dos Condes de Lambertini.

A Condêssa Castora, em suas ardentes preces, lamentara-se à Santa Mãe de Deus . . . Não poderia a Virgem Santíssima fazer cair sôbre ela uma pérola do seu tesouro e enviar-lhe uma criancinha que, nesse velho castelo, faria ressoar, num balbuciar infantil, os nomes tão doces de Jesus e Maria?

A resposta de Nossa Senhora foi a chegada de uma linda meninazinha que, no Batismo, recebeu o nome de Imelda, o que quer dizer: "vai, dá o teu mel": **I-mel-dá.**

Desde pequenina, Imelda mostrou grande piedade. Ainda no berço juntava as mãozinhas, levantava os olhos aos céus ou os abaixava com grande recolhimento, fazendo assim oração. Como o passarinho que voa no espaço, a almazinha de Imelda se recolhia e elevava a Deus.

Com seis anos de idade, gostava de retirar-se para a extremidade do grande parque do castelo, onde, imitando seus amigos — os pássaros — cantavam com êles hinos ao Criador.

Era, sobretudo, na igreja, na casa do bom Deus, que manifestava maior piedade. Imelda não tirava os olhos da casinha dourada; gostava de conversar com Jesus, prisioneiro do Tabernáculo.

Aos nove anos, a menina consegue licença para entrar no convento de Val de Pietra.

Os pais deixam partir a única filha, a criança ardentemente desejada, a dádiva de Nossa Senhora, o sol que iluminava o velho castelo!

E Imelda, herdeira de imensa fortuna, despreza todos os bens do mundo para revestir-se do véu das virgens e da túnica branca da Ordem de São Domingos!

A angélica criança quer seguir em tudo a vida das freiras. E, como não a deixam levantar de noite para rezar, é da sua caminha branca que ela suspira pelo Deus do Tabernáculo:

— Oh! quando farei a Primeira Comunhão? Jesus, a minha alma tem sêde de Vós. Vinde, Jesus. Vinde a meu coração! Jesus, quando terei a ventura de Vos receber? Vinde, Jesus. Eu não posso esperar mais!

Na véspera da Ascensão do Senhor, a freirinha dominicana, durante a Santa Missa, suspira mais do que nunca pela Sagrada Eucaristia:

— Jesus, dai-me uma migalha dêsse Pão Divino. Oh! Jesus, que estais todo inteiro em cada parcela da Hóstia, vinde, vinde a mim!

A Santa Missa continua . . . a porta dourada se abre.

Jesus sai do Sacrário e, pela mão do Sacerdote, é

distribuído a tôda a comunidade. Jesus de novo entra; a porta se fecha e Imelda desolada clama:

— Jesus! Jesus! Vinde, meu Jesus!

De repente, oh, maravilha! a Igreja se ilumina. Um perfume invade o santuário.

Uma Hóstia, parecendo descer do céu, dirige-se para perto da criança prostrada em profunda humildade. A menina levanta os olhos e vê diante de si o Pão Sagrado, a Hóstia Milagrosa. É Jesus! Jesus deseja entrar no seu coração. Que alegria, que imensa felicidade! Imelda quer encostar os lábios na Hóstia branca, mas o milagre persevera. Jesus continua suspenso no espaço diante dos seus olhos.

Que espera Jesus? Jesus espera o Sacerdote, o único que tem a missão de colocar a Hóstia nos lábios dos fiéis.

O ministro de Deus chega. Constata o prodígio celeste; compreende a vontade divina; recolhe na pátena a Hóstia Santa, depositando-a em seguida na bôca da privilegiada criança.

Imelda, possuindo seu Jesus, junta as mãozinhas debaixo do escapulário, fecha os olhos e inclina docemente a cabeça.

Seu rostinho, um instante rosado, torna-se da brancura do lírio e Imelda parece adormecer...

As horas passam. A pequenina permanece imóvel.

As Irmãs a contemplam; por fim chamam-na:

— Imelda! Imelda! E a menina, sempre tão obediente, desta vez não responde. Seus ouvidos não percebem mais os sons terrestres; ela já ouve as melodias angélicas.

Sua alma, no contato com o Bem-Amado, desprendeu-se e voou para o céu no dia 12 de maio de 1333!...

II

O BATIZADO DE JOSÉ LUÍS

— Depressa, Babá, depressa o meu vestido de veludo azul!

Babá, sabendo que a "toilette" deve começar pelos pés, senta Carlotinha no sofá e vai buscar seus sepatinhos de cetim.

— Oh, meu Deus! — pensa Lolota — a Babá anda tão devagar que até parece uma tartaruga.

Enquanto a velha ama lhe calça as meias e os sapatos azuis, Carlotinha, para não perder tempo, começa a tagarelar.

— Sabe, Babá, Marcos disse que êle queria que seus dentes fôssem como a cabeça de uma tartaruga.

— **Ué gentes**, por quê?

— Porque, assim, quando a mãe o chamasse para escovar os dentes, êle faria como a tartaruga faz com a cabeça; encolheria todos os dentes e só apareceriam as gengivas. Ah! Ah! Ah! É impagável o Marquito! Êle vai ser padrinho do irmãozinho, o José Luís; Cecília é a madrinha. Por isso, êles decoraram o Creio-em--Deus-Pai na perfeição. Você sabe que foi a titia dêles, Dona Anita, quem comprou José Luís? Imagine, em vez de arranjar um bonito bebê, escolheu uma criança sem dentes! Que mau gôsto.

— Bem se vê que foi encomenda de minha tia — disse Marcos.

Babá, divertindo-se a valer com a tagarelice de sua

Carlotinha, dá uma gargalhada, mostrando uma bôca quase sem dentes.

— Depressa, Babá, eu não quero chegar atrasada ao batizado do José Luís. Depressa, Babá, depressa o meu vestido azul!



Carlotinha, segurando a saia, dá alguns passos de dança, cantando:

— Cágado, para que desejas botas,
Se tens as pernas tortas?!

NO AUTOMÓVEL

— Vamos, mamãe, entre, tia Zezé, entre, Herculano; eu subo por último no automóvel.

Tia Maria José trouxe o "Livro do Menino Jesus" para dar à sobrinha algumas explicações sôbre o Batismo:

— Vocês já pensaram alguma vez no que é o Batismo?

Carlotinha, batendo palmas:

— Oh, sim! Já assisti ao batismo da boneca de Cecília e lembro-me que ela disse: "Você, agora, fica se chamando Teté".

— Tolinha — replica Herculano indignado — batismo de boneca não vale. Deixe-me falar: **Batismo** é uma palavra grega que significa "eu lavo". O Batismo é um Sacramento que apaga o pecado original. Dá-nos a Vida Divina. Faz-nos cristãos, filhos de Deus e da Igreja. Sabe, titia, quando eu aprendi no Catecismo que o Batismo me deu a graça de ficar filho de Deus, eu me senti muito feliz. Voltando para casa, no caminho, repetia: "Sou filho de Deus". Que alegria! Deus é meu Pai! Imaginem, eu já achava Papai tão grande, pois, todos o chamam Desembargador, e agora... seria sonho? Deus é também meu Pai! Compreendi, titia, por que a gente diz: Pai-Nosso que estais no céu !

Carlotinha, impaciente, sem prestar atenção à conversa do irmãozinho, enciumada por ver tia Maria José ocupar-se tanto do Herculano, interrompe-o bruscamente:

— Foi para mim que ela escreveu o "Livro do Menino Jesus"! Ah! hoje ninguém fala com Lolota... e ela não sabe o que é o Batismo!

Carlotinha, contrariada, cruza os braços, franze a testa, estica os pèzinhos...

— Que é isso, Lolota? — pergunta-lhe Dona Elisa, sua mãe. — Você já esqueceu a resolução de se tornar um cordeirinho para a Primeira Comunhão? Onde está o cordeiro?

— Parece mais um cabrito! — retruca Herculano.

Carlotinha, procurando se vencer, interroga a tia Maria José:

— Babá disse que o Padre vai pôr sal na boquinha do José Luís. Coitadinho! Por que, titia? Criança gosta de açúcar!

— Espere, filhinha, que lhe explicarei tudo. Olhe... até fiz êste desenho para você compreender melhor.



— Ah! tia Zezé — diz Carlotinha, apontando a figura com o dedinho — é uma serpente com a língua de fora! É por isso que a gente não deve pôr a língua para os outros?

— Que idéia — replica Herculano! — Fique agora com a língua quieta e deixe tia Zezé falar.

— Está vendo esta criancinha com uma corrente prêsa ao braço? — pergunta a tia, mostrando o desenho à sobrinha.

— Estou, sim. E a outra argola está prêsa no tronco da árvore em que a serpente está enroscada. Ai, que mêdo!

— Pois bem, filhinha, isso representa que a criança antes de ser batizada está com o pecado original. Aquêle pecado, de que lhe falei, passa para todos nós, porque Adão, chefe do gênero humano, não obedeceu no Paraíso quando Deus lhe proibiu comer do fruto da árvore do bem e do mal. Lembra-se como foi a desobediência?

— Sim, titia, Babá sempre repete quando quero ir brincar com a Vivi: "Olhe, não vá, senão pode ser tentada como Eva no Paraíso!" Ela comeu a maçã e depois deu a Adão. Deus ficou zangado e expulsou os dois do Paraíso. Não foi assim a história, titia? É por isso que tôda criança pagã está sob o poder do demônio? Que horror! Eu nunca queria ser acorrentada por êle!

— Muito bem, Lolota, não queira mesmo; êle é horroroso!

— E quem é dêle, não tem Deus por Pai — declara Herculano. — Marianita nos contou que sua mamãe nunca beijou as filhas antes de serem batizadas! E fazia questão de batizá-las no mesmo dia em que nasciam.

— Maria Lúcia, também, foi batizada antes de fazer vinte e quatro horas do seu nascimento — acrescentou Carlotinha.

Maria Teresa foi batizada pelo médico, ao nascer, porque estava quase morta. E, em perigo de vida, qualquer pessoa pode batizar, não é, mamãe?

— Escutem o resto — diz tia Maria José. — Vocês estão vendo que a criança está com os bracinhos estendidos na direção da chave dentro dum triângulo?

— Ah! — exclamam os dois sobrinhos. — É verdade; nós pensávamos que era o sol! Que significa?

— A chave representa Jesus que, por sua Paixão e Morte, nos abriu o céu, que estava fechado depois do pecado de Adão e Eva. A criancinha está suspirando para ser batizada em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, simbolizados pelo triângulo que nos lembra o Mistério da Santíssima Trindade.

— O Mistério de um só Deus, em três Pessoas — explica Carlotinha, querendo mostrar sua sabedoria.

— Assim, o José Luís — continuou tia Maria José — vai hoje ficar livre das cadeias da serpente, tornar-se filho de Deus e templo do Espírito Santo. Que alegria! Como devemos agradecer a Jesus essa grande graça!

— É por isso que se "gasta" tanto doce e vai haver festa na casa de Cecília, não é, tia Zezé?

— Estamos chegando — avisa Herculano. — Olhe, lá, o Padre Paulo Teodoro já está esperando, de sobrepeliz e estola roxa. Tomara que êle me dê um santinho!

— E outro para mim! — repete Carlotinha descendo do automóvel e subindo a escada da igreja.

DEPOIS DO BATIZADO

Na volta para casa, depois do batizado de José Luís, mal Carlotinha entra no automóvel, pergunta:

— Tia Zezé, por que o Batismo começa fora da igreja?

— É para fazer compreender que a criança pagã não tem ainda o direito de entrar na Casa de Deus. O Padre, antes de começar, pergunta o nome que se quer dar à criança. Não se deve escolher nome de bicho ou

de coisa. Deve ser sempre um nome de santo, a fim de que seja no céu o protetor da criança.

— Tia Zezé, por que o Padre Paulo Teodoro soprou três vêzes no rosto do José Luís? Será que havia poeira? Êle parecia tão, tão limpinho . . .

Tia Maria José rindo-se:

— José Luís estava limpinho, Lolota, mas sua alma achava-se ainda com a mancha do pecado original. O Sacerdote sopra no rosto da criança para expulsar o demônio. Diz: "Sai espírito mau e dá lugar ao Espírito Santo." Você não sabe que a alma da criancinha depois do Batismo se torna o templo do Espírito Santo?

— Sei, sim; mas, como o inimigo mau é fraco, tia Zezé; deixa-se afugentar como uma palha — só com um sôpro. Que vergonha! Hi! Hi! Vai-te, malvado! — acrescenta Carlotinha, batendo com o pé no inimigo invisível, e soprando no ar para afugentá-lo.

— Vocês viram que o Sacerdote marcou o menino com o sinal de Jesus Cristo, fazendo-lhe uma cruz na fronte e outra no peito?

— Vi, titia, mas . . . por que o Padre usou sal durante o Batismo? José Luís fêz careta e puxou o beicinho para chorar, coitadinho!

— O Padre benzeu o Sal e pôs na boquinha do José Luís, não para fazê-lo chorar, Lolota. Assim como o sal preserva da corrupção e dá gôsto aos alimentos, assim o Sal da Sabedoria preserva a alma e faz com que ela goste dos bens celestiais.

— Sabe, Herculano, vou arranjar um afilhado para fazer como Cecília.

Cecília pegou o irmãozinho no colo; rezou por êle o Pai-Nosso, o Credo e disse: Renuncio! Renuncio! Renuncio!

— Renuncia o que, Lolota?

— Ah, isso eu não sei. Foi ela que disse. Você faz cada pergunta!

— Cecília disse que "Renunciava a Satanaz e queria amar e servir a Jesus Cristo para sempre." Essas são as promessas do Batismo que a madrinha fêz em nome do afilhado, que não sabe falar. Agora, continuo: o Sacerdote derramou água na cabeça do menino, dizendo ao mesmo tempo estas palavras: "Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo." O José Luís ficou para sempre cristão, filho de Deus e da Igreja! É herdeiro do céu!

O Padre entregou a José Luís uma vela acesa, símbolo da fé, que deve brilhar na alma do cristão. Essa Luz Divina, recebida no Batismo, jamais deverá se apagar de nossa alma.

— Quando Babá tiver outro netinho, vou pedir para ser madrinha.

— Babá não tem neto pequenino, Lolota; quando êles nascem, logo são batizados, porque Babá assim falou: "Tenho grande tristeza de ter sido batizada tão tarde." Imagine, ela recebeu o Batismo com dois anos de idade!

Carlotinha, sem receio de levar um trambolhão no automóvel em movimento, levanta-se e com as mãos na cintura exclama espevitada:

— Herculano, diga-me uma coisa: algum dia Babá também foi criança? — Desta vez, houve uma gargalhada geral. A Mamãe, a tia Maria José, o Herculano riam-se a ponto de lhes correrem as lágrimas.

— Compreendo, agora, por que Babá não tem dentes... êles nunca nasceram ! ! !

III

TIP

— Boa-tarde, vovòzinha! passou bem? — perguntou Carlotinha, tomando a bênção e colocando um beijo na testa da vovó. — Herculano já chegou? Êle devia vir do colégio para cá.

E, sem esperar a resposta, corre com o Tip para o jardim.

— Tip! Tip! Tip! — exclama. — De pé! . . .

E Tip, levantando as patinhas, obedece-lhe sem replicar.

— Tip! Tip! aqui Tip! — provoca Carlotinha. — Vamos brincar de pega-pega!

São voltas e corridas através do parque da vovó. Afinal Carlotinha, cansada, senta-se no degrau da escada do terraço e Tip ofegante . . . com calor intenso . . . língua de fora, deita-se ao lado da sua amiguinha.

— Vem cá, meu Tip — diz a pequena colocando o cachorrinho no colo. — Ah! você não viu a figura da serpente, senão não punha essa língua de fora. Não sabe a história de Adão e Eva! E êste pêlo arrepiado como deve fazer calor! Pobre Tip! Vem cá, meu **nego**!

Tip se debate . . .

— Não tenha mêdo! Lolotinha está aqui. Lotinha é neta predileta da vovó, que lhe quer tanto. Lembra-se, Tip, quando você estêve doente, como a avòzinha ficou aflita? Levantava-se à noite para dar remédios a você . . .

Tip, com a lembrança, talvez, dos doces que ganhara nessa ocasião, deixa-se acariciar.

— Está muito arrepiado, meu Tip! Seu pêlo está indomável! Espere um pouco, eu volto já!

Pensa Tip com os seus botões: "Quem sabe é um biscoito que vou ganhar! Deixemos de histórias, vamos segui-la sem demora!"

Carlotinha volta trazendo escôvas, perfumes, pentes e um vidro de brilhantina, que ela esconde atrás das costas.

— Vamos começar por arear os dentes. . .

Procura introduzir a escôva na bôca do cachorro, mas Tip recusa; não quer! Carlotinha despeja água na bôca do animalzinho, dizendo na sua linguagem infantil:

— **Xaguôa**, Tip!

Tip, porém, está rebelde.

— Cuspa, Tip! — ordena a pequena.

Tip não cospe, engole água, não quer lavar os dentes; está com sêde; se lhe dão água, é para beber.

Tip merece apanhar; está tão teimoso! O cachorro é da vovó Sofia e ai de quem ousar tocar num dos seus animais! Carlotinha desiste então e, tomando o vidro — que escondera — mostra-o triunfante:

— Está aqui, Sr. Tip! Não se gabe, isto não é para todos os dias, mas, como hoje eu vim jantar com a vovó, você precisa fazer um pouco de "toilette". Tirei a brilhantina do tio Virgílio para alisar seu pêlo. Ei-la aqui, meu amigo! E acompanhando as palavras com os gestos, Carlotinha lambuza o Tip com perfumada brilhantina Coty.

— É preciso não gastar tudo . . . tio Virgílio pode necessitar do resto.

E o pêlo do Tip torna-se sedoso, brilhante, escorregadiço . . . O pobre Tip não parece estar gostando muito

da brincadeira. Preferia as corridas, os folguedos no jardim. Êste perfume causa-lhe náusea . . . De repente, começa a espirrar e quanto mais espirra, mais vontade tem . . . Passa a pata por cima da orelha; debate-se . . .

Livra-se enfim dos braços de Carlotinha e esfrega o focinho no chão, mas, qual! O enjôo não passa! Tip começa a rodar, a girar — querendo pegar a cauda . . . Carlotinha, assustada, encosta-se à parede; faz o sinal-da-cruz, lembrando-se de ter aprendido, no Catecismo, que devemos fazer êsse sinal nas tentações e perigos.



— Tip roda — roda — espirra — espirra — esfrega o focinho na terra e, em carreiras vertiginosas, passa de um lado para outro, em frente da menina que começa a pensar . . .

— Que fêz, Carlotinha? E se agora Tip ficar danado? — Mal êsse pensamento lhe atravessa o cérebro, ela já vê o fato realizado.

— Herculano, Herculano, acuda-me! Tip ficou danado. Socorro! Socorro! — E, nervosa, agarra-se com fôrça ao irmão.

Os dois contemplam a cena. Tip parece desesperado. Corre sem cessar. Esfrega-se na terra. Sacode os pêlos. Ronca, ladra. Faz um barulho infernal!

— Que será de mim? — soluça Carlotinha. — Co-

mo vai ficar a vovó? Eu não quis fazer mal ao cachorrinho; apenas procurei alisar o pêlo para êle ficar mais bonitinho! Tio Virgílio usa sempre essa brilhantina e nunca ficou assim!

Foi um raio de luz. Estas frases fizeram compreender a Herculano que Tip não estava danado, porém não podia tolerar a brilhantina perfumada.

— Fique quieta, Lolota — diz êle consolando a irmãzinha. — Eu arranjo tudo; vamos dar um banho no Tip e assim ficará bom.

— Não, não quero — chora Carlotinha. — Tip vai mordê-lo. Não, não quero!

Herculano, firme, resoluto, toma nos braços o cachorro e dá-lhe um banho, livrando do perfume o pobre animalzinho – que logo recupera a calma.

— Vou buscar água com açúcar para amansar os nervos do Tip — diz Lolota, abraçando com ternura seu irmãozinho.

O JANTAR

— Isto não é sopa! Parece um purgatório; como queima! — exclama Carlotinha mordendo os lábios e depositando no prato a colher de sopa fervendo que levara à bôca.

— Bem efeito! — diz Herculano. — Você foi gulosa e queimou a língua! Outra vez não será tão precipitada.

Essa cena se passa na casa da vovó durante o jantar, após a tragédia do Tip, que acabamos de presenciar.

No fim da refeição, vendo chegar a sobremesa, Carlotinha não fica sossegada. Mexe-se e remexe-se. Escorrega na cadeira, endireita-se. Sempre irrequieta, en-

rola os dedos no guardanapo; torce a toalha por debaixo da mesa e afinal não se contém:

— Herculano, não acha que o copeiro da vovó se esqueceu de passar o último prato!

— Por quê?

— Você não percebeu que êle não serviu carne? Será que os açougueiros fizeram greve? E vovó não se lembrou de arranjar uma perninha de galinha para mim?

— Lolota, você tem cada uma! Então você não sabe que hoje é sexta-feira e que nas sextas-feiras da Quaresma não se come carne?

— Psiu! Não fale tão alto, Dr. Sabichão! Vão pensar que estou reclamando. Que menino insuportável!

Tôda espigadinha, virando o rosto para vovó, diz:

— Eu sei uma história bonita e engraçada! Posso contá-la ! ?

— Conte, filhinha.

Radiante, dando risadinhas, a menina começa:

Uma noite, Marcos viu a lua pela primeira vez. A lua estava linda, cheia, redonda, brilhante, uma beleza! Marcos ficou encantado...

E depois, sabe, vovó, a lua **mingou.** Foi minguando, minguando. Cada noite ela diminuía um pouquinho. Quando Marcos viu a lua minguada principiou a chorar. "Papai, dizia êle, venha ver. Coitadinha da lua! Que maldade! Jogaram uma bola e quebraram a lua!" Isso foi há muito tempo, o Marcos era pequenino.

Todos riram da ingenuidade do Marcos. E Carlotinha contou a história com tanta graça, que a vovó não pôde deixar de abraçar a encantadora netinha.

Com os olhos num lindo bôlo, a pequena puxa a "manga" da tia Maria José:

— Tia Zezé, eu queria fazer um sacrifício para a minha Primeira Comunhão. Não como sobremesa e levo meu pedaço de bôlo para o Tip. Coitado — diz ela suspirando — sofreu tanto hoje e nunca terá recompensa; não irá para o céu!

Tia Maria José, de combinação com a vovó, deposita um pedaço de bôlo no prato de Carlotinha e diz:

— Pode ir, Lolota, vovó deu licença.

Carlotinha, ao levantar-se, arrasta um pouco a cadeira, chamando, assim, a atenção do Sr. Tip que se acha debaixo da mesa e, aliás, parece ter entendido a conversa.

Vendo sua amiga levantar-se carregando um prato, Tip, de orelha em pé, pescoço esticado, patinhas rígidas, segue Carlotinha até à copa. Abanando a cauda, aos pulos, trepa nas cadeiras para mais depressa alcançar a parte do festim que lhe fôra reservada.

— Espera, Tip! Quer que eu quebre o prato da vovó?

E, partindo o bôlo em pedacinhos, Lolota deposita-os no prato de Tip, prato do estôjo de estanho, presente de Cecília no dia do aniversário do cachorro.

Tip não come... engole! Mostrando todos os dentes, que até parecem mais agudos, devora o bôlo do sacrifício! Que delícia! Quando termina o último bocado, lambe, lambe o prato, fazendo-o girar com a língua. O prato escorrega no ladrilho e Tip o acompanha, dando alguns passos para a frente. Que pena não haver mais bôlo! Nessa esperança vira a cabeça para as mãos de sua benfeitora.

— Como o bôlo devia estar gostoso! Estava bom,

Tip? — pergunta Carlotinha, passando a mão no pêlo do animalzinho.

— Rroom — rroom — rosna Tip desconfiado porque não gosta de sócios de mãos vazias nas horas das refeições.

— Ingrato! Eu lhe dei meu bôlo. É assim que você agradece? Não faz mal, porque não foi para você, seu ingrato, que me privei da sobremesa, mas para Jesus! Foi para a minha Primeira Comunhão!

Coitadinha de Lolota; seus olhos encheram-se de lágrimas. Ela sente agora tôda a amargura do sacrifício.

— É para Jesus! — repete entrando na sala de jantar. — Jesus, foi para Vós que eu fiz a mortificação!

— Bravo, bravo, Lolota! — repete tia Maria José muito comovida. — Agora, venha cá. Venha ver como Nosso Senhor quis recompensá-la. Jesus inspirou à vovó que colocasse outro pedaço de bôlo no seu prato.

— Como Jesus é bom, tia Zezé! Esta fatia é ainda maior do que a primeira!

— E com alegria, não menor que a do Tip, Carlotinha saboreia o delicioso manjar feito pela querida avòzinha.

IV

CARLOTINHA VAI À MISSA

— Ontem, depois da aula de Catecismo, tia Maria José me explicou que tenho obrigação de ir à Missa.

Há muito tempo que Carlotinha acompanha os Pais à Igreja, porém agora ela compreendeu que, contando sete anos, precisa ir à Missa aos "Domingos e Dias Santos". Missal em punho, tôda vestida de côr-de-rosa, anda pela casa a indagar se os outros cumpriram êsse dever.

— Babá, eu já sei, não perde Missa nem que ronque o trovão! mas... a copeira? a arrumadeira? o "chauffeur"? Mamãe quer que todos os empregados tenham tempo para a Missa, ouvindo-a inteirinha — declara ela. — Maria Teresa está fazendo uma manha que não acaba... decerto, coitada, não vai à Missa porque só tem dois anos e não sabe se comportar na Igreja.

Continuando a indagar dos empregados:

— Joaquina (a cozinheira), você já foi à Missa?

— Já, Sinhàzinha, fui às seis horas.

— E você sabe o que é a Missa?

— Sim, sim; aprendi. Faz tempo que me ensinaram!

— E desde quando você vai à Missa?

— Desde sempre, Sinhàzinha, é coisa que lá na roça ninguém falta: velho, criança, tudo vai à Igreja aos Domingos. E Deus Nosso Senhor recompensa quem

vai sempre à Missa. Sinhàzinha, não sabe a história do Pajem da Rainha?

— Não, não sei; conta, Joaquina!

Carlotinha, logo puxa uma cadeira e, apoiando o cotovêlo na mesa, encosta o rostinho na palma da mão, pronta a escutar o conto verídico da cozinheira.

Joaquina atiça algumas brasas, põe carvão no fogo, lança um olhar em algumas panelas, sacode outras para averiguar se o conteúdo não está queimando e finalmente coloca um pouco de água no arroz...

— Venha, Joaquina, não dá tempo!

— Já vou — responde ela puxando um banco e, enquanto descasca batatas, começa a contar:

O PAJEM DA RAINHA

— Escute, Sinhàzinha, Santa Isabel, rainha de Portugal, era muito boa e caridosa; todo dinheiro que possuía, dava-o aos pobres. A rainha tinha um pajem virtuosíssimo a quem ela entregava esmolas para distribuição aos mais necessitados. Certo dia, outro pajem da côrte, perverso, ficou com inveja dêsse homem e inventou uma calúnia contra êle e a rainha. Só vendo, Sinhàzinha, como o rei ficou furioso! Disse aos empregados: "Amanhã, acendam a fornalha. Enviarei o pajem da rainha para um recado; nessa ocasião, peguem o miserável e atirem-no ao fogo." E o pajem era tão bom, Sinhàzinha.

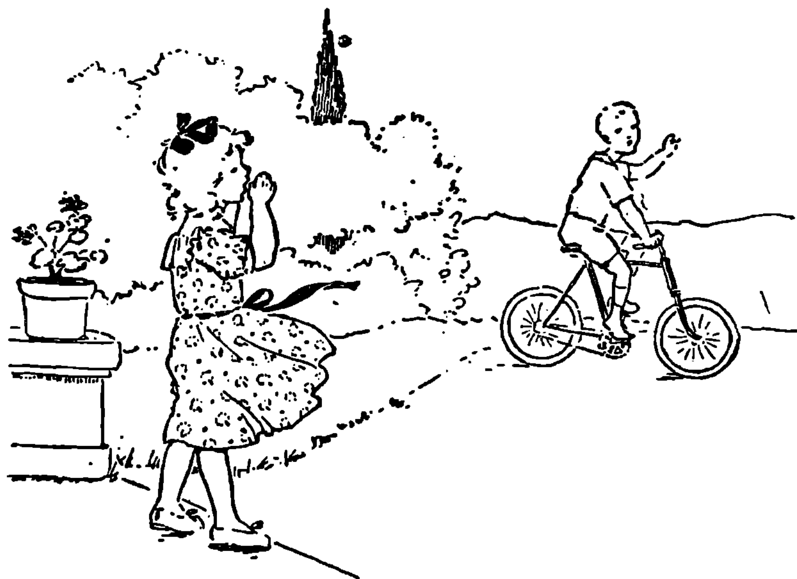
— Coitadinho! Queimaram o homem, Joaquina?

— Espere... Tenha paciência, Sinhàzinha. No dia seguinte, ao amanhecer, o pajem bom saiu a fim de cumprir a ordem do rei. Em caminho, porém, entrou

na igreja para assistir à Missa. Passado algum tempo, o rei pensando que o pajem da rainha já estivesse reduzido a cinzas, mandou o mau pajem saber se os criados haviam cumprido sua ordem. "Vamos executá-la" — responderam os servos. Agarrando, então, o malvado, jogam-no dentro da fornalha sem a menor atenção aos gritos... "Não sou eu... é o outro que deve ser queimado!" Já vê, Sinhàzinha, o que salvou o pajem da rianha foi a Santa Missa! O rei, depois, compreendeu que Deus salvara o inocente e castigara o culpado.

PASSEANDO DE BICICLETA

Carlotinha dá mais uma volta pela casa e entra no terraço:



— Olhe o Herculaninho passeando de bicicleta no jardim; aquêle pequeno é capaz de não se lembrar que

hoje é Domingo! E, fazendo das mãozinhas um porta--voz, grita:

— Herculaninho! Você já foi à Missa?

— Já, Sra. Dona Carlotinha da Silva — responde Herculano todo galhofeiro, tirando o chapéu e inclinando-se em atitude respeitosa diante da irmãzinha.

— Não estou brincando! Onde você foi?

— Enquanto V. Excia. dormia (Herculano faz outro cumprimento), fui comungar e assistir à Missa dos cruzados. Agora, estou esperando que vocês fiquem prontos, isto é, Mamãe, Papai e V. Excia. (faz um terceiro cumprimento, inclinando-se quase até o chão) para ir à Missa das onze horas em São Bento.

Carlotinha, indignada, vira-lhe as costas.

— Bobinho! Prosa! Pensa que é homem porque sai sòzinho, mas tão cedo não usará calças compridas, nem terá bigode! — murmura a pequena, sacudindo a cabeça e batendo o pèzinho com ar impertinente e ameaçador. É apenas um rompante; volta-se para o irmão e, com voz carinhosa, convida-o:

— Herculano, venha ver como eu sei o que é a Missa.

Herculano encosta a bicicleta numa árvore e entra no terraço...

SACRIFÍCIOS

— Tia Zezé disse que me dará uma explicação, mais tarde, sôbre as partes da Santa Missa; mas, ontem, ela já me deu uma noção da Missa. Você quer ver, Herculaninho, como eu sei?

Carlotinha corre para buscar o "Livro do Menino Jesus" e, sentando-se no sofá, ao lado do irmão, abre

o livro e, apontando as letras com o dedinho da mão direita, começa a ler:

— Desde o princípio do mundo, os homens ofereciam sacrifícios a Deus; queriam adorar a Majestade Divina; desejavam reconhecer Seu domínio sôbre tôdas as criaturas.

Ofereciam a Êle vítimas que degolavam e cujo sangue escorria sôbre o altar; ofertavam, igualmente, bois, novilhos, ovelhas e cordeirinhos.

— Lolota, eram só animais que os homens ofereciam?

— Não! Está escrito, aqui, que êles ofereciam, também, pão, vinho, perfumes e frutas de tôda a espécie.

A menina fecha o livro e começa a contar a história a seu modo:

— Até... Caim matou Abel e teve inveja do seu irmão porque Caim oferecia a Deus frutas que não eram boas e Abel, ao contrário, oferecia a Deus o melhor cordeiro do seu rebanho; por isso, Deus gostava mais do Abel. Então, Caim olhava com raiva para o Abel, fazendo olhos compridos para êle... E, um dia, matou Abel... Coitadinho!

Noé, depois do Dilúvio, ofereceu a Deus um sacrifício em ação de graças por não ter morrido dentro d'água.

Há, também, o sacrifício de Abraão que, para obedecer a Deus, ia imolar seu filho único — Isaac — figura de Jesus Cristo; mas, o Anjo não deixou, segurando seu braço. Então, êle matou um carneirinho e o ofereceu a Deus.

A História Sagrada conta que Melquísedec ofereceu a Deus um sacrifício de pão e vinho — figura da Eucaristia.

Herculano interrompe:

— Isso foi antes da vinda de Jesus Cristo. Agora, só se celebra a **Santa Missa**, que é o mesmo Sacrifício que, na cruz, Jesus ofereceu ao Pai Celeste. Os outros sacrifícios eram apenas figuras do Sacrifício da Cruz.

— Eu sei a explicação da Missa melhor do que você — diz Carlotinha, de pé no meio da sala e com o dedinho para o ar. — Tia Zezé repetiu até eu aprender. Quando eu não queria escutar, ela me dizia: "Olhe que Herculano sabe isto muito bem!" Eu arregalava os olhos e estudava direitinho. Quer ver como sei? Jesus oferece o Sacrifício da Missa sob as espécies do pão e do vinho. Jesus é a Vítima; é ao mesmo tempo o Sacerdote que celebra a Missa. O Padre é seu representante.

OS ANJOS

— Aconteceu mesmo que alguns santos, quando assistiam ao Santo Sacrifício, em vez do sacerdote no altar, viram Jesus, que celebrava, Êle mesmo, a Missa! Que lindo, Herculano, não é? Para ver isso, porém, é preciso ser muito santo. Outros viram, no momento da Elevação, o Sangue de Nosso Senhor transbordar do cálix e correr pelas mãos e punhos do sacerdote. Anjos, com taças de ouro, colhiam aquêle Sangue de Jesus para derramá-lo sôbre os fiéis e almas do purgatório.

Ela consulta de novo o livro e continua a falar:

— Tia Zezé disse que, se pudéssemos ver com outros olhos, o olhar da fé, poderíamos perceber uma quantidade de Anjos ao redor do altar, durante a celebração da Missa. Êles estão em profunda adoração diante da Majestade Divina e cantam: **Sanctus, Sanctus, Sanctus.** Se olhássemos para o Céu, veríamos Jesus

Cristo, que se oferece a Deus, Seu Pai, e sem cessar intercede por nós, mostrando a Êle suas gloriosas chagas como sinais do seu sacrifício.

— E qual é o momento mais solene da Missa? — pergunta Herculano.

— Ah! É a CONSAGRAÇÃO, porque, quando o sacerdote diz: "ISTO É O MEU CORPO, ISTO É O MEU SANGUE" — Jesus obedece à voz do Padre e desce do Céu, transformando o pão no Corpo e o vinho no Sangue de Jesus Cristo.

— Quando foi que Jesus pronunciou estas palavras? Quando instituiu a SS. Eucaristia?

— Na última Ceia, na Véspera da sua Paixão e Morte.

A PÁTENA

— Sabe, Herculano, tia Zezé me ensinou que devemos comungar durante a Santa Missa para tomarmos parte no Santo Sacrifício. Devemos nos oferecer, também, a Deus em união com Jesus, colocando-nos na pátena do Padre, dizendo: "Pai Santo, eu me ofereço a Vós como uma hòstiazinha que deseja ser santa, pura, sem mácula, como uma hóstia de louvor em honra da Santíssima Trindade. **Por Jesus, com Jesus** e **em Jesus,** ofereço-me a Vós como vítima para fazer sempre a Vossa Santa Vontade. Aceitai-me, pois, ó Trindade Santíssima! E que esta humilde homenagem da vossa filhinha seja agradável e ela mereça a graça de ser contada um dia no número dos vossos eleitos."

Como Carlotinha é muito viva e expressiva no modo de falar e, quase sempre, acompanha de gestos suas pa-

lavras, desce do sofá, onde estava de novo sentada e, juntando as mãos, eleva-as para o alto, imitando assim o gesto do Sacerdote ao levantar a pátena.



Sua fisionomia se ilumina e nela transparece a inocência, a graça infantil de um coração puro, inflamado de amor. O rostinho, emoldurado por graciosa cabeleira, lembra aquêles anjinhos de quadros célebres, nos quais o pincel do artista quis imitar a beleza dos habitantes celestes.

A pequena, colocando a mãozinha na testa, diz com muita graça:

— Esqueci de contar uma coisa... O Sacerdote derrama no vinho uma gotinha d'água. A gotinha, que é misturada ao vinho, representa o povo; êste deve se unir a Jesus para ser com Êle consagrado.

— Que acontece à gotinha d'água durante a Consagração?

— Com Jesus, ela, também, é transformada.

DOUTOR DA IGREJA

— Lolota, você aprendeu muita coisa! Estou admirado de sua ciência! Você acaba "Doutor da Igreja"...

Carlotinha, orgulhosa, responde:

— Ah! É porque eu sei! Você não se lembra que Nosso Senhor disse que Êle se revela aos pequeninos e humildes?

— Mas você não está nada humilde; está muito orgulhosa com sua sabedoria.

— Eu não sou humilde? Se não fôsse humilde, não ia ajudar a Joaquina a lavar panelas.

— Ajudar a Joaquina! Imagine! Você vai é atrapalhar a cozinheira. É por isso que o almôço fica atrasado . . .

— Qual nada! Não fui um dia — por humildade — lavar os pés de Maria Teresa? Ela até caiu dentro da tina e ia se afogando . . . Sabe porquê? Caiu de mau jeito, isto é, de cabeça para baixo e pés para cima. Você não se lembra, Herculano?

— Lembro-me, sim; se não fôsse Babá, a menina teria morrido asfixiada. Que humildade, que famosa humildade! Você fêz mais do que Nosso Senhor com São Pedro . . . Lavou não só os pés como as mãos e a cabeça da pequena! Eu me lembro do susto que nos pregou! Nesse dia, fi-



quei a tarde inteira sem ter com quem brincar porque você ficou prêsa no quarto, de castigo.

— Fiquei de castigo, mas Nossa Senhora ficou contente comigo porque fiz um têrço. Mamãe é que não gostou muito . . .

— Por quê, Lolota?

— Porque eu tinha uma caixinha de missangas qua estava no bôlso do avental, mas precisava de linha para enfiar as continhas, então desfiei a fazenda do meu vestido para tirar um fio . . . E fiz um têrço pequenino, assim . . . do tamanho do dedo polegar. Depois, rezei muitos terços e Nossa Senhora ficou muito contente comigo! Eu sei porque senti. Desde êsse dia, rezo uma dezena do rosário tôdas as noites. No mês de maio, apanho flores para enfetiar o altar da Virgem Maria, Mãe de Deus.

— Está na hora da Missa. Vamos embora, Lolota. Estou ouvindo os passos de Papai na escada . . .

V

GRANDE NOVIDADE

Herculano sai aos pinotes da sala de visitas. Chega esfogueado perto da irmã para lhe contar a grande novidade:

— Que bom, Lolota, vamos passar dois meses na fazenda... abril e maio!

Carlotinha incrédula:

— Sei lá se você está falando certo, Dr. Sabichão? Muitas vêzes você ouve as coisas trocadas.

— Vamos, sim. É verdade "verdadeira". Eu ouvi tia Madalena combinar com Mamãe, tia Zezé e tio Virgílio. Êles querem convidar o Padre Paulo Teodoro para pregar uma grande Missão e preparar assim os colonos para a Comunhão Pascal.

Como azougue, Carlotinha corre para contar a boa nova à Babá.

— Babá, nós vamos para a Fazenda! — Apesar de estar quase sem fôlego, a pequena dá três viravoltas de satisfação.

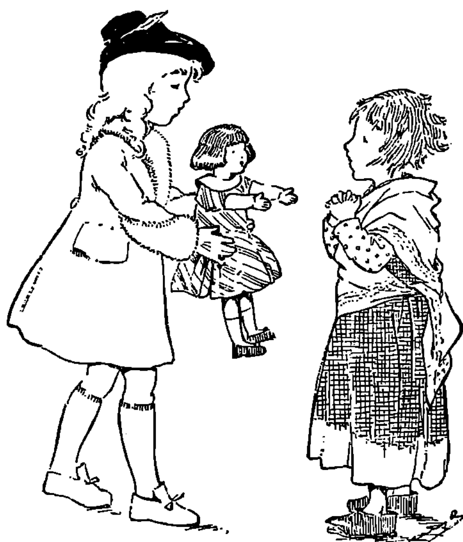
— Upa lá! Vou rever Vivi, que mora com a madrinha. Cecília também vai. Maria Lúcia, Marianita, Marcos e Clara com tôda a certeza irão nos fazer companhia.

— Tá-í, — diz Babá. — Vivi é uma menina de quem eu gosto. É muita travêssa; aos nove meses, engatinhando, fugiu de casa, mas é boa criança. E Cecília, sim, aquilo é que é! Menina rica, de coração de ouro,

sempre procurando os pobres, os humildes; sempre tem uma palavrinha para um; um presentinho para outro.

Vendo tia Maria José passar, diz:

— Sinhá Zezé, vem cá e conta pra menina o que Cecília fêz na "Oropa".



A tia Maria José toma a palavra:

— Cecília passava numa calçada em Londres, quando viu uma criança, muito pobre, parada defronte da vitrina, onde estava exposta linda boneca.

A pequena, na ponta dos pés, esticava o pescoço e devorava a boneca com os olhos.

Cecília, sem pestanejar, entra na loja, compra o bebê, dando-o à pobrezinha.

Diante de tal tesouro, a menina olha para Cecília como a pedir-lhe confirmação do seu ato e dispara louca de alegria pelas ruas a fora, sem sequer dizer um **obrigada** à sua benfeitora.

Cecília, entretanto, estava radiante e só de Deus esperava a recompensa.

MAQUINISTA OU GENERAL?

Herculano e Carlotinha passaram uma semana deliciosa com os últimos preparativos de viagem. Com pulos, escorregões, risos e tagarelice, ajudaram a Mamãe a tirar as cortinas das janelas. Enrolaram os tapêtes. Puseram as maletas no jardim para expô-las ao sol.

A menina fartou-se em contar às vizinhas e colegas que a casa estava em grande desordem: A Babá sobe e desce escadas o dia inteiro. Joaquina rabuja e briga com as panelas. Mamãe não quer saber mais do encerador. Papai não vai levar o automóvel...

— Esta tarde vamos para a Fazenda de Santa Cruz! — proclama a pequena, vendo chegar o dia mil vêzes almejado.

E como vão à tarde, Carlotinha resolveu ficar pronta para a viagem desde manhã cedo.

— Gente grande é assim — comenta sòzinha — deixa tudo para a última hora e depois perde o trem... Já estou pronta e não espero por ninguém. Quando Bernardo trouxer o carro, entro e vou-me embora! Babá não acabou de fazer as malas. De tia Zezé nem sinal... Se ela demorar muito, vou chamá-la pelo telefone. Até que vovó Sofia arranje a cesta do Tip! Ela não se separa do cachorro de estimação... Até que Cecília arranje

as bonecas . . . Pelo menos um século . . . Pedrico e Marcos, sim! não deixam vovó Sofia perder o trem. Êles me disseram que iam dormir vestidos.

Agora é que Mamãe se lembrou de dar banho em Maria Teresa. A garotinha está habituada a dormir depois do banho e Mamãe me proibiu de acordá-la. Que coisa! Ainda por cima, disse-me que é tolice estar eu — desde já — de luvas e chapéu, com êste paletó no braço... que ainda devo almoçar. Ora, ora, como se a gente em dia de viagem tivesse fome para almoçar . . . decerto, é por isso que tantas pessoas enjoam no trem. Eu não; para mim não há coisa melhor do que andar de trem. Se eu fôsse homem, seria maquinista ou comandante de vapor. Não! Prefiro ser general para mandar nas tropas!

Carlotinha tira o chapéu da cabeça, deposita a bôlsa sôbre a mesa, amarra os cordões dos sapatos e continua o monólogo:

— Sou menina, não posso ser maquinista ou comandante de navio . . . mas, poderei ser general! Tia Zezé não me contou que Santa Joana d'Arc foi "Capitão" do exército francês? Que delícia! Em pleno campo de batalha andarei a cavalo o dia inteiro! "Vamos para cá. Vamos para lá, minha gente! Para frente, batalhão. Retaguarda, volver!"

Arrebatada pela imaginação ardente, Carlotinha corre de um lado para outro da sala. Dá pulos e viravoltas. Empunha o guarda-chuva à guisa de espada, arriscando quebrar lâmpadas e vidraças.

— Lolota, não faça tanta piruêta . . . você acaba tonta. Olhe que você vai andar de trem. Fique quieta — aconselha o irmãozinho espantado com a vivacidade da pequena.

— Contra quem você está combatendo? O inimigo se escondeu ou é na realidade invisível?

Herculano afasta-se, dizendo zombeteiro:



— Deixe-me ir embora antes de receber uma bala ou uma "guarda-chuvada". O general está bravo! Até logo. Passe bem, Dona Quilotinha!

— Mamãe, Herculano está me chamando de Dona Quilotinha! E você não quer que êle me chame assim...

Recuperando a calma, a menina continua a falar:

— Êste garôto não tem um pingo de juízo. E a Babá proclama que êle é um Anjo! Não quer que eu conte suas travessuras aos vizinhos, mas, se eu não as contar, como vão saber? . . .

Bom, desde que não querem que eu faça piruêta, vou buscar o "Livro do Menino Jesus" para ler. Esta gente nunca fica pronta . . . Estou cansada de esperar!

VI

FAZENDA DE SANTA CRUZ

O bando de alegres andorinhas, que voou pelas escadas no dia do aniversário de Carlotinha, acha-se reunido na Fazenda de Santa Cruz.

Na véspera da partida, tio Virgílio ajudou Dona Madalena a organizar o necessário para o transporte da criançada.

Ao anoitecer, chega a família de Carlotinha; apesar da grande comitiva, que a acompanha, não perdeu o trem. A vovó segura, ela mesma, o Tip — ansioso por sair da cesta. E Babá carrega a gaiola do papagaio.

A madrinha da Vivi enfeitara, para a circunstância, o casarão patriarcal da Fazenda de Santa Cruz.

Construída numa montanha, de onde se divisa a cidade de ..., a velha casa possui dois andares; é cercada por pitorescas varandas, fazendo face para enorme pomar, rico das mais variadas frutas.

Abaixo, junto à orla de palmeiras, um açude, que se transforma num pequeno lago, onde gansos e marrecos fazem seus exercícios aquáticos.

Um pouco além das palmeiras, separado pela cêrca do pomar, está o curral; vasta planície contorna um dos lados da tradicional Fazenda de Santa Cruz e, à frente do solar, frondosa mangueira, beneficiando com sua sombra os dias de estio, sustenta um balanço — delícia da petizada.

Depois de ligeira refeição, prosa, têrço em família, oração da noite, todos se recolhem aos aposentos...

João Pestana há muito esperava as crianças...

NÃO MINTO

Na manhã seguinte, Maria Teresa bate à porta do quarto de Pedrico:

— **Pedico! Pedico!** O papagaio da vovó está **çamando.**

— Diga ao papagaio que já vou; estou calçando as botinas — responde o pequeno entreabrindo a porta.

— **Qué que azude?** — oferece Maria Teresa, inclinando-se até o chão e batendo a testa, com tôda a fôrça, na cabeça do Pedrico.

— **Upa! Tá doendo! Mas, Zesus na Cruz** também teve **dodói** e não **çolou!** — diz a pequena esfregando a testa com a mãozinha gorducha e cheia de covinhas.

— Pedrico! Pedrico! Marcos! Marquito!

— Já vou, papagaio; espere um pouco. Marcos foi para o jardim.

— Pedrico!

— Deixe-me ir, êle é capaz de desconfiar. Papagaio, que você quer?

— Pedrico! Marquito!

— Estou aqui, papagaio, você deseja alguma coisa?

— Pedrico! Pedrico!

— Acho que êste papagaio é surdo e cego. Êle não me vê nem me ouve; vou falar mais alto. Que é, papagaio? Você deseja alguma coisa?

— O café está gostoso?

— Não sei, papagaio, porque ainda não tomei café. Estão todos dormindo; levantei-me cedo para brincar com Vivi e Chiquito. Você sabe onde êles estão?

— Pedrico, o café está gostoso?

— Êle ainda não compreendeu! Não sei, papagaio, porque ainda não tomei café.

— Bem-te-vi! Bem-te-vi!

Pedrico, indignado, olha para a árvore e responde:

— Você não podia ter visto, passarinho . . . eu ainda não tomei café. Não minto; para provar a verdade, papagaio, quando fôr tomar café hei de trazer-lhe uma canequinha com . . .

— O café está gostoso?

— Sim, vou trazer-lhe café muito gostoso e você há de ver que não minto.

— Por onde passou o Pedrico? — indaga a criada. — O café já está frio e êle não foi tomá-lo.

Pedrico batendo palmas:

— Ah! papagaio, não disse que ainda não havia tomado café? Outra vez, tenha mais confiança em mim e saiba que não minto! Imagine, Maria Cândida — diz Pedrico entrando na sala de jantar com a cabeça erguida e as mãos nos bolsos — imagine que o papagaio e o bem-te-vi pensam que não falo a verdade! Não minto. Quero ser padre e tia Zezé disse que os lábios de um sacerdote devem ser muito puros porque é por sua palavra que Jesus desce à terra, durante a Santa Missa.

— Muito bem, Pedrico — responde Maria Cândida passando os dedos entre os cabelos do menino. — Tome, tome o café, meu velho, não faça caso do que dizem papagaio e bem-te-vi.

Herculano e Carlotinha, dando boas risadas e falando os dois ao mesmo tempo, entram na sala.

— Babá quer obrigar a gente a comer cascas de maçã e pêra. Disse que casca de fruta tem vitamina.

— Está certíssimo ...

— Sim, mas, estávamos pensando ... se um dia ela quiser que se coma casca de banana, de côco, de abacaxi ... Como faremos? Devemos obedecer às ordens da Babá?

Os pequenos dobram as risadas ...

SERAPIÃO

Babá chora! Seu neto Serapião, moleque turbulento e traquina, causa-lhe grandes desgostos. Nascido e criado no Alto Sertão, onde o Sacerdote raramente penetra, salvo o Batismo, que recebera nos primeiros dias após seu nascimento, não conhece outro Sacramento. Não sabe sequer o que seja a Santa Missa e ignora os Mandamentos da Lei de Deus. O moleque não é mau... tem bom coração, mas em travessuras ninguém lhe ganha a palma!

Babá chora! E tem razão de chorar ...

Expulso da Fazenda Mirim, onde morava com a mãe, o Serapião ficara oito dias escondido para se livrar da fúria do administrador daquela Fazenda, pois, enquanto o bom velho dormia, Serapião, pé ante pé, aproximara-se dêle cortando-lhe os bigodes... Que tragédia! O velho ao acordar, fulo de raiva, tremia de indignação; dia e noite procurava o malicioso moleque, querendo vingar-se e expulsá-lo da Fazenda.

Serapião, sentindo-se perseguido, escapara da lina num batelão, fazendo das pernas remo, refugiando-se na casa de uma amiga de sua mãe.

Lá, porém, não pudera ficar, pois pelava os morce-

gos com urtigas; laçava os cavalos dos vizinhos para montar; espantava os animais do pasto; perseguia os sapos, fazendo-os fugir coaxando desesperadamente e provocando um barulho infernal. As façanhas foram tantas que a mãe o despachara para o sul, confiando o moleque à Babá.

Dona Elisa, sempre muito boa, comovida pela ama tão fiel de seus filhos, permite a estada do Serapião na Fazenda e até, com caridade verdadeiramente cristã, lava-lhe os pés cobertos de feridas.

— Escute, escute, Sinhá — dizia o moleque — vosmecê não vai **lavá** meus pés!

Carlotinha de pé na porta do quarto espia... e muito admirada, exclama:

— Ué! A Mamãe lavando, ela mesma, os pés do Serapião! Quer imitar Nosso Senhor que lavou os pés dos seus discípulos e disse: "Eu vos dei o exemplo."

AS QUEIJADINHAS

As crianças ficam alvoroçadas ao conhecer o caboclo que não tem sossêgo. Fala pelos cotovelos... parece querer comer o ar e mexe até com as orelhas! Instalado no canto da cozinha, ei-lo a tocar violão, revirando os olhos como um pobre cego e com voz tão triste canta a ponto de fazer chorar Carlotinha:

"A esmola é caridade,
Caridade é virtude.
Quem me deu a santa esmola, meu irmão,
Deus lhe pague, Deus l'ajude...
Pran, pran-pran, pran-pran-pran (**bis**).

Quem pede, pede chorando,
Quem dá, carece vontade.
Coitadinho de quem pede, meu irmão,
Com tanta necessidade!
Pran, pran-pran, pran-pran-pran (**bis**).

Aquêle que nasceu cego,
E que cego se criou,
Não sente tanta tristeza, meu irmão,
Como quem vendo, cegou.
Pran, pran-pran, pran-pran-pran (**bis**)."



Terminada a função, estende o chapéu como para pedir esmola. E Carlotinha, muito comovida, corre ao cofre e tira uma pratinha entregando-a ao ceguinho...

Serapião percebe logo que poderá enganar a menina. À tarde, sabendo a predileção de Carlotinha pelas queijadinhas que lhe fizera Babá e que êle ardentemente cobiça, com astúcia diz:

— Escute, escute, Sinhàzinha, se vosmecê me der as queijadinhas para eu plantar à moda lá do Sertão, amanhã nascerá uma árvore grande, muito grande, cheia de cartuchos de queijadinhas!

Carlotinha fica admirada da sabedoria do Serapião e, depressa, entrega-lhe a lata com todos os doces.

Serapião desce ao jardim, cava a terra e, dando as costas para a menina, saboreia o doce que ela julga estar sendo plantado pelo moleque.

Na manhã seguinte, ao levantar-se, Carlotinha corre para ver sua árvore de doce no jardim. Oh, decepção! Verifica com tristeza que Serapião a enganara.

Carlotinha chora, não pelos doces, pois ela está acostumada a fazer sacrifícios para a sua Primeira Comunhão, mas por causa da alma de Serapião, que não guarda os Mandamentos da Lei de Deus!

Na verdade é lamentável o estado da alma do moleque. Êle não ama a Deus sôbre tôdas coisas... Não reza. Não respeita o Santo Nome de Deus. Não vai à Missa. Faz chorar a mãe e a avó! Maltrata os animais... Apodera-se do que não é seu! Mente. Engana... Enfim, é incrível que o menino possa ter tantas faltas na consciência.

APÓSTOLO

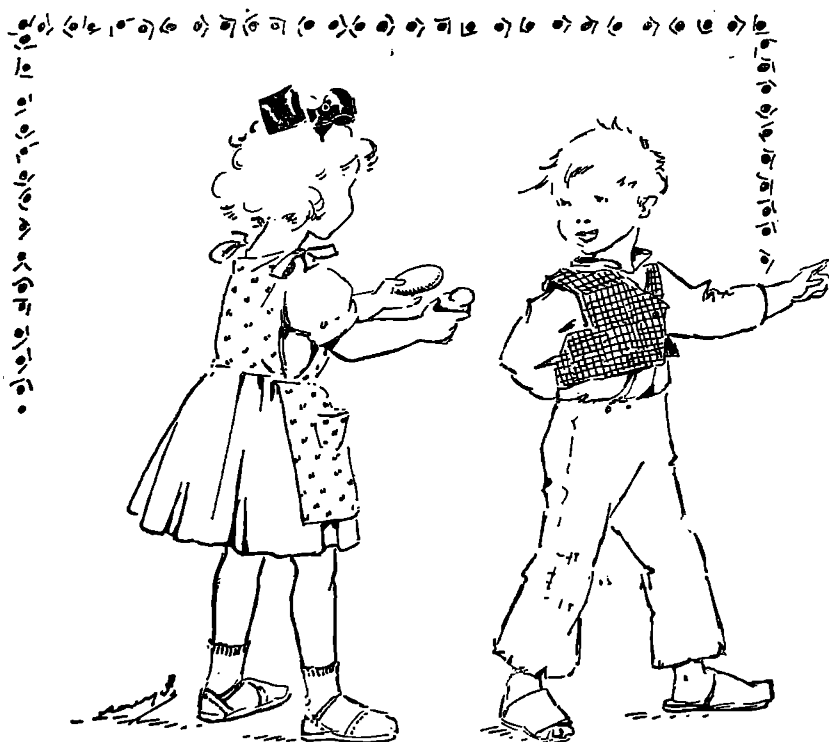
Como poderia êle se salvar? — pensa a pequenina. —E Serapião é neto da Babá, que lhe é sempre tão dedicada!

E Jesus! seu querido Jesus... Como deve ficar triste olhando para a alma dêsse pecador.

Sentada no degrau da escada, com a cabecinha entre as mãos, Carlotinha reflete: Como poderá salvar o Serapião? Um nó prende-lhe a garganta. E as lágrimas jorram dos seus olhinhos sempre tão risonhos.

Ardendo em zêlo pela conversão do moleque, vai procurar tia Maria José, a quem narra tôda a história, dizendo com candura:

— Tia Zezé, se a senhora contasse a Serapião a história de São Francisco, como êle fêz o lôbo virar cordeiro, aposto que Serapião se converteria.



Tia Maria José abraça a querida sobrinha e promete instruir o pobre Serapião que, de fato, após algumas semanas de lição de catecismo torna-se outro menino. A tia Maria José está pensando que talvez êle possa fazer a sua Primeira Comunhão durante a próxima Missão.

VII

OLHE O TOURO!

Instalada no alto de uma pedra, à beira do lago situado defronte do velho solar de seus avós, Cecília diverte-se em bater com uma varinha nas águas, formando assim sôbre a superfície círculos sempre crescentes. O sol, aparecendo por detrás da montanha, reflete sua imagem no tranqüilo lago, onde brilham centenas de lindos peixinhos vermelhos.

A seu lado, Carlotinha, encantadora com o vestido de fustão branco e chapéu desabado, conta-lhe a história da Baratinha:

— ... E ela varreu, varreu e encontrou um tostão. E a Baratinha varreu, varreu e encontrou outro tostão. E ela varreu, varreu e encontrou mais outro tostão.

— Não quero saber desta história — interrompe Cecília. — Já estou farta de ouvi-la, Lolota!

Carlotinha não se dá por vencida, continua...

— E passou Mané Coelho... A Baratinha disse: Bom-dia, Mané Coelho, você como está?

E vendo o rebanho de carneiros, que se dirige para os montes verdejantes, canta:

— Carneirinho, Carneirão, olhai para o céu, olhai para o chão.

Ao avistar o gado no pasto, a pequena solta as rédeas da imaginação:

— Nhonhô Bezerro, como vai? Há muito tempo que você nasceu? E minha amiga Inhá Vaca, como vai passando?

— Vai bem, Dona Baratinha; e você já achou marido?

— Que idéia desta pequena trepar aqui ao meu lado para tagarelar — resmunga Cecília, mudando de posição.

Carlotinha, imperturbável, continua sua história de carocha:

— E a Baratinha ficou viúva e chorava:

Ai! Meu marido, João Ratão,
Caiu na panela de feijão!

E repete, muitas vêzes:

Ai! Meu marido, João Ratão,
Caiu na panela de feijão!

— Esta pequena não se cala? Basta, Lolota, você já disse isso dez vêzes!

Carlotinha, humilhada, abaixa a cabeça; fica um instante imóvel, tira o chapéu fazendo-o rodar na ponta do dedo.

Depois de pequena pausa, consegue interessar a prima, perguntando-lhe:

— Cecília, você também é da Cruzada Eucarística?

— Sou, sim; na semana passada, antes de virmos para a Fazenda, assisti à última reunião. Aconteceu, Lolota, uma coisa impagável! Dei boas risadas ao lado de Irmã Lourença...

— Que foi? Conte, Cecília — pede a pequenina, cheia de curiosidade.

Os cruzados têm uma raiva horrível do diabo (Carlotinha amedrontada faz um sinal-da-cruz). Quando

chegávamos à praça, onde está a Igreja de Santa Rita, um grupo enorme de cruzadinhos assaltou ansioso Irmã Lourença.

— Irmã — diziam êles — o Chiquinho beijou o diabo; que horror! Êle cometeu um pecado, não é?



Irmã Lourença perguntou aos meninos, disfarçando o riso:

— Mas, onde Chiquito pôde encontrar o diabo para beijá-lo?

Todos, indignados, responderam:

— Na igreja! Êle beijou o diabo na igreja!

Irmã Lourença, atônita, não podia compreender . . .

Enfim, Maria Cândida esclareceu o caso.

— Foi, sim; mas não foi de propósito. O Sr. Vigário acabou de benzer uma estátua de S. Miguel, que a senhora ainda não viu. E Chiquito, querendo beijar o pé de São Miguel, beijou, **sem querer**, a serpente que está em baixo da estátua do grande Arcanjo.

Irmã Lourença explicou a todos os cruzados que Chiquito não havia cometido falta porque êle beijara **involuntàriamente** a serpente. Quem comete pecado, porém, mancha a alma, agrada ao demônio e ofende a Deus.

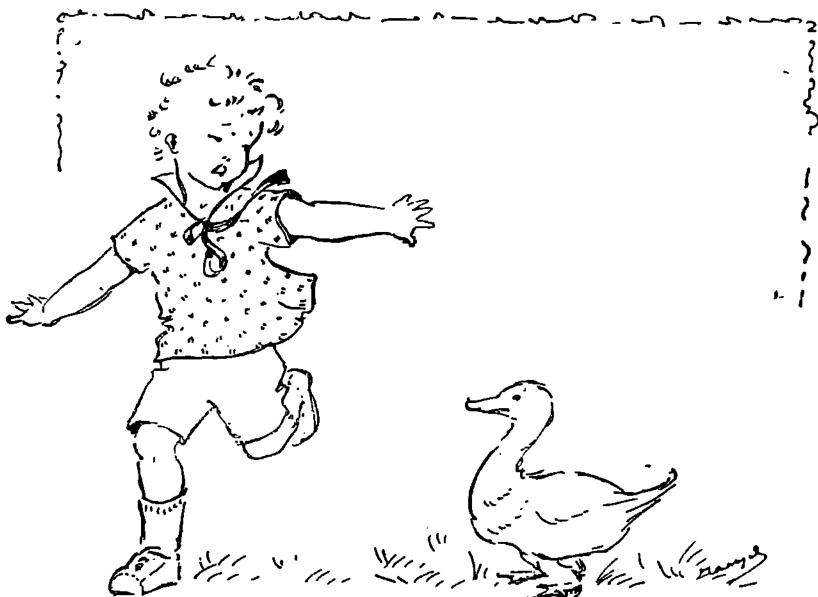
— Que horror! — exclamou Carlotinha, benzen-

do-se de novo. — Não posso compreender como se pode agradar ao diabo e entristecer a Deus!

Carlotinha brincando na água com a varinha:

— Eu quisera ser peixinho porque peixinho não faz pecado. Está sempre limpinho e tão lavadinho!

— Que tolice, Lolota. Peixinho não vai para o céu.



— Sabe, Cecília — continuou a pequena — tia Zezé me ensinou que, quando eu cair numa falta, devo logo rezar o Ato-de-Contrição, porque êle tem o poder de apagar os pecados veniais. Fazendo assim, poderei ficar sempre branquinha.

QUÁ-QUÁ-QUÁ! QUÁ-QUÁ!

— Lá vêm dois marrecos! Ah! Ah! Ah! — exclama Carlotinha dando gargalhadas. — Êles caíram dentro d'água, mas .. estão apavorados!

— Olhe lá o Marcos! Decerto o pequeno está per-

seguindo os marrecos e êles, espantados, se jogam dentro d'água.

Mal Cecília acabava de falar, aparece o Marcos com uma varinha na mão, correndo na relva atrás dos gansos e marrecos.

QUÁ-QUÁ, QUÁ-QUÁ, grasnaram os gansos, atirando-se no lago. E êle, sem se perturbar, continua sua tarefa entrando pelo lago a dentro como se fôsse terra firme.

— Ontem, êle teve que mudar quatro vêzes de roupa e hoje recomeça a mesma travessura — acrescenta Cecília, descendo da pedra e tentando impedir Marcos de molhar-se! Qual! Era tarde! Marcos, com a água até a cintura, continuava a perseguir as aves...

— Sr. Urbano — grita Cecília — faça o favor de pegar êste menino e levá-lo para casa.

Marcos, vendo o jardineiro aproximar-se, recua, dizendo-lhe com tôda a altivez dos seus cinco anos:

— Me toque, se fôr capaz.

Sai sòzinho do lago, indo para casa trocar as roupas ensopadas.

Meneando a cabeça e revirando os olhos, Carlotinha comenta:

— Êste menino faz vinte tolices num dia. E tia Zezé acha que Marcos pode fazer Primeira Comunhão no fim do ano! Imagine! Eu tive que esperar meus sete anos e êle vai fazer seis em novembro. Será porque êle é homem e eu sou mulher? Qual nada! É para o pequeno tomar juizo.

O PASSEIO

— Vocês querem passear? — pergunta tia Maria José, que chegara acompanhada pelo tio Virgílio e al-

guns sobrinhos. — Nós vamos ver o Engenho de Açúcar; como é um pouco longe, acho melhor Lolota não ir.

— Deixe-me ir, tia Zezé; sou grande, maior do que o Marcos, e sei andar muito. Todos os dias vou e volto a pé do colégio. — E, agarrando um bambu para servir-lhe de bastão, ela toma a dianteira com os primos mais crescidos.

Linda manhã. A neblina não tendo ainda desaparecido totalmente, formava um véu úmido, deixando apenas passar alguns raios de sol nos capinzais, onde pastavam diversos animais. A brisa ondulava o bananal e sacudia os coqueiros.

Os passarinhos juntavam seus gorjeios às alegres vozes da criançada, que raramente andava pela estrada. Um pulava pequeno atoleiro e todos o imitavam. Outro seguia o caminho por cima das pedras, encontrando logo diversos imitadores. Um terceiro caminhava à beira do açude e, certamente, não andava só porque os companheiros o seguiam como um rebanho de carneiros gritando: Mé-mé.

Depois de atravessarem parte do canavial, passam pela ponte velha e avistam ao longe o Engenho de Açúcar.

— Vamos tomar garapa! — grita Chiquito com voz estrondosa, entrando no Engenho.

— Vamos tomar garapa! — canta o Marcos entusiasmado.

— Coitada da cana! Sai espremidinha, tia Zezé — brada Carlotinha vendo a cana reduzida a simples palha.

As crianças fartam-se de comer açúcar...

A tia Zezé para evitar algum excesso, receando a queda do Chiquito ou da Vivi no tanque de melado,

propõe-lhes a visita ao cafèzal para ver como é colhido o café.

Um dos colonos mostra-lhes como se faz a colheita; segurando num dos galhos do cafeeiro, passa a mão em tôda a sua extensão. O café cai com extraordinária rapidez no chão. Chiquito e Vivi querem imitá-lo e aprendem, assim, a colhêr café.

— A mulher está cavando o chão para enterrar o filho! — grita Carlotinha muito assustada.

— Não é — explica Cecília — os colonos fazem um buraco na terra e aí deixam os filhos enquanto vão trabalhar.

— O sol já está por cima das nossas cabeças; é hora do almôço — declara Maria Cândida, guardando seu aparelho fotográfico.

— Meu estômago está batendo horas! — graceja tio Virgílio, dando ordens de partida.

Voltavam todos para casa quando, ao dobrarem uma estrada...

— Olhe o touro! — grita Chiquito.

— Olhe o touro! — repete Herculano.

É o Zebu mais bravo e mais valente da Fazenda!

O Valente, num acesso de cólera, arrebentara a cêrca que o prendia e agora, dono do terreno, corre pela estrada a fora.

A tia Maria José, pálida de terror, invoca Nossa Senhora e quer esconder os sobrinhos sob sua capa, mas tio Virgílio intervém e ordena a tôdas as crianças que se estendam na relva e se conservem imóveis como se estivessem mortas.

— Ah! Ah! Ah! Acuda-me, tio Virgílio, o touro vai me comer! — diz Marcos soluçando.

— Rezem o Ato-de-Contrição — recomenda tia Maria José.

— O Valente vai me esmagar! — chora Carlotinha.

— Fique bem quietinha e peça perdão a Deus de tôdas as suas faltas — ensina-lhe a tia.

— Êle vai me estraçalhar, tia Zezé — soluça a pequenina.

— O touro não fará coisa alguma, Lolota, se você ficar quietinha e pedir a proteção de Nossa Senhora. Lembre-se que a fé transporta as montanhas e que a oração confiante da criancinha vai em linha reta para Deus.

O Valente se aproxima... Oh, momento de terror! As crianças rezam, imploram a proteção Divina.

Trrrrr! Trrrr! O Valente, furioso, escavando a terra, espumando de raiva, dá um mugido estrondoso.

Tio Virgílio, tia Maria José e as crianças estremecem com êsse mugido, que repercute por tôda a fazenda. Pensando ter chegado a última hora, rezam com grande fervor o Ato-de-Contrição.

Jesus e Maria velam, porém, por essas amadas crianças que tantas vêzes lhes provaram o seu amor. O Valente é bravo, é malvado, mas não pode tocar num fio de cabelo daqueles pequeninos sem a permissão Divina.

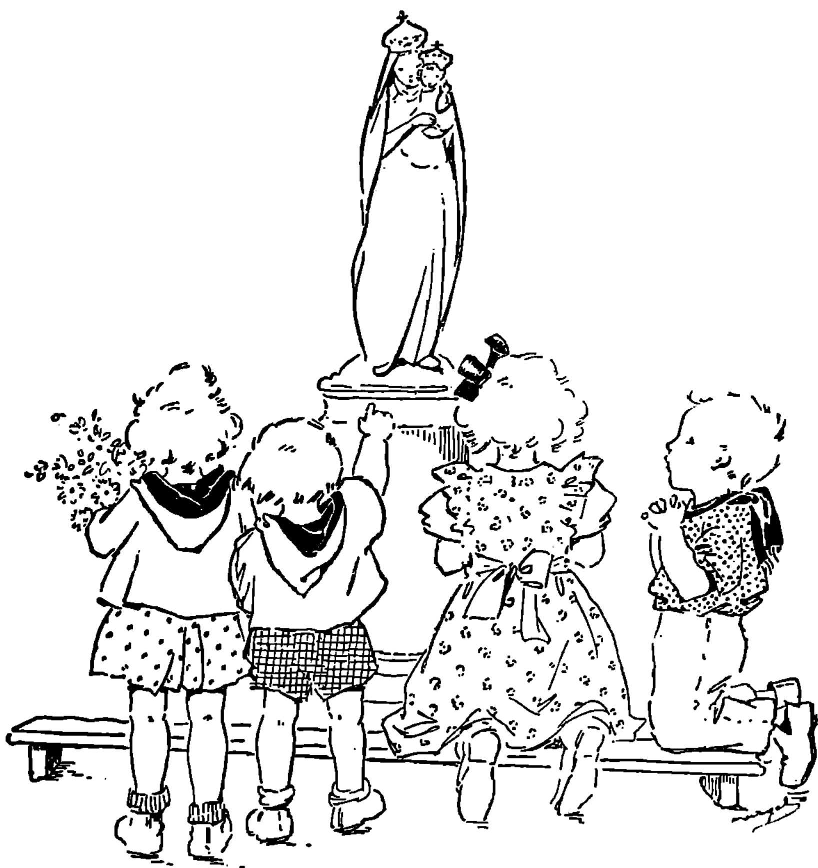
E o mugir do touro, expansão da sua cólera, serve-lhe de perdição.

Um camarada do Engenho, ouvindo êsse mugido, compreende o perigo; corre em socorro das crianças e joga o laço no chifre do Valente.

— Graças a Deus, a fera está presa, — exclama o Marquito saindo de dentro da moita. — O touro era chifrudo e bravo, parecia o diabo! O Valente, titia, já

estava com a boca aberta para engolir-me. E eu ficaria sem fazer a minha Primeira Comunhão.

– Ai, tia Zezé! — diz Lolota, levantando-se — o touro não me esmigalhou porque Deus não quis! Foi Deus que nos protegeu!



— E se tivéssemos morrido, teríamos ido todos para o Céu, não é tia Zezé? — pergunta Cecília — porque rezamos com fervor o Ato-de-Contrição.

Com a graça de Deus, chegaram sãos e salvos à Fazenda de Santa Cruz; mas, nesse dia, tia Maria José não pôde reunir o bando dos sobrinhos às duas horas para a leitura do "Livro do Menino Jesus", conforme estava no programa, pois as cabecinhas agitadas só falavam no touro Valente, que fôra derrotado pelas humildes preces das criancinhas.

Antes de deitar-se, foram todos à Capela da Fazenda para um ato de agradecimento a Nossa Senhora.

VIII

AS CRIANÇAS ESTÃO INSUPORTÁVEIS

A tia Maria José conversa no terraço com Dona Madalena...

— Estou pensando em organizar um divertimento para as crianças ficarem mais sossegadas. Não sei que vento as agitou, pois há três dias se tornaram insuportáveis! A Vivi está nos seus dias terríveis. Um amigo do Virgílio veio aqui para ler um discurso que deveria pronunciar num banquete. Não é que, enquanto êle declamava, com ênfase, a pequena veio devagarinho, colocando fogo no papel que o pobre homem segurava atrás das costas?

— Que temeridade! — retruca Dona Madalena. — Vivi é impossível. Nunca se sabe o que ela está tramando.

— Em seguida, prendeu Pedrico na casa dos coelhos. O menino gritava tanto que se ouvia a uma légua de distância...

— Coitado do Pedrico! Se Maria Cândida soubesse... Ela não admite que se toque no afilhado.

— Não contente ainda, agarrou José, o molequinho, e mandou Chiquito dar-lhe um banho forçado no rio porque, disse-me ela, José é inimigo rancoroso de banho, escôva e sabão. A madrinha, assustadíssima, procurou Vivi a tarde inteira, mas a menina escondeu-se dentro de um armário com mêdo de ser castigada.

Dona Madalena, muito séria, replica:

— Podia ter morrido asfixiada! Quando muitas crianças estão reunidas é assim mesmo.

E acrescenta, rindo-se:

— Pois não ouvi Chiquito declarar que é o chefe das tolices, o professor das travessuras?

— Maria Teresa — continua tia Maria José — fechou-se no quarto; trepada numa cadeira, abriu as torneiras do lavatório, fazendo uma miscelânea de perfumes, pó-de-arroz, água-de-colônia, dentifrício. Ria-se sòzinha e, alisando os cabelos, exclamava:

— Teesa é feia! Teesa é feia!

— Eu não sei o que se passa naquela cabecinha — comenta Dona Madalena — mas Maria Teresa repete sempre isso e, quando se lhe diz o contrário, ela replica:

— Não diga isso, Teesa é feia! — E arranca a fita do cabelo, jogando-a no chão.

A tia Zezé continua:

— Hoje, depois do almôço, fêz manha porque lhe cortaram as unhas. A pobrezinha, com as mãos abertas e os dedos afastados uns dos outros, inconsolável, chorava:

— Engude, engude as minhas unhas! — Queria que as grudassem nos dedos.

— Vivi, porém, tem bom coração. À noite, quando estava deitada, ouvi uns passinhos; depois, um vulto branco se aproximou de minha cama. Era Vivi banhada em lágrimas.

— Tia Zezé, eu não posso dormir; fui tão màzinha! Uma voz, aqui dentro, me diz que o Menino Jesus não está contente. Êle está triste. Eu não posso dormir assim, tia Zezé, porque a voz da consciência está falando. Preciso pedir perdão a Nosso Senhor.

De joelhos, muito arrependida, ela me disse depois de ter rezado o Ato-de-Contrição:

— Eu não vou mais fazer tolices. Quero ser boazinha como a Marianita e Maria Lúcia. Sabe, tia Zezé, Maria Lúcia passou dois meses em Lindóia, mas, ao voltar para o Colégio, em oito dias, recuperou a "cintura" do mês e ganhou a recompensa da semana! Imagine que ela é a primeira da classe e a segunda do colégio! E ela é ainda pequenina; o que será quando fôr grande?

— Com licença... estão me chamando... — diz tia Maria José levantando-se da cadeira de balanço e entrando no salão.

A MORTE DO LÚCIO

— Tia Zezé, venha depressa, tia Zezé! Eu estava guardando numa latinha uma porção de chocolate e balas para distribuir aos pobres no Domingo de Páscoa. Estava me privando por causa dos pecadores, não é, Maria Lúcia?

E agora... num soluço, Carlotinha acaba:

— Maria Teresa e Marcos estão comendo todos os meus sacrifícios! Maria Teresa, segurando a lata, disse: "É de Teesa! É de Teesa!" Ela não quer me dar... **Os meus sacrifícios!**

— Não chore, minha Lotinha — consola tia Maria José abraçando-a. — Eu lhe darei outros chocolates.

— A desgraça não é tão grande, Lolota, para você se entristecer assim — acrescenta Maria Lúcia.

— Ah! É porque você nunca passou um desgôsto em sua vida — replica Carlotinha.

— Eu não tive desgostos? E a morte do Lúcio? Você não se lembra? Ah! Lolota! É porque você não era mãe dêle! Foi há muito tempo... eu era pequenina, mas tinha cuidado com "meus filhos"... Carregava-os no colo com um jeito de gente grande, um jeitinho especial! Um dia, quando eu voltava do passeio, encontrei um dos meus bonecos, o mais querido, sem cabeça!



Uma priminha, brincando com êle, deixou-o cair no chão. Ah! Lolota! Eu chorava tanto apertando nos braços o meu Lúcio de cabeça quebrada, que ninguém podia e conseguia me consolar! Descia a escada carregando "meu filho", quando encontrei a Mamãe que me disse:

— Não chore, Lúcia, eu lhe dou outro boneco.

— Não será mais o Lúcio — disse eu soluçando.

Mamãe, querendo consolar-me, acariciava-me.

— Minha filha, não fique triste; na loja há outros bonecos. Vou à cidade e comprarei um igualzinho ao Lúcio para você.

Muito triste e inconsolável respondi:

— Mas, Mamãe, se eu morresse e pusessem outra no meu lugar a senhora achava que seria a mesma coisa? Nunca! Nunca mais a senhora poderá me dar outro Lúcio...

— Maria Lúcia — diz tia Maria José — conte aquela história do sacrifício de Joaquim, lembra-se?

Carlotinha lança um olhar para a tia e, com um "arzinho" incrédulo, pergunta:

— Mas... o Joaquim ainda não tinha dois anos e já fazia sacrifícios?

Maria Lúcia começa a contar:

— A história é verdadeira. Certa noite, no fim do jantar, a mãe de Joaquim perguntou-lhe brincando:

— Meu filho, você dá esta bala para mamãe?

— Não. Joaquim vai comer a bala.

— E ao Papai do Céu, você dá?

Joaquim pensa um instante... como deseja muito o bombom, diz:

— Não. Não posso.

— Por que não pode? — indaga a mãe.

O menino, não estando com vontade de fazer sacrifício, procura um pretexto:

— Faz mal. Papai do Céu tem "dodói" na perna, no cabelo e tem "fiídas". (Referia-se à Imagem de Jesus Crucificado.)

— E afinal êle comeu a bala? — pergunta Carlotinha muito interessada.

— Não. A vovó do Joaquim, estando presente e sabendo que o netinho gostava muito de Jesus Crucificado, mostra-lhe um Crucifixo, dizendo:

— Olhe, Joaquim, então você não quer dar a bala ao Papai do Céu?

A criança, olhando a imagem, enche-se de coragem e com um beijo no Crucifixo, entrega a bala...

IX

TITIA, POR QUE SEUS OLHOS ESTÃO ASSIM TÃO GRANDES?

No dia seguinte uma brisa de bonança passou pela Fazenda de Santa Cruz. A tempestade acalmou-se. Um longo passeio através dos campos e bosques tranqüilizou os ânimos e restituiu o bom comportamento à criançada. Agora, está o pessoalzinho reunido no salão à espera da tia Maria José, que vai ler o "Livro do Menino Jesus". Um vulto, porém, atravessa o corredor.

— É a vovó! Viva a vovó Sofia! — gritam os pequenos.

— Fiquem quietos — recomenda Vivi. — Eu vi a vovó fazendo aquêles caramelos ultragostosos.

— Você viu? Ah! Ah! Ah! Você lambeu a panela! — retruca a Laurinha, que pode ser chamada "Dr. Sabetudo", pois tudo sabe, tudo vê e de tudo toma conta.

Vovó Sofia entra, escondendo maliciosamente uma latinha com os caramelos ultragostosos e os distribui aos netinhos.

— Eu só quero oito caramelos! — clama Chiquito, na esperança de ganhar mais do que os outros.

Vendo entrar a tia Maria José, a vovòzinha desaparece pela porta do fundo.

As crianças, batendo palmas, bradam:

— Viva nossa avòzinha! Obrigada, vovó Sofia!

1.ª Parte

— Tia Zezé, desde o princípio do Catecismo, você prometeu me ensinar as diferentes partes da Missa — reclama Carlotinha, jogando na bôca o último caramelo . . .

— É o que pretendo explicar-lhe, Lolota; você parece ter adivinhado meu pensamento. Vocês querem entender melhor a Missa? — pergunta tia Maria José aos sobrinhos, colocando sôbre a mesa o livro e um cartaz no qual está desenhada a estrutura do Santo Sacrifício da Missa.

— Queremos! Queremos! Assim, quando o Padre Paulo Teodoro celebrar a cerimônia, poderemos acompanhá-lo, rezando as mesmas orações que êle reza no Altar.

— Olhem para esta figura, queridas crianças; fiquem quietinhas e prestem bem atenção:

A Missa se divide em duas partes.

A 1.ª parte é a preparação. O Padre prepara o Sacrifício.

Falamos a Deus e Deus nos fala.

Depois de rezar as orações **ao pé do altar,** o Sacerdote sobe os degraus e diz o **INTROITO, KYRIE, GLORIA.**

As crianças olhando para o cartaz repetem: **Introito, Kyrie, Gloria.**

Tia Maria José, apontando com o lápis, segue o desenho.

O Padre reza a **Oração.** Lê a **Epístola** e o **Santo Evangelho.**

Nas **Orações, Epístola** e **Evangelho,** falamos a Deus e Deus nos fala.

O Sacerdote termina esta 1.ª parte da Missa com a recitação do Credo.

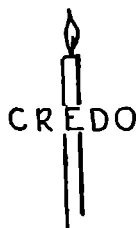
— Tia Zezé, faça perguntas. Eu quero responder

ESTRUTURA DA SANTA MISSA





OFERTORIO







GLORIA

KIRIE

ORAÇÃO

INTROITO

ORAÇÕES AO PÉ DO ALTAR

Salmo - Confiteor

porque sei seguir a Missa muito bem — exclama Laurinha. — O meu tio Padre tinha paciência comigo e ensinou-me uma porção de coisas. Ninguém sabe melhor do que eu!

— Puxa... Como a Laurinha é inteligente! — diz Marcos. — E eu não sei nada. Você me ensina, tia Zé?

— Ensino. Laurinha, então diga como começa a Santa Missa.

— O Padre, saindo da sacristia, acompanhado pelo coroinha, chega ao pé do altar. Todos se levantam em sinal de respeito ao Sacerdote, que representa o Cristo.

O Padre faz o sinal-da-cruz; reza e pede perdão dos pecados. Em seguida, sobe os degraus do altar e reza o **Introito**, que é um cântico de entrada.

— Que significa **KYRIE ELEISON** e por que o Padre repete tantas vêzes esta palavra? — interroga Marianita.

— Eu sei. Vou explicar — replica Cecília, que acompanha também com perfeição as diversas cerimônias e partes da Missa. — O Padre, no meio do altar, diz nove vêzes **KYRIE ELEISON**, que significa: "SENHOR, TENDE PIEDADE DE NÓS." O Padre reza três vêzes cada uma dessas invocações em honra da Santíssima Trindade.

— Eu ainda não disse nada, tia Zezé; estou sentada aqui caladinha... e sei uma coisa tão bonita sôbre o **GLORIA.**

— Diga, filhinha, o que você sabe sôbre o "**GLORIA IN EXCELSIS DEO**".

— O "GLORIA IN EXCELSIS", tia Zezé — fala Carlotinha, endireitando-se na cadeira, sacundindo a cabeleira, sob os olhares vivos das crianças, que aguardam com interêsse e atenção os dizeres.

Tomando forte e prolongada respiração, começa:

— É um canto de amor e de ação de graças. É o hino, tia Zezé, que os Anjos cantaram no Natal, quando o Menino Jesus nasceu no Presépio de Belém.

— Muito bem, Lolota, mas onde você aprendeu isso?

— Foi, titia, no "Livro de Prêmio", que Herculano ganhou no colégio.

Tia Maria José continua a explicação, apontando o desenho da estrutura da Missa:

— A palavra **EPÍSTOLA** quer dizer carta. Em cada Missa, lê-se um pedacinho de uma das cartas que os Apóstolos escreveram aos primeiros cristãos.

Na **EPÍSTOLA**, a gente fica sentada; mas, no **EVANGELHO**, fica-se de pé porque o **SANTO EVANGELHO** é a palavra do FIILHO DE DEUS. É JESUS que nos fala. Evangelho, quer dizer boa nova.

— E, também, a gente fica de pé durante o **CREDO** para professar a fé — diz Laurinha.

— Olhe, tia Zezé, no seu desenho há uma vela acesa no lugar do **CREDO**. É a luz da fé! — exclama Maria Lúcia entusiasmada. — A vela que nós recebemos no Batismo, e que representa a fé, deve estar sempre brilhando na nossa alma.

— **CREDO!** Creio! Creio firmemente na palavra de Jesus! — repetem as crianças, em côro, com vozes vibrantes de entusiasmo.

A tia Maria José está contente com a piedade e ciência dos sobrinhos. Deus revela-se aos pequeninos, pensa ela. Como essas crianças são fervorosas e aproveitam as graças divinas!

Puxando-a pelo braço, os pequenos reclamam alegremente:

— Tia Zezé, tia Zezé, você não acabou de explicar o desenho. Falta a 2.ª parte da Missa! Titia, por que você está parada? Por que os seus olhos estão assim tão grandes? Será que você esqueceu alguma coisa? Ou está pensando na Missão? A gente da roça foi avisada... Pergunte mais, tia Zezé; pergunta mais. Queremos aprender também a 2.ª parte da Missa!

— Ah, ah! Ninguém sabe mais do que eu! — repete Laurinha, pulando e dançando no seu lugar.

A tia Maria José distraíra-se . . . Lançando um olhar à estrada, avistara três carros de bois, repletos de gente.

— Amanhã, cedo, continuarei a explicação da Missa. Agora, é impossível — responde a tia, levantando-se e dirigindo-se para o terraço . . . — Olhem . . . Vejam os sitiantes . . . estão chegando. Meus Deus, onde hospedaremos todo êsse bando?

As crianças, radiantes, correndo para a frente da casa, dão “palpites” . . .

— Tem muito lugar no paiol, tia Zezé. No moinho! Na casa do Sr. Urbano! No barracão verde! Nas casas dos colonos! . . .

— No quarto da Babá há duas camas vazias, tia Zezé; se ela quiser, poderá receber as comadres e os afilhados. Eu vou perguntar se ela quer . . .

— Fique quieta, Lolota, deixe Babá em paz — responde a tia segurando a sobrinha pelo braço.

Carlotinha, porém, não fica sossegada. Consegue escapar da titia. Junta-se ao grupo das primas e volta alguns momentos depois, trazendo pela mão uma negrinha recém-chegada.

— Ah, tia Zezé, veja que pretinha linda! É só por fora que ela é preta. A sua alma está branquinha porque foi batizada. Papai do Céu gosta muito dos pretos de al-

ma branca. Quer que ela durma comigo, no meu quarto, tia Zezé? Eu tomo conta dela. Veja, que gracinha! Você dá esta negrinha para mim? Estava procurando uma criadinha para minhas bonecas. Ela tem cinco anos. E pretinha, pretinha, disse-me que se chama **Branca de Neve**... Que graça!

Os recém-chegados se aproximam.. Desejam cumprimentar a Sinhá Dona Maria José; fazem questão...

— Tia Zezé, a negrinha está pedindo a bênção. Ela é pobre, pobre... Está descalça e tem só êste vestido sujo, coitadinha!

— Espere, Lolota, você não me deixa falar com esta boa gente!

Carlotinha não desanima por tão pouco... puxando a pobrezinha pela mão, diz-lhe:

— Venha, Branca de Neve; venha minha Branquinha. Eu vou lhe arranjar uma porção de coisas com a Mamãe e a Babá. Você gosta de sapato novo, vestido bonito, balas e bonecas? Viu no Cinema a fita da Branca de Neve? Você mora no mato? Encontrou algum anãozinho na floresta? Conhece o Pato Donald? As histórias do Pinocchio e do Legorne Bravo?

A negrinha fica muda de espanto; não dá uma palavra, apenas sacode a cabeça para tôdas as perguntas que lhe faz Carlotinha.

Enquanto Carlotinha e a negrinha Branca de Neve se afastam, os sertanejos, tirando os chapéus, chegam perto da casa...

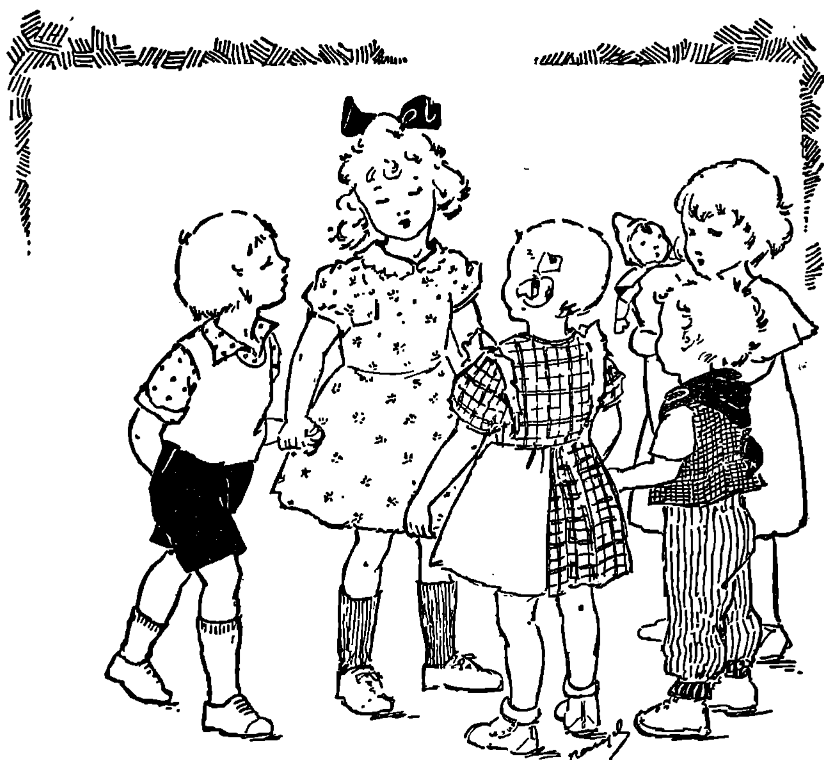
— Bênção, Sinhá Dona! Nós **viêmo** mais cedo, **pro modo** de **arranjá** as estradas **pro** Padre **Missinário**...

Nhô Jeca, torcendo o lenço, explica:

— Sabe, Sinhá Dona, a gente vem **prá prepará a arma** (alma), **pro modo** faz tempo que a gente na roça

no vê o Padre **Missinário.** E êsse **povarel** todo não fêz **a desobriga** (Confissão anual e Comunhão Pascal).

Nhô Jeca pede em nome de **nós todo,** que Sinhá Dona Maria José prepare **uns pra confessá** e **comungá,** outros **pra batizá,** outros **pra casá.**



Dona Maria José exprime aos visitantes o grande prazer de vê-los. Oferece aos mesmos um bom almôço, dizendo-lhes que, quando estiverem acomodados, Dona Elisa e Dona Madalena irão prepará-los para a grande Missão . . .

Carlotinha, querendo imitar as tias, puxa o Marcos pela mão e vai fazer ao bando infantil as honras da Fazenda de Santa Cruz.

X

ACUDA, TIA ZEZÉ

SACRIFÍCIO DE JESUS

2.ª Parte

Tia Maria José reúne novamente os sobrinhos no salão e continua a explicação da Missa.

— A 2.ª parte da Missa é mais importante. É o **SACRIFÍCIO** pròpriamente dito. Vocês já sabem o que é sacrifício (pág. 40). A Missa é o Sacrifício da Cruz que Jesus Cristo renova no altar sob as espécies do pão e do vinho. No **OFERTÓRIO**, Jesus — o Cordeiro de Deus — se oferece por nós ao Pai Celeste. Imola-se por nós na **CONSAGRAÇÃO.** E dá-se em alimento na **SANTA COMUNHÃO.**

Seguindo o desenho, junto com a tia, as crianças repetem:

— As partes principais da Santa Missa são: **OFERTÓRIO, CONSAGRAÇÃO, COMUNHÃO.** Nós nos damos a Deus e Deus se dá a nós.

— Quem chega à Igreja depois do Ofertório perde a Missa — declara com razão Dona Laurinha, olhando para todos os lados a fim de ver o efeito produzido por suas palavras.

— Eu nunca chego atrasada, tia Zezé, e levo sempre uma porção de coisas para oferecer a Jesus no momento do **Ofertório.**

— Que leva você, Lolota? — pergunta a tia sorrindo.

— Levo sacrifícios. Levo Mamãe, Papai. Levo tudo, tudo para oferecer ao Menino Jesus. Você desenhou uma cestinha, tia Zezé, porque antigamente, no momento do Ofertório, os cristãos colocavam aos pés do altar frutas, trigo, tudo que haviam trazido para Deus. Depois da Missa, êsses presentes eram distribuídos ao Sacerdote e aos pobres.

— E você sabe explicar o Ofertório, Lolota?

— Sei, sim. O Sacerdote eleva para o Céu o pratinho (pátena) onde se acha a **Hóstia**, feita de grãozinhos de trigo; depois levanta o cálice que contém o **Vinho,** feito de uvas. É neste momento do **Ofertório**, tia Zezé que eu ponho na pátena meu coração com as coisas que eu quero oferecer a Deus. Digo: "Meu Deus, ofereço-me tôda a Vós".

— Mas, esta Hóstia que o Padre oferece já é Jesus?

— Não, tia Zezé. Antes da Consagração a Hóstia é pão. E o que está no Cálice é vinho.

— Muito bem, Lolota; agora, escute um pouquinho porque é muito bonito... Unindo nossas vozes às dos Anjos do Céu, o Sacerdote diz: "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos Exércitos." O Sacristão toca a campainha. Percebe-se que há maior silêncio e recolhimento. Aproxima-se o momento da...

— **CONSAGRAÇÃO!** — respondem as crianças interrompendo a tia. — A gente se ajoelha em profunda adoração. E quando o Padre levanta a Hóstia e o Cá-

lleo, a gente diz como São Tomé: "Meu Senhor e meu Deus".

A tia Maria José, em tom compassado e solene, fala:

— Como na Última Ceia, realiza-se o milagre: O Pão é mudado em Corpo e o Vinho em Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Jesus, sem derramar Sangue, renova no altar o Sacrifício da Cruz. POR CRISTO + COM CRISTO + EM CRISTO, o Sacrifício é oferecido ao Pai Celeste, na unidade do Espírito Santo.

— É isto mesmo, tia Zezé, o Sacrifício da Missa é oferecido à Santíssima Trindade — diz Marianita com vozinha meiga e piedosa.

— Chega o momento da **COMUNHÃO.** O Padre termina o Sacrifício recebendo o CORPO e o SANGUE de Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Nós nos demos a Deus no **OFERTÓRIO**; na Santa Comunhão, Deus se dá a nós — diz Herculano.

— Eu tenho tanto desejo de receber Jesus na Missa, tia Zezé, que às vêzes custo a agüentar a vontade de acompanhar Herculaninho quando êle vai receber Nosso Senhor! — exclama Carlotinha com grande fervor e cruzando os bracinhos sôbre o coração.

— Muito breve, Lolota, você poderá realizar seu desejo. Falta pouco tempo para você fazer a Primeira Comunhão. Poderá então comungar e tomar maior parte no Sacrifício da Missa. E, como Herculano, voltará para casa carregando o maior tesouro do mundo: **A VIDA DIVINA** recebida na Santa Comunhão.

— Antes de a gente ir embora, o Sacerdote abençôa os que estão na Igreja — ensina Laurinha levantando-se e arrastando a cadeira.

As crianças, imitando-a, fazem grande barulho.

A tia Maria José protesta contra esta falta de educação...

O "pessoalzinho" desculpa-se e cai sôbre a titia com beijos e abraços.

— Viva tia Zezé! — gritam ao mesmo tempo Marcos e Carlotinha. A jovem tia, comovida, exclama:



— Não sei ralhar. Esta gente miúda amolece-me o coração...

FOI A CANA!

— Tia Zezé, acuda logo a Clara — grita Carlotinha, a plenos pulmões, lá no fundo do jardim.

— Meu Deus, que será? — diz aflita a boa tia, indo ao encontro da sobrinha, que está pálida e não pode respirar devido ao susto.

— Mas que foi?

— Sabe, tia Zezé — explica Carlotinha muito branca e com a respiração ofegante — foi a cana . . . não, foi o caramelo!

Com receio de ofender a vovó Sofia, acrescenta:

— Não . . . eu acho que foi a cana, que estava muito dura; não se assuste, tia Zezé, não foi nada . . . é só que a Clarita vai ficar com um buraco na bôca!

— Por que, Lolota? Onde está Clara? — pergunta a tia aflita, dirigindo-se para o jardim.

Carlotinha continua a explicar:

— Quando ela foi chupar a cana ou o caramelo sentiu um estalo e agora o dentinho está mole . . . vai cair.

Vivi disse que precisa chamar o dentista para grudar o dente com chumbo, senão a Clara ficará "banguela" para a Primeira Comunhão! Coitada da Clara . . . É capaz de engolir o dente, não é, tia Zezé?

— Menina, que susto você me pregou! Como é tolinha! Tôda criança muda os dentes e pode muito bem fazer a Primeira Comunhão sem êles.

— Mas, Clara tinha uns dentinhos lindos . . . pareciam de marfim . . . todos direitinhos e iguais. Agora, tia Zezé, o dentinho está dançando — acrescenta Carlotinha, com uma cara de fazer pena.

— Ai, meu dentinho! Meu dentinho . . . Vou ficar sem meu querido dentinho! — chora Clarita, acompanhada pelo grupo dos pequenos, cada qual mais espantado!

— Tem sangue! — diz Maria Teresa tôda arrepiada e escondendo os olhinhos castanhos com o braço roliço.

— Ai, meu dentinho! Eu não quero ir ao dentista, tia Zezé; eu tenho mêdo... êle tem uma mão tão grande! Grude, por favor, meu dentinho com chumbo, tia Zezé!

A tia Maria José convence a Clarita que é preciso arrancá-lo e vai buscar um carretel de linha. A menina está pronta a fazer sacrifício. Abre a boquinha... pronto! Saiu o dentinho branco que será oferecido ao Menino Jesus.

— Que coragem de Clarita! — replica o pequeno Marcos, amarelo como um boneco de cera.

A GALINHA MARAVILHOSA

Carlotinha corre ao galinheiro a avisar a Babá... De longe bate palmas, mas a boa ama, sempre atenta, hoje está distraída... nem ouve a pequena gritar.

— Babá! Tia Zezé está pedindo água para gargarejo... Que está fazendo a Babá?

Oh, surprêsa! Queimando o ninho da galinha que estava no chôco... Os pintainhos saíram! Carlotinha, na alegria, esquecendo o sofrimento da Clara, volta aos pinotes para buscá-la.

— Graças a Deus — diz a tia — nasceram em tão boa hora!

E Clarita, ainda com o bochecho d'água e sal, corre à frente do grupo infantil que segue a Carlotinha para ver a prole da espôsa do galo.



— Quinze pintainhos amarelinhos! São lindos... Olhe como êles se abrigam sob as asas da galinha! — diz Marcos, deitando-se no chão para melhor contemplar os recém-nascidos.

Marcos atira-lhes migalhas de pão. Maria Teresa imita seu gesto.

— Os pintinhos comem milho! — protesta Marianita em tom de superioridade.

— Jesus se comparou a esta ave! — ensina Pedrico, que não perde ocasião de preparar-se para as futuras pregações, Jesus vela por nós como a galinha pelos pintainhos.

— Sabe, Clara, essa galinha é como as outras; põe ovos dos quais saem pintos, porém Babá tem uma amiga que possui uma... — Carlotinha dá um estalo com a bôca — uma galinha que só vendo... é maravilhosa! Põe ovos pintados de azul, côr-de-rosa, verde... ovos de Páscoa lindos! Ainda êste ano, no Domingo da Ressurreição, a amiga de Babá me mandou um ôvo dourado! — Dá outro estalo com a bôca. — Eu tive pena, Clarita, que ela não tivesse me mandado a galinha que põe aquêles ovos!...

— Eu já vi uma dessas galinhas na loja. Era tôda de ouro e custava um dinheirão... acrescenta Marcos dando risadas.

XI

A MISSÃO

— Deixe-me, Babá. Eu também vou à estação buscar o Padre Paulo Teodoro. Quer que eu fique sòzinha em casa? — diz Carlotinha, oferecendo na palma da mão um pouco de açúcar à Estrêla e trepando na égua.

Babá, horrorizada com a independência de Lolota, exclama, deixando cair os braços com desânimo:

— Também, Dona Elisa faz tôdas as vontades a esta menina! No tempo de Sinhá Velha não era assim... Moça não saía de casa... mas, hoje em dia, depois que Sinhá Zezé monta a cavalo **pra i buscá hospe, tá** tudo perdido... **Num** posso **dizê** mais nada! **É mió** eu **i fazê** os **doce pra** festa e **num** vê essas **coisa.**

E a boa Babá se retira não podendo assistir à partida, a cavalo, de sua Lolota e de quase tôda a família.

Na estação, os fazendeiros esperavam ansiosamente a chegada do Padre Missionário que deveria, durante nove dias consecutivos, pregar a Missão na Fazenda de Santa Cruz. Os cavalos, os carros de bois foram enfeitados com galhos de árvores e bandeirolas.

O Guarani, reservado para o Pregador, via-se pela primeira vez com o pêlo coberto por uma linda manta de damasco vermelho. Os colonos, porém, conservavam-se à distância. E era de longe que êles saudavam "Sua Divina Majestade", conforme costumam chamar na linguagem ingênua e respeitosa o Padre Missionário.

— Bênção — diziam êles juntando as mãos à passagem do Padre Paulo Teodoro pela estrada.

Estrondosos foguetes assustavam os cavalos pouco habituados a tantos festejos. Já havia caído no esquecimento que noutra ocasião o barulho fôra tamanho que irritara o animal. O cavalo, empinando-se, derrubara o cavaleiro e êles, assustados, gritavam:

— O Padre Santo caiu no chão! O Padre Santo caiu no chão! — E correram para beijar-lhe a batina e levantar o Padre Santo, que recebeu o título honroso de "Vossa Santidade".

Finalmente, após uma hora de marcha, o alegre cortejo sobe a Alameda das Palmeiras e chega ao casarão patriarcal da Fazenda de Santa Cruz, onde recebe novas salvas de foguetes dadas por sitiantes curiosos, à espreita de "gente" que vem da cidade.

O Padre Paulo Teodoro não se deixa intimidar. Habituado a evangelizar o Alto Sertão, acolhe os colonos com bondade paternal. Em poucas horas, torna-se o grande amigo do povo. O "Padre Santo" que lhes impõe respeito e temor, mas que acolhe com caridade e doçura o pecador arrependido, com paciência inesgotável ouve as suas histórias sem fim . . .

É êle, o abnegado missionário, que para conquistar almas deixa família e Pátria. Dedica-se a todos. Concede o perdão de Cristo e derrama sôbre os bons e maus o orvalho da palavra divina.

NA MADRUGADA

Fôra armado um grande santuário no terreiro embandeirado. O povo, acorrendo das fazendas vizinhas em bando, se aglomera para ouvir a Santa Missa, diá-

riamente, às cinco horas da madrugada, entoando cânticos a Nossa Senhora com fé e fervor.

É um magnífico espetáculo a Missa Campal! O celebrante faz descer do céu à terra o Salvador do mundo e o povo simples, na sua piedade intensa, ajoelhado na terra, faz subir a Jesus suas preces pelas mãos de Maria.

Depois da Santa Missa os colonos instalam-se para ouvir as pregações do Sacerdote.

O Padre Paulo Teodoro com palavras simples, porém vibrantes de unção, convida as almas para seguirem a Jesus no caminho da Verdade e da Vida.

Seu auditório é simples; é ignorante! Ávido, todavia, de ouvir a palavra de Deus. O Padre poderia falar horas inteiras... essas almas sempre prontas a ouvi-lo deixariam, de boa vontade, plantar a semente divina nos seus corações.

O Missionário começa explicando-lhes os mistérios da nossa santa fé. Fala-lhes da Encarnação. O Anjo Gabriel, descendo do céu, anunciou à Virgem Maria que Ela seria a Mãe de Deus. Para nos atrair, diz o Padre:

— Jesus, o Filho do Pai Eterno, se faz pequenino, nasce de Maria Virgem e, pobrezinho, é colocado num presépio em Belém. É aos pastôres, que guardavam os rebanhos nas montanhas, que os Anjos anunciam em primeiro lugar o nascimento do Salvador. E, de seu berço de palha, o Menino Jesus, abrindo os bracinhos, nos convida: "Vinde, vinde a Mim".

MOMENTO CRÍTICO!

Às duas horas da tarde principia o "catecismo" das crianças. No primeiro dia elas não são numero-

sas, mas o Missionário, conhecendo a alma dessa gente, organiza uma procissão... Com dez a doze crianças, fazendo o bando juvenil cantar, sai pelas estradas.

Outras meninos e meninas vão se juntar ao gracioso cotejo. E no fim são trezentas crianças que assistem ao Catecismo. Como variam os tamanhos, formam-se diversos grupos.

Dona Madalena, Dona Elisa e Maria José ajudam o Sacerdote no ensino da doutrina cristã.

Cecília e Maria Cândida querem também tomar parte na catequese. E Carlotinha, muito convencida, ocupa-se de um grupo de bebês. Instala seu pequenino bando junto a um muro; senta-se num tronco de árvore, mas oh! momento crítico!... As alunas olham para a professôra, e a mestra, por sua vez, fixa o olhar nas discípulas... porém, não sabe começar a lição... Corre à procura de tia Maria José.

— Tia Zezé, como é que eu começo?

— Ensine o sinal-da-cruz, que é o sinal do cristão.

— E depois?

— O Pai-Nosso, a Ave-Maria, o Creio-em-Deus-Pai e, se quiser, pode contar-lhe uma história.

Carlotinha retoma seu lugar, mas logo volta para perto da tia.

— Imagine, titia, aquela pretinha de cabelo cheio de trancinhas, que se chama Branca de Neve, tem cinco anos e não sabe fazer o sinal-da-cruz! O que é que eu faço?

— Pois ensine, Lolota. Não venha mais aqui, senão suas alunas vão se aborrecer e irão embora.

Carlotinha volta a seu pôsto; com a vivacidade própria da idade, muito depressa desanima e, virando-se para a tia, exclama:

— A Branquinha não aprende, tia Zezé! Está com o dedo tão duro! Já lhe ensinei três vêzes o sinal-da-cruz.

Tia Maria José exorta-a a ter paciência e a ensinar a mesma coisa não só três vêzes, mas até dez e vinte vêzes.



À NOITE

Lá pelas seis ou sete horas, aproveitando o luar, todos se reúnem de novo para o têrço, sermão e bênção do Santíssimo Sacramento.

O Padre Missionário prega sôbre o mistério da Redenção:

— Eu sou o Bom Pastor, disse Jesus. E o Bom Pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas, porém, o mercenário, ao ver chegar o lôbo, deixa as ovelhas e foge. As ovelhas seguem o pastor porque conhecem sua voz, mas não seguem os estranhos, antes fogem diante dêles.

Os sertanejos sacodem a cabeça em sinal de aprovação às palavras do Pregador.

— Vós sois as ovelhinhas do Bom Pastor — explica o Padre Missionário — e Jesus deu a vida por vós, padecendo e morrendo na cruz por vosso amor e para vos salvar.

E descrevendo a paixão e morte do Redentor, o Padre Paulo Teodoro arranca lágrimas de compaixão dos olhos dêsses campônios ignorantes, mas muito amados de Nosso Senhor.

Se o espetáculo da manhã foi grandioso, a reunião noturna, iluminada pelo magnífico luar do sertão, parece ainda mais bela e imponente. Centenas de vozes se dirigem ao Deus Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra.

Como é impressionante o canto do povo! É admirável como sabe cantar e gosta de elevar a alma a Deus por meio de cânticos.

Durante a bênção, a multidão — ajoelhada — quer prestar homenagem a Jesus Eucaristia e todos, erguendo para o altar as velas acesas, cantam os dois primeiros versos do "Tantum ergo Sacramentum".

O Sacerdote continua sòzinho dois versículos do hino; êles, então, abaixam as velas para levantá-las de novo cantando como estribilho:

"Tantum ergo Sacramentum
Veneremus cernui."

E assim por diante . . .

Serapião assiste a todos os exercícios da Missão. Já não parece o mesmo moleque. Babá, comovida por esta conversão inesperada, faz promessas em profusão.

Carlotinha, assistindo à bênção, no terraço, puxa o braço de Marianita, dizendo-lhe:

— Reze! Reze para Serapião fazer bem a Primeira Comunhão.

Terminada a bênção do Santíssimo, o povo volta para suas casas. Novamente, espetáculo emocionante... Ouve-se de longe a multidão cantar:

"Bendito e Louvado seja o Santíssimo Sacramento.
Os Anjos, todos os Anjos louvem a Deus para sempre,
Amém."

O dia, porém, não está terminado . . . muitos sertanejos esperam ainda o momento da confissão. E o Padre, exausto pelo trabalho e calor do dia, tendo durante horas inteiras confessado, batizado e administrado algumas vêzes o Sacramento do Matrimônio, permanece até meia-noite no seu pôsto dando absolvição aos pecadores.

É penoso . . . difícil . . . A paciência do missionário recebe muitos assaltos; tudo, porém, é extremamente consolador. A colheita é intensa e as almas se entregam a Deus com uma facilidade extraordinária.

No fim da Missão, o Missionário, pescador de almas, voltando para sua casa, sente a rêde pesada. Sabe que trabalhou muito para a glória de Deus. Eis por que, apesar da fadiga e labor incessante, êle se despede com tristeza dos seus filhos do mato e tem saudades do luar lá do sertão!

— Bendita seja a Santa Trindade e a Indivisível Unidade de Deus. Louvemo-LA, porque foi misericordiosa para conosco. Senhor, nosso Deus, quão admirável é o vosso nome por tôda a terra!

O Missionário deseja falar da Santíssima Trindade, mas, antes, interroga os colonos. Êles quase sempre ignoram êsse augusto Mistério de nossa santa religião. O Padre prevê respostas absurdas; habituado a entrar nos meios incultos, lastimou — muitas vêzes em seu coração — a completa ignorância dos pobres campônios.

— Vamos lá, Serapião, diga: quais são as pessoas da Santíssima Trindade?

— Padre, Filho e... minha mãe!

— Êle **num** sabe; êle é muito ignorante, Padre Santo, **pro modo** o Serapião viveu sempre no Alto Sertão. As três Pessoas da Santíssima Trindade são: Jesus, Maria, José! — exclama o Sr. Urbano torcendo os bigodes, satisfeito, pensando ter dado excelente resposta.

É preciso paciência... mas o Serapião e o Sr. Urbano acabam aprendendo que há um só Deus em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

O Missionário sente quanto essas almas precisam de Sacerdote... Como é útil uma Missão! Um Mistério que deveria ser adorado em tôda a terra é ignorado por grande parte da humanidade!

Carlotinha, ouvindo comentar as instruções do Missionário, exclama:

— Que coisa extraordinária! O Padre Paulo Teodoro explica aos colonos a mesma coisa que tia Zezé me ensinou: "Há um só Deus em três Pessoas. O Filho de Deus, Jesus, nasceu pobrezinho no presépio de Be-

lém. Morreu na cruz para nos salvar e ao terceiro dia ressuscitou." Será que o Padre Paulo Teodoro leu o "Livro do Menino Jesus", que tia Zezé escreveu para mim?

Herculano, que parecia distraído, acompanhando a atividade de um formigueiro, levanta-se e responde:



— Mas, Lolota, você não sabe que a doutrina cristã é uma só? Quando tia Zezé escreveu o "Livro do Menino Jesus", para você, o Padre Paulo Teodoro já havia ensinado essas Verdades aos sertanejos do Norte. Antes dêle muitos outros Missionários ensinaram a mesma coisa aos selvagens. E muito antes dos Missionários os Apóstolos espalharam o Santo Evangelho, que êles aprenderam dos lábios de Nosso Senhor. Pois nesta união está a beleza da nossa religião católica! Em qualquer parte do mundo, você ouvirá sempre a mesma doutrina, receberá os mesmos Sacramentos.

— É lindo, lindíssimo! — exclama a pequena, entusiasmada. — Mas, você pensa que eu não sei tudo isso? (Carlotinha cantarola) Dr. Sabichão — ão — ão!

Herculano um tanto arreminado:

— Então, por que me provoca? Dona Sinhàzinha — zinha — zinha!

A menina procurando agradar ao irmão:

— Herculaninho, deixe as formigas. Vamos apanhar jabuticabas?

— Vamos! A jabuticabeira está carregadinha de frutos.

Mãos nos bolsos, Marquito decreta — Eu, também vou comer jabuticabas. — E segue os primos.

O senhor Tip, orelhas em pé, abanando o rabo, vai lampeiro à frente das crianças.

— Cuidado Tip, não seja guloso! Não se lembra da indigestão do ano passado? Seus olhos ficaram vermelhos como duas brasas. Tip! Tip! Se você ficar doente, eu direi à avòzinha que a culpa foi sua. Você não quis me ouvir. Tip! Tip!

O cachorrinho pouca importância dá aos avisos da menina. E cada vez que Herculano, trepado na árvore, deixa cair ao chão uma frutinha preta, Tip avança e engole a jabuticaba com casca e caroço. Mais tarde, êle irá procurar e mastigar o capim especial, muito amargo, para recuperar a saúde abalada.

PACIÊNCIA! PACIÊNCIA!

Debaixo de frondosa mangueira, o Padre Paulo Teodoro confessa sem cessar; cenas encantadoras se passam a seu redor, na grande campina, enquanto as catequistas improvisadas preparam o pessoal para a confissão.

— Então, Nhá Chica, já se confessou?

— Já fui e já voltei, Sinhá Madalena, mas não me confessei. No caminho encontrei Dona Sinhá Zezé e ela me disse que não estou preparada... E Sinhá está vendo que eu me preparei. Vesti a roupa nova, chale novo que Sinhá Madalena me deu! Sinhá está vendo? Pois Dona Zezé disse que eu não estou bem preparada!

Dona Madalena explica-lhe que para fazer boa confissão é preciso preparar o coração.

Um colono quer se confessar a Santo Antônio, "Deus, a gente do sertão nunca vê, diz êle, mas Santo Antônio tem o retrato na igreja; é mais fácil!" E a

Dona Madalena leva uma hora convencendo ao Quim Pafúncio que, sem ofender a seu amigo Santo Antônio, êle deve confessar-se a Deus, pois só Deus tem o poder de perdoar os pecados.

Um terceiro, o Mané Jagunço, deu o que fazer a tia Maria José. A tudo, que ela perguntava, o sertanejo respondia: Eu não. Eu sim. Eu não. Eu sim. E não saía disso...

A tia Maria José, que recomendara paciência à sobrinha com a pretinha Branca de Neve, ficou tonta com o matuto Mané Jagunço.

— Você já se confessou?

— Eu não!

— Mas... quer se reconciliar com Deus?

— Eu sim!

— Lembra-se quando foi a última vez?

— Eu não!

— Quanto tempo mais ou menos?

— Eu sim!

— Diga, Mané, para eu ver se você sabe...

— Eu não!

— Em que época do ano?

— Eu sim!

— Mas foi há muito tempo?

— Eu não!

Tia Maria José desiste. No dia seguinte, inspecionando seus discípulos, encontra-se de novo com Mané Jagunço mostrando, nos olhos brilhantes, grande vontade de recomeçar a conversa da véspera. Tia Maria José, armando-se de grande dose de paciência, explica-lhe que antes de tudo êle deve dizer ao Padre quando foi a última vez que se confessou.

— Foi no tempo de Frei Caetano — responde Mané muito satisfeito por conseguir alguma coisa.

— E quando foi isso?

— Quando o Senhor Bispo passou por aqui.

— E, Mané Jagunço, lembra-se quando foi?

— No tempo das águas! — responde o sertanejo cada vez mais triunfante.

— Sim, mas há enchentes todos os anos — replica tia Maria José, desanimando.

O Mané Jagunço sorrindo:

— Foi quando me casei, Sinhá Zezé, não lembra? Houve festa, houve briga...

— Eu não estava aqui — diz tia Maria José com a sua costumada doçura. – Quando foi isso?

— Foi depois da colheita do feijão!

A tia Maria José, ficando na mesma, retira-se dizendo:

— Ah! Só mesmo a paciência e a paciência do Padre Paulo Teodoro é que agüenta essa gente!

Dona Elisa encontra Marcelino, que sempre aparece para vender mandioca aos fazendeiros.

— Então, Sr. Marcelino, não quer aproveitar a passagem do Missionário para se reconciliar com Deus?

Marcelino abaixando a cabeça e torcendo o chapéu entre os dedos, responde:

— Não posso? Sinhá.

— Pode, sim — insiste com bondade Dona Elisa. — Fale com o Padre. Êle lhe dará bons conselhos...

— Num posso, Sinhá. Eu não trouxe o saquinho...

Dona Elisa não compreende...

— Não precisa de saco; o Padre não cobra nada.

Marcelino, torcendo e retorcendo o chapéu, explica:

— Mas... é, Sinhá, que no saquinho estão meus pecados.

— Os seus pecados estão dentro do saco? Mas, como?

— Sim, Sinhá, cada vez que o Marcelino briga com Nhá Chica, **muié dêle**, Marcelino põe uma pedrinha no saco. E o saco está lá em casa, em riba da prateleira. Marcelino não pode **confessá** porque não sabe quantos pecados tem . . .

Serapião também irá se confessar. Há dois meses que tia Zezé lhe ensina diàriamente o Catecismo. No Domingo de Pentecostes, último da Missão, êle deverá fazer a Primeira Comunhão.

Chega à porta da cozinha, espia para dentro e diz:

— Joaquina, cozinheira, chame a Sinhá Elisa, **pro modo de que** quero **falá cum ela.**

Joaquina dá o recado. Dona Elisa se levanta:

— Ainda o Serapião . . . Que pode êle desejar?

— Escute, escute, Sinhá — repete o moleque. — Dona Zezé disse que hoje vou me confessar, mas . . . eu tenho o canivete do Nhô Marcelino e o Padre Santo é capaz de vê o canivete no meu bôlso; escute, escute, Sinhá, o que é que eu faço?

Com muita bondade e doçura, Dona Elisa explica-lhe que antes da confissão êle precisa restituir o que não é seu.

— Escute, escute, Sinhá, o Nhô Marcelino me bate!

— Dê cá o canivete, Serapião, eu o entregarei ao Marcelino sem dizer que foi você. . .

Serapião, que está sinceramente convertido, dá um beijo de despedida no canivete, entregando-o a Dona Elisa.

Quando Dona Elisa, muito comovida, vira as costas para não mostrar emoção, Carlotinha, aproveitando a ocasião, diz baixinho ao moleque:

— Serapião, não se esqueça de contar que você mentiu e me enganou.

Serapião, pondo as duas mãos na cabeça, exclama:

— Hi! Hi! Sinhàzinha, escute, escute, eu tenho tantos pecados que **inté tou tremendo**! . . .

— Não tenha mêdo, Serapião; o Padre é muito bom e na confissão Deus perdoa todos os pecados. Não esconda nenhum porque seria um sacrilégio. Se você quer esconder algum pecado, então não deve se confessar. É melhor não ir do que fazer uma má confissão!

— Qual nada, Sinhàzinha! Eu vou **dizê** tudo, tudo para Deus me **perdoá** . . .

— Olhe, Serapião, quando fôr a sua vez, mande me avisar, ouviu? Quero ficar rezando para você ter uma grande contrição dos seus pecados.

Lá pelas três horas da tarde chegou a vez do Serapião se confessar. Apenas ajoelhado aos pés do Sacerdote, lembra-se da recomendação de Carlotinha . . . Olha para trás . . . Não vendo a pequena, diz ao Padre:

— Espere, Divina Majestade! eu vou **visá** Sinhá Lolota. — E sai correndo . . .

Ajoelhada, longe da grande mangueira, Carlotinha desfila as contas do têrço e tem a alegria de ver o Serapião, contrito, chorando, contar suas faltas ao Sacerdote, que lhe concede o perdão em nome de Deus.

— Ah, como eu estou leve, Sinhàzinha! — exclama êle depois da confissão. — Não tenho mais pecado. O Padre Santo disse que os Anjos no Céu estão se alegrando porque um pecador se converteu.

LÁ VÊM ÊLES!

— Que é aquilo? Lolota, venha ver! Que será?

— Parece que êles vêm para dentro de casa! Que horror! — E, curvando-se para melhor enxergar, Car-

lotinha põe a mão na testa, aperta os olhinhos e grita: Lá vêm êles!

As duas pequenas assustadas fecham a grande porta de entrada e correm para dentro ... Vão comunicar à família aquilo que viram...

— Está aí um mundo de gente — avisa Carlotinha.

— Uma multidão — repete Laurinha, que não perde ocasião de olhar tudo o que se passa dentro e fora de casa.

Na carreira, esbarra com Vivi e Marcos que voltavam do pomar, pés descalços, roupas rasgadas. Traziam uma cesta cheia de mangas; diversas foram experimentadas, voando, porém, pelos ares, por não estarem bastante gostosas... Acompanha-os Marianita, carregando enorme jaca.

— É capaz de ser revolução!

— Não, Vivi, parece casamento — responde Marianita.

— Qual nada! — declara Maria Cândida, espiando pela janela e segurando nas mãos a cana que estava descascando há alguns minutos. — É uma procissão de roça... Vocês não estão ouvindo o canto? Olhem. Escutem!

— É **pocição** — repete Maria Teresa.

Ouvem-se vozes de homens, velhos, crianças que se aproximam cantando.

O chefe do bando pede licença para entrar e a procissão vai, em romaria, ao quarto de dormir do "Padre Santo", daquele que é muitas vêzes apelidado "VOSSA DIVINA MAJESTADE" por essa gente atrasada, mas cheia de veneração pelo Sacerdote. Lá rezam... cantam, fazem invocações em alta voz, ajoelham-se beijando com fé e devoção a cama, as roupas do Missionário.

Querem levar como relíquias os objetos do "Padre Santo", mas . . . o tio Virgílio intervém, chama o Padre Paulo Teodoro, o qual distribui santinhos aos seus devotos . . .

Os romeiros, satisfeitos, vão se retirando.

A procissão, descendo a ladeira de palmeiras, desaparece na estrada com grande contentamento de Carlotinha, que de longe assistia a essa cena comovedora.

QUERO SER SOLDADO DE CRISTO

Nos últimos dias é administrado o Sacramento da Confirmação. Inúmeras pessoas, não medindo distância, acorrem à Fazenda de Santa Cruz para o recebimento do Sacramento que lhes dá o Espírito Santo.

Carlotinha, com Maria Lúcia e Marianita, de braços dados, formam interessante conjunto, passeando de um lado para outro na alamêda defronte à casa. Lolota está zangada . . . seu rostinho muitas vêzes se contrai pronto para chorar, suas faces estão flamejantes, a fita que lhe prende os cabelos empina-se com ar de revolta.

— Vivi já joi crismada! Herculano já é soldado de Cristo há mais de três anos. E eu . . . eu não sou nada!

Carlotinha queixa-se amargamente . . .

— Herculano já é grande e Vivi mora aqui, na Fazenda — diz Maria Lúcia, consolando a amiguinha. — Nós que moramos na cidade, devemos esperar para ser crismadas pelo Bispo. Êle é que deve administrar o Sacramento da Confirmação. O Padre Missionário, para crismar os sertanejos, precisa de licença especial do Bispo; portanto, Lolota, não fique triste . . .

— Você vai ser crismada no dia da Primeira Comunhão — diz-lhe Marianita.

— Quero me crismar já — responde Carlotinha com petulância. — Quero ser soldado de Cristo neste instante. Vocês não sabem que no Batismo se recebe a graça? E na Confirmação a plenitude da graça? A Confirmação é um Sacramento que nos dá fôrça. Amanhã, se vier um homem mau e quiser me matar porque sou cristã, eu não terei, talvez, bastante fôrça para resistir ao martírio porque não fui confirmada pelo Espírito Santo! Não posso combater todos os meus defeitos... Não sou perfeita serva de Jesus Cristo. E querem que eu espere...

Entra um bando de garotinhos. Vêm à procura da Lolota para a aula de Catecismo.

— Esperem um pouquinho, "meus tico-ticos"... Vou ler antes o que tia Zezé escreveu no "Livro do Menino Jesus":

— "A Crisma é um Sacramento que nos dá o Espírito Santo". Lúcia e Marianita, estão entendendo? Na Crisma recebemos o Espírito Santo. "Êste Sacramento imprime na alma o caráter..."

Carlotinha repete:

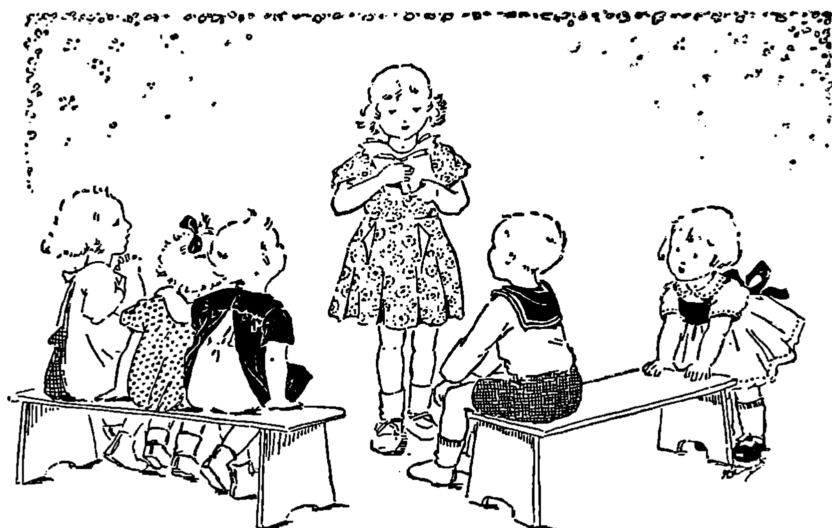
— "... imprime na alma o caráter ... de soldados de Jesus Cristo e nos faz perfeitos cristãos." Disto é que eu gosto: "A Confirmação nos faz soldados de Jesus Cristo". Estão me ouvindo? Sol... Soldados!

— Você está gaguejando muito, Lolota. Deixe que eu leio.

— Não, Marianita. Eu comecei e vou até ao fim. Tia Zezé escreveu, aqui, que "para receber o Sacramento da Crisma deve-se estar em estado de graça".

A menina inclina a cabecinha para trás, levanta os olhos, os braços, e diz com graciosidade:

— Ah, minha gente, garanto a vocês que ainda neste ano eu hei de receber o Espírito Santo! Quero ser soldado de Cristo!



MIL!

Chegamos ao último dia da Missão! Dona Madalena não poupou esforços nem despesas para ornamentar tôda a fachada do velho casarão.

— Tudo o que há de melhor é para Nosso Senhor — dizia arranjando lindas flores para enfeitar o altar. Ela mesma fêz um rico paramento para o celebrante.

Os sertanejos estão transformados; não parecem os caipiras de anteriormente. Além das roupas domingueiras, nas suas fisionomias transparece a alegria que gozaram nesses dias, durante os quais seus corações se encheram de consôlo espiritual. Maria Cândida, Cecília, Carlotinha aparecem a todo momento na varanda para inspeção ao movimento pouco comum da Fazenda . . .

— Arranjei meus doze pecadores — conta Cecília.

— Hoje, é a Primeira Comunhão de Serapião — diz Carlotinha. E seus olhinhos brilham com fulgor.

— A avòzinha da pretinha, Branca de Neve, é minha pecadora — acrescenta Maria Cândida. — Fui eu que a preparei.

— E o Chico Barbudo? Ah, êste foi a Marianita que o convidou e êle nunca havia comungado na sua vida!

A Missa é celebrada com tôda a solenidade. Houve comunhão geral e elevou-se a mil o número de comunhões realizadas durante tôda a Missão.

Um contentamento imenso reina na Fazenda de Santa Cruz!

Que bom proveito para os próprios fazendeiros e que grande glória para Nosso Senhor; se êsses pensassem e se lembrassem de quando em quando de uma Missão nas suas fazendas, que apostolado não fariam entre as almas, das quais êles devem dar contas a Deus...

O povo acorre à Missão como outrora se apressava em ir às pregações de São João Batista. Nessas ocasiões, Deus faz jorrar sôbre as almas abundantes graças.

TODO O MUNDO CHORA

Nesse último dia realiza-se a bênção das velas, terços, medalhas, objetos de piedade, que os sertanejos levam para casa como lembranças da Missão.

Organiza-se uma grande procissão.

A cidade, próxima à Fazenda, fica tôda enfeitada com bandeiras e arcos de triunfo para a passagem do Santíssimo Sacramento. Depois de percorrer as ruas e estradas, irradiando graças e bênçãos, Jesus-Hóstia vol-

ta ao Tabernáculo acompanhado por cânticos, flores e música.

O Padre Paulo Teodoro, já tendo pregado durante nove dias sôbre tôdas as verdades de nossa santa religião, faz eloqüente sermão recomendando aos ouvintes a devoção a Maria. Em seguida, entrega seus queridos filhos do sertão à Mãe do Redentor.

Dá a bênção final, a bênção papal. O povo canta o "Tantum ergo" com as velas acesas e o Santíssimo se recolhe ao Tabernáculo, terminando assim a Missão, sob o maravilhoso luar.

É lindo, é emocionante o espetáculo...

No dia seguinte o Padre Missionário despede-se e distribui santinhos. O discurso que um dos presentes pronuncia é seguido por foguetes, salvas e pelo canto chorado do violão:

O Padre Santo vai embora...
TODO O MUNDO CHORA...

O Padre Paulo Teodoro monta a cavalo e um velhinho com o lenço na mão, como despedida, diz-lhe:

— Que Deus conceda muita saúde a Vossa Santidade, a Vossa Divina Majestade!

XII

PROEZAS DO SR. URBANO

Carlotinha assiste à Missa Solene de encerramento da grande Missão. Ei-la, atenta, a seguir cada movimento do Sacerdote, tendo nas mãos o Missalzinho. Ao Ofertório, por enxergar a Pátena sôbre a qual o Sacerdote oferece a Hóstia ao Pai Santo, Deus Onipotente, enleva-se e, juntando as mãozinhas, diz baixinho:

— Eu, também, como uma hòstiazinha, ofereço-me a Vós, Pai Santo, em união com Jesus!

Chega o momento da Comunhão. Espetáculo magnífico, que seus olhinhos jamais presenciaram, pois foram numerosas as pessoas que se aproximaram da mesa Eucarística, conforme referência feita no capítulo anterior.

E Lolota? Deseja tão ardentemente receber Jesus, que pouco faltou para imitar Herculaninho...

De repente, percebe que o pai, a seu lado, não tinha ido comungar. Estaria distraído? Puxa-o pelo braço:

— Papai! Você não vai? Papai, Papai!

— Fique quieta, filhinha; na Missa não se fala.

Carlotinha engole um soluço e fica pensativa... Por que será que Papai não foi comungar?

Terminada a cerimônia, pergunta a Dona Elisa:

— Mamãe, diga-me, por que Papai não recebeu Jesus esta manhã? Êle, ontem, ficou zangado com o

Sr. Urbano, mas o Padre Paulo Teodoro ainda está aqui; êle podia se confessar ...

Dona Elisa, vendo o marido se aproximar, diz à pequenina:

— Não fale disso agora, Lolota, depois eu lhe explicarei.

— Sabe, mamãe, o Sr. Urbano é muito bôbo! Papai ficou zangado porque êle passou o dia pegando môscas, prendendo-as, uma por uma, no papel próprio, que tem cola, e que por si mesmo já pega môscas.

— Não foi por isso, Lolota — interrompe Herculano. — Papai ficou triste porque o Sr. Urbano, ontem, à tardinha, cortou aquela bela mangueira plantada pelo vovô.

— Aquela? — pergunta Carlotinha espantada... — Eu me lembro do que você me disse: "Não apanhe esta manga que é minha; estou tomando conta desde que ela nasceu ... é um presente para Papai". Ah! Que pena! Estava carregadinha ... Eu, também, estava tomando conta de uma manga muito mais bonita do que a sua, Herculano!

Carlotinha, com desânimo, deixa cair a cabeça e os bracinhos:

— Mas, por que o Sr. Urbano fêz isso?

O Sr. Elói da Silva se afastara... não desejava ouvir falar sôbre o assunto da véspera.

– Sabe, Lolota, continua Herculano. — Papai havia dado ordens ao Sr. Urbano para pegar os pombos que andavam sujando a casa. Ora, os pombos vieram pousar na mangueira; o Sr. Urbano, esquecendo-se das asas que as aves possuem, achou uma maravilha deitar abaixo a mangueira!!!

— Você viu, Herculano? — interroga Carlotinha desolada ...

— Vi o quê? Quando ouvi um barulhão, cheguei à janela e dei com o Sr. Urbano de mãos na cintura, bôca aberta, bigodes para cima, olhos arrelagados, dizendo:

— Que pena, os pombos fugiram! Não peguei um só! Que vai dizer o Sr. Doutor?

— É incrível até onde chega a estupidez do Sr. Urbano! — replica Dona Elisa no auge da consternação.

A Babá toma a palavra:

— Ah! Êsse Sr. Urbano tem feito boas! Outro dia, lá na cidade, trouxe-me um peru com um "coupon" de bonde prêso ao pescoço. **Pro modo de quê?** perguntei eu.

— Ah! — respondeu-me: Gosto das coisas claras. Fui eu mesmo que pedi ao condutor para marcar aquêle passageiro com o preço que custou sua entrada no bonde.

— Sinhá Elisa se **alembra** que ficou admirada com a conta do despacho da cestinha de frutas, que mandou pra Sinhá Dona Paula? Eu ainda não tive **corage** de **falá** o que êle fêz ... mas, só vendo! Contado, Sinhá, não se **credita** ... Eu recomendei: Sr. Urbano, não largue o cêsto até **entregá** ao chefe da estação **pro modo** que o **Senhô** pode ser enganado. Até que êle me **arrespondeu:** "Pode ficá tranqüila. **Num vê** que eu sou tolo!" Chega o momento de **pesá** o cêsto. O Sr. Urbano, não querendo **largá,** trepa **cum** êle na balança!

— Que engraçado! — exclama Carlotinha batendo palmas.

Herculano solta grande gargalhada ...

— É, sim, Sinhá — continua Babá. — Os empregados da estação diziam: "Desce daí, homem, senão o pêso sobe!" Mas ... qual! O Sr. Urbano, fiel à recomendação, não desceu. E ainda ficou bravo **mêmo** com os empregados que estavam rindo dêle. O resultado Sinhá

viu ... êle pagou o pêso de noventa e cinco quilos quando o cêsto não pesava vinte! ...

O SEGRÊDO REVELADO

Antes de deitar-se, Carlotinha, pedindo a bênção a Mamãe, reclama:

— Você ainda não me disse por que Papai não comungou.

Dona Elisa vê-se obrigada a explicar à filha que o Papai, há muitos anos, está afastado do Sacramento da Eucaristia:

Carlotinha fica perplexa:

— Então, Papai não recebe a Jesus no seu coração? Não tem a felicidade que nós temos? Oh, isso é muito triste! Eu não sabia que Papai não comungava...

Os olhinhos de Carlotinha estão rasos de lágrimas, pois a pequenina é muito afetuosa e tem grande amor ao Pai.

— Sabe, Mamãe, tia Zezé me ensinou que tudo que se pede no dia da Primeira Comunhão, Jesus dá. Ela me disse, porém, que não basta só rezar; é também preciso se sacrificar. Vou fazer um sacrifício bem grande para Papai comungar.

— E você conta a Mamãe?

— Não sei, ainda vou pensar ... mas Papai há de se converter — acrescenta a menina com o beicinho a tremer.

— Durma, minha filha; não pense mais nisso agora — aconselha Dona Elisa, muito comovida. — Amanhã, o Anjo da Guarda vai ensinar a você alguns sacrifícios para seu Papai.

Carlotinha não dorme.

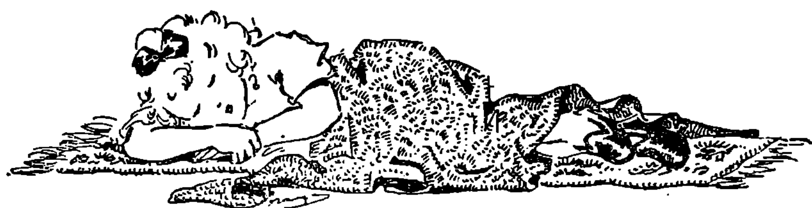
— Anjo, meu querido Anjo, ensine-me um sacrifício; quero converter Papai! Tenho um Papai muito bom, Anjo, mas faz tempo que êle não recebe a comunhão.

Carlotinha, muito agitada, volta-se de um lado para outro; levanta a cabecinha, arranja o travesseiro, esfrega os olhos... mas, qual, o sono não vem!

— Anjo, meu querido Anjo da Guarda — repete com fervor. — Ensine a Lolota um sacrifício bem grande!

De repente, a pequenina lembra-se da pretinha Branca de Neve. Carlotinha deita-se em cama macia, mas a Branca, coitada! Babá contou que ela dorme no chão sôbre uma esteira. Que horror! Como deve ser duro! O corpo fica dolorido. Ah! Boa idéia! Vou dormir no chão, de verdade, para converter Papai.





Ao pensamento, segue-se o ato. Num instante, a pequenina está fora da cama e adormece no soalho do quarto.

— Sinhá, Sinhá, venha vê, Sinhá, a menina caiu da cama e está dormindo no tapête! — exclama Babá entreabrindo a porta. — E, amanhã, nós vamos **viajá**, vamos **simbora** da Fazenda, **pro modo** a criança vai **apanhá** frio.

Aproximando-se da filhinha, Dona Elisa diz:

— Lolota não caiu.

— Que foi que aconteceu, então? — indaga a velha ama perplexa. — A menina não está habituada a fazer caprichos . . .

— Você, Babá, não vê — explica Dona Elisa — como a fisionomia de Lolota está calma e não demonstra nenhum choque e agitação? Carlotinha quis dormir no chão para fazer um sacrifício pela conversão do Pai.

Contendo a emoção, Dona Elisa, ajudada pela Babá, deita a pequena na cama, depositando na fronte da filha um afetuoso beijo. A emoção fôra demasiada forte para ser contida por um coração materno, e Dona Elisa, prorrompendo em lágrimas, conta ao marido o sacrifício de Lolota.

Ao saber do fato, o Sr. Elói fica comovidíssimo. Sente-se profundamente abalado pela prova de amor que sua filhinha acaba de dar. Quem sabe se, ajudado pela graça divina, êle poderá se aproximar, breve, da mesa Eucarística?

— Ah, meu Anjo, você me fêz voltar para a cama!. . . . — diz Carlotinha ao acordar com os primeiros raios do Sol. — Como na Santa Missa, o Anjo levou para o Céu meu sacrifício e colocou-o diante do trono de Deus pela conversão de Papai . . . Não é, Anjinho?

XIII

O AEROPLANO

Dizem que as paredes têm ouvidos . . . não creio que repitam o que ouvem, mas, certo é, escutam com muita paciência numerosas confidências infantis.

Sentada de castigo, testa franzida, pescoço duro, narizinho arrebitado, segurando o queixo, Carlotinha sacode filosòficamente os ombros.

Na falta de auditório, conversa com... a parede.

— Hei de agüentar tudo? Isto é que não! Porque vou fazer a Primeira Comunhão, daqui a dois meses, pensam que devo tolerar todos os caprichos de Herculano! Vida de sacrifícios! Se ao menos êle me deixasse tranqüila, mas qual . . . Aborrece-me com as histórias de suas futuras descobertas, com as invenções de máquinas elétricas. Está agora com verdadeira mania de brincar de trem. Prega-me cada susto, que só vendo . . . De repente, sem ninguém esperar, dá um apito estridente e, imitando a locomotiva, dispara pelo corredor deixando a gente atordoada.

Carlotinha, impaciente, suspira, revira os olhos, tapa os ouvidos.

— Ainda por cima, Herculano fêz um aeroplano de papel-cartão que a todo momento voa sôbre minha cabeça, quase fura meus olhos e entra-me pela bôca . . . Arrranca-me a fita do cabelo . . . Um horror! Uma in-

venção das Arábias! Esta manhã não agüentei mais... Dei um tapa no tal aeroplano, que voou longe! Quebraram-se-lhe as asas... O pequeno ficou furioso. Com o topête de pé, pronto a declarar-me guerra, Herculano mordia os lábios de raiva. Hei de contar isso a tia Zezé! O pior da história é que Mamãe ficou zangada comigo e zangada porque eu me livrei de um aeroplano que me matava se batesse na fonte!... A estas horas, não existiria mais Lolota!

Sacudindo a cabeça, Carlotinha continua:

— Herculano tem sempre razão e eu...

Reflete um pouco e examina os fatos...

— Não, não é verdade — diz, levantando-se da cadeira para destruir um inimigo invisível. — Mamãe e Papai são muito bons; eu não me lembro de ter sido castigada injustamente. É o inimigo mau que me deu êste pensamento para separar-me da Mamãe. Como o Menino Jesus deve ficar com o olhar severo para a filha que se revolta depois de uma repreensão e não vai abraçar sua mãe. Foge, foge para longe de mim, malvado — exclama Carlotinha soprando o espírito mau e imitando o que fêz o Padre na cerimônia do Batismo para afugentar o demônio da criança.

Um sentimento de contrição invade-lhe a alma.

— Não estou mais zangada; gosto tanto de Mamãe! Sei que, se eu fôr procurá-la, receber-me-á de braços abertos, cobrindo-me de carinhos. Ela gosta muito de sua filhinha Lolota!

Sem mais esperar, Carlotinha corre ao encontro da mãe para reconciliar-se e pedir-lhe perdão.

— Está vendo, filhinha, amanhã, você vai receber o Sacramento da Penitência, que pode ser chamado, também, Sacramento da Reconciliação. Assim, como

você me pediu perdão por esta falta, assim o homem se aproxima do **Tribunal da Penitência** para pedir perdão a Deus após ter cometido pecados. O que faz Jesus depois da Confissão? Abre os braços ao pecador arrependido. Aplica-lhe o Preciosíssimo Sangue e os méritos de sua Paixão, lavando-lhe tôdas as culpas.

Carlotinha, fazendo-se muito carinhosa, instala-se no colo de Dona Elisa.

— Tia Zezé me ensinou quando Nosso Senhor Jesus Cristo instituiu o Sacramento da Penitência, mas... (passando a mão na testa) eu esqueci; quando foi, Mamãe?

— Foi na tarde do Domingo da Ressurreição. Jesus apareceu aos apóstolos reunidos no Cenáculo e soprou sôbre êles dizendo: "Recebei o Espírito Santo. Os pecados serão perdoados a quem os perdoardes e serão retidos a quem os retiverdes". O poder que Jesus deu aos apóstolos de perdoar os pecados passou sucessivamente aos Bispos e Padres; você compreendeu, Lolota?

— Compreendi sim, Mamãe. O Padre tem o poder das chaves, quer dizer que, quando êle absolve os pecados, abre para o homem as portas do céu. Quando o Sacerdote não perdoa um pecador, Deus também não dá o perdão.

— Lolota, você se arrependeu e Deus perdoou sua falta; mas, quebrando o aeroplano de Herculano, você lhe deu um prejuízo. É preciso repará-lo. Que deseja fazer?

Carlotinha está sinceramente arrependida? Sim. Coloca a mão na testa, fecha os olhos e fica um pouco pensativa . . . Finalmente, fala:

— Vou dar um grande abraço no meu irmãozinho e entregarei a êle algumas pratinhas do meu cofre.

— Muito bem, filhinha; é assim que Deus trata o pecador arrependido. Êle perdoa as faltas na confissão, mas exige uma satisfação; é por isso que o Padre dá uma penitência pelos nossos pecados.

Carlotinha, num excesso de generosidade:

— Eu, também, vou dar aquela minha boneca loura a Maria Teresa porque quero fazer um sacrifício para o Menino Jesus.

Maria Teresa, porém, não aceita a dádiva; brincando no chão e atrapalhada com as suas inúmeras bonecas, exclama:

— Coitada de mim, tenho tanto filho! É demais!

A CASINHA DE MADEIRA

— **Vancê** cai, Lolota; já subiu e desceu esta escada mais de vinte vêzes.

— Que hei de fazer, Babá, ainda não disse a todo o mundo que vou me confessar. Se eu não contar, como é que os outros vão saber? É preciso que minhas amigas saibam que vou receber o Sacramento da Confissão.

— Quá-Quá-quá — ri-se Babá, mostrando a bôca desdentada. — Precisa **botá** no **jorná** e **soltá** foguete.

— Vem cá, Babá, não sei onde está meu chapéu; daqui a pouco, tia Zezé vem me buscar para levar-me ao Tribunal da Penitência. Sabe o que é Tribunal da Penitência? É aquela casinha de madeira, onde o Padre fica sentado para perdoar os pecados. Às quatro horas, o Padre Paulo Teodoro estará à minha espera e tia Zezé disse que êle não gosta que se chegue atrasada.

Pegando no "Livro do Menino Jesus" e andando de um lado para outro, sacudindo a cabeça e marcando compasso, a pequena repete:

— Para fazer uma boa confissão, são necessárias cinco coisas. 1.º Exame — 2.º Arrependimento — 3.º Propósito — 4.º Confissão — 5.º Satisfação.

Aposto com quem quizer que Marquito não sabe tudo isso... Mas, tia Zezé deseja que êle faça Primeira Comunhão. É porque o garotinho repete a tôda hora: "Vinde, Senhor Jesus!" A tia fica tôda dengosa com o pirralho e não se lembra mais da Lolota.

EXAME

— Já examinei a consciência. Procurei os meus pecados. Com tia Zezé, percorri os Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja; os pecados cometidos por pensamentos, palavras, obras e omissões. Pensei bastante se rezei de manhã; se fui obediente; se briguei muitas vêzes com Herculano e se impacientei com a Babá.

ARREPENDIMENTO

— Meu Deus, quantas faltas! Como eu vos ofendi! Fazer pecado é ofender a Deus que nos enche de presentes, que nos ama tanto, que até morreu na cruz para nos salvar. Fazer pecado mortal, é perder a amizade do Pai Celeste. É deixar de ser o templo do Espírito Santo.

Carlotinha ajoelha-se num genuflexório. Coloca a cabecinha entre as mãos e medita um pouquinho a Paixão de Cristo. Segurando um Crucifixo, beija-o e aperta-o contra seu peito, dizendo:

— Perdão, Jesus! Perdão, meu Deus!

E como está escrito no Livro do Menino Jesus, ela reza uma vez o Ato-de-Contrição depois do exame de seus pecados.

CONFISSÃO

— Sabe, Babá, eu vou dar meus pecados ao Menino Jesus para Êle os perdoar; vou me confessar com o Pa-

dre Paulo Teodoro, mas é Jesus que está ali no confessionário. É Êle que me escuta e perdoa. O Padre diz: "Eu absolvo todos os teus pecados. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". É a Santíssima Trindade que absolve e dá a graça. O confessionário é o Tribunal da Penitência, mas também é chamado o trono da graça.



PROPÓSITO

— Antes de confessar-me, quero prometer a Jesus nunca mais ofendê-lo.

A pequenina, lançando um olhar para a estátua de Nossa Senhora, diz:

— Maria, minha Mãe querida, lembrai-Vos que logo ao nascer eu Vos fui consagrada. Ajudai-me a guardar a veste da inocência. Concedei-me a graça de fazer uma boa confissão e de ser fiel às minhas resoluções.

SATISFAÇÃO

— Sabe, Babá, o Padre Paulo Teodoro vai me dar uma penitência para eu rezar... Preciso reparar a ofensa feita a Deus pelos meus pecados. É pena que seja coisa pequena; preferia que fôsse um grande cas-

tigo. Antigamente, os pecadores faziam penitências públicas, vestiam-se de sacos, cobriam-se de cinzas e não podiam entrar na igreja sem a reparação do escândalo.

— Ai, ai! — Carlotinha dá um suspiro muito comprido...

— Que é! — pergunta Babá.

— Estou me lembrando que não é a gente que escolhe a penitência, mas o Padre; êle impõe o que acha bom. Isso custa muito, não é Babá? Cumprir o que o Sacerdote manda...

— Quá-quá-quá! — ri-se ainda uma vez a Babá. — **Vancê** estava admirando as grandes penitências e agora está com preguiça de rezar um Pai-Nosso **ou** uma Ave-Maria? É por isso **mêmo** que a Santa Igreja diminuiu as penitências, **pro modo** nós não temos a generosidade dos outros tempos.

Carlotinha, ouvindo passos no corredor, vai ao encontro da tia Maria José, que deseja acompanhá-la à Igreja para a primeira Confissão.

Troveja. Um iminente aguaceiro se anuncia... Maria Teresa, vendo a irmãzinha sair com mau tempo, recomenda-lhe:

— Lolota, não se esqueça de levar o seu "chapéu de guarda-chuva"...

INDECISÃO

O Joaquim também quer se confessar.

— Eu tomo cada raiva — diz êle — que às vêzes chego a ficar assim... com os dedos dos pés duros e encolhidos. E às vêzes é com você, titia, quando você me abusa...

A tia, Dona Anita, por seu lado, tem suas dúvidas. Joaquim é tão pequenino, talvez não tenha bastante compreensão.

— Por que você quer se confessar com o Sr. Bispo? Você não o conhece.

— Conheço, sim, da Procissão; êle tem um gorrinho vermelho.

Para facilitar ao Joaquim a acusação das faltas, a tia propõe-lhe um Sacerdote conhecido, o Padre Manuel, que almoça às quintas-feiras em casa e está habituado a lidar com crianças, pois tem um asilo com quase oitenta órfãos.

— Não — responde o pequeno — só se fôr com Frei Domingos.

Porém, quando êste chega, Joaquim sem pestanejar diz:

— Vou me confessar com o Padre Manuel.

E, assim, Dona Anita, quando algum sacerdote amigo aparece, pergunta ao sobrinho:

— Por que você não aproveitou?

Joaquim, muito calmo, responde:

— Êle devia estar com pressa, titia.

Ao ver o sacerdote se afastar, diz com ar sonhador:

— Ah, eu podia ter aproveitado para me confessar! ...

Certo dia, compungido, aproxima-se de Dona Anita:

— Titia, eu quero me confessar!

A tia, um tanto incrédula, procura experimentar sua sinceridade:

— Que vai dizer ao Padre? Quero ver se você sabe...

— Ah! — responde o pequeno com ar independente — Vou dizer não é a você nem aqui, mas ao Padre e na .. igreja.

O menino pressente a infinita pureza de Deus e reconhece o pêso de seus pecados. Percebe a felicidade de seu priminho, que possui a inocência batismal.

— Titia, José Luís é... quase um Deus; não tem nenhum pecadinho pequenino... mas o Marcos e eu somos pecadores!

Joaquim está preocupado...

— Titia, uma mentira pequena, uma mentirinha, por exemplo; outro dia eu disse aquela mentirinha... Foi um pecado, não foi? Se passar muitos dias, muito tempo, ela vira pecado mortal?

— Não, Joaquim — explica-lhe a tia. — O pecado venial nunca se torna mortal. Você compreendeu?

— Sim — responde êle, abaixando os olhos, muito compenetrado.

Certo dia, fazendo-se gaiato e franzindo os sobrolhos:

— Titia, você me leva para confessar?

A tia, desconfiando da sua sinceridade, indaga:

— Você quer se confessar, Joaquim? Ou passear?

— Não, titia, quero me confessar; agora é sério!

Diante dessa resolução tão firme, Dona Anita desce com Joaquim e pede a Frei Domingos, que está de visita, para experimentar o menino e verificar se êle pode se confessar. Joaquim é pequenino; tem só cinco anos, mas deseja muito receber Jesus.

O garôto, compenetrado, fica alguns momentos sòzinho com o Padre. Terminada a confissão, Frei Domingos volta à sala de jantar, dizendo:

—Ah, a precocidade das crianças de hoje!.. Sabe perfeitamente; respondeu-me como um homem! Pode fazer a Primeira Comunhão.

Joaquim, radiante, replica:

— Viu, titia, que não foi por causa do passeio?...

XIV

OS PRIMEIROS COMUNGANTES

Quinta-feira, tia Maria José vem buscar a sobrinha a fim de levá-la ao bosque, onde se encontram as colegas de Catecismo para uma aula de religião.

Ao vê-la chegar, a pequenina corre a seu encontro.

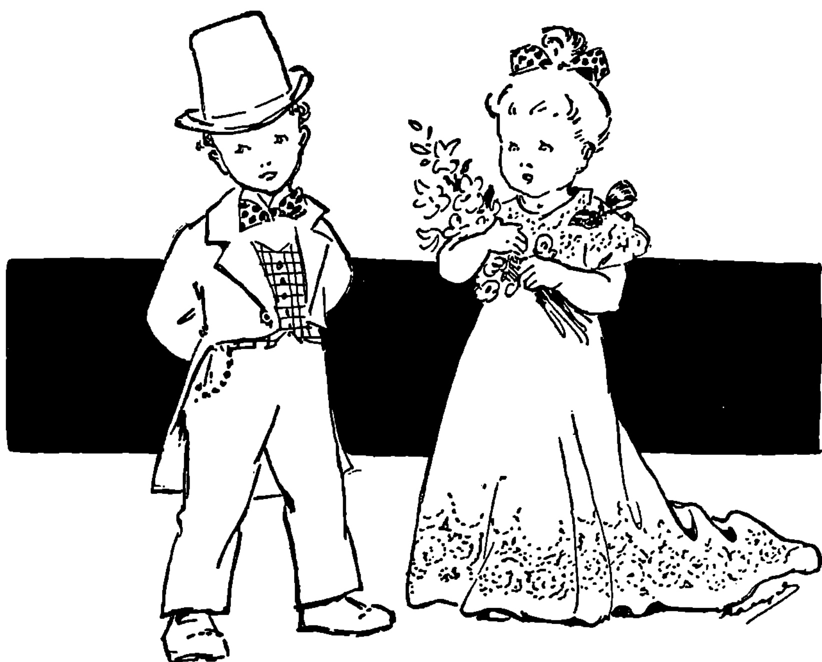
— Sabe, titia, eu fiz exame de Catecismo e fui recebida! Disse direitinho como você me ensinou: Na Hóstia consagrada, Jesus está realmente presente. É o mesmo Jesus, filhinho de Nossa Senhora, que nasceu no presépio de Belém e o mesmo Deus que está no céu. É o mesmo Jesus que morreu na cruz e que ressuscitou glorioso, triunfante, para nunca mais morrer.

— Meus parabens, Lolota! Como estou contente! Você sabe muito bem o Catecismo e tem se esforçado tanto, que recebeu do Menino Jesus a recompensa de seus esforços.

— Eu fiz uma porção de sacrifícios, titia. Dei minha boneca para Maria Teresa. Não briguei com Herculano. Aquêle menino está sempre pensando que sou criança. Tenho sete anos e êle nove, mas em março faço oito e depois nove; assim, pego o pequeno num instante Êle não pense que vai ficar sempre mais velho do que eu ... Passa, constantemente, a mão no rosto para examinar se já lhe nasceram os bigodes, mas ... não há de usar cartola antes que eu tenha vestido comprido e de cauda!

E Carlotinha quase torce o pescoço, voltando-se para ver arrastar no chão a futura cauda...

— Você viu, tia Zezé. Êle fica meia hora diante do espelho penteando os cabelos; põe pomada, passa, passa a escôva alisando o topête que se revolta! É só na frente, porém atrás deixa a gaforina em desordem e as madeixas se levantam querendo formar cachos — o que dá saudades a Mamãe da cabeleira de quando êle era nenê. Ah! Herculano, Herculano! Você, também, já foi nenê!...



Essa idéia alegra imenso Carlotinha que, quase suspensa ao braço da tia, dá pulinhos...

— Às vêzes, Herculano é bem interessante, não é tia Zezé? Quando êle toca violino diante da estátua de Nossa Senhora ou quando volta para casa depois da Comunhão, acho-o tão engraçadinho que tenho vontade de correr a seu encontro a fim de abraçá-lo.

— Espera, Marianita, você está sentada em cima de minha saia, reclama Carlotinha puxando o vestido.

— Você escorrega desta pedra, Lolota, e pode levar um formidável tombo — previne-lhe Marianita.

— Qual! Não há perigo — responde Carlotinha. — Clarita está trepada numa árvore, está muito mais alto do que eu! Olhe Heloísa em cima da grama úmida...

— Vocês pensam — diz tia Maria José — que eu vou começar a falar com essa desordem? Os meninos têm muito mais juízo do que vocês e estão esperando sossegadinhos que os instale.

Ajudada por Dona Madalena, tia Maria José coloca as crianças nos bancos do bosque.

— Tia Zezé, olhe a árvore que Laurinha desenhou... — Está linda — grita entusiasmado o travesso Marcos.

— É uma laranjeira — explica Chiquito, lançando um olhar admirativo para o desenho da irmãzinha.

Francisco tira do bôlso um cartão sujo e amarrotado:

— Eu fiz um abacateiro, porque o abacateiro fica carregadinho de frutos.

— Mas, Francisco, por que o Menino Jesus quer êsse papel tão machucado? — indaga Heloísa, arrancando-lhe das mãos o desenho.

— É meu! Dê cá, Heloísa! Ora essa, então você não compreendeu o que a Irmã explicou no Catecismo? É uma árvore de sacrifícios; ela só tem troncos e galhos. Agora, cada vez que fizer um sacrifício, eu desenho uma flor ou uma fruta nos galhos da árvore. E depois, quando minha árvore estiver bonita e cheia de abacates, eu entrego meu cartão ao Menino Jesus.

Marcos, o caçula da turma, reclama:

— Tia Zé, olhe o meu desenho. Fiz tantos sacrifícios que a minha árvore chega até o Céu! Parece uma torre de Babel!

Cada criança quer mostrar seu trabalho e os cartões começam a circular passando de mão em mão.

Maria Lúcia entrega à vizinha seu desenho muito caprichado e explica-lhe ter escolhido a videira porque é com a uva que se faz o vinho.

— E eu desenhei um campo de trigo — diz Marianita — porque é com a farinha de trigo que são feitas as hóstiazinhas brancas que vão ser consagradas e se transformam em Jesus. Cada espiga representa um sacrifício.

Recomeça a agitação...

— Basta! Silêncio! — impõe tia Maria José. — Vocês querem ou não a história do "Livro do Menino Jesus"?

— Queremos, queremos! — As vozes são tão fortes, que o eco repercute na floresta: — Queremos, queremos!

As crianças soltam gostosas gargalhadas, mas, afinal, ficam sossegadas...

Tia Maria José abre o livro e começa:

— Faltando apenas quatro semanas para a vinda do Rei Jesus, desejo explicar-lhes a presença real de Jesus Cristo no Sacramento da Eucaristia. Jesus velado sob a aparência da Hóstia, porém realmente presente com seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

— Tia Zezé, se você soubesse como eu sei contar direitinho a Instituição da Sagrada Eucaristia, você diria: Conte, Lolota!

Tendo a tia Maria José feito um sinal afirmativo, Carlotinha se levanta, coloca o chapéu sôbre o banco, endireita o cinto do vestido, sacode a saia, junta as mãos

e os pèzinhos e, tomando uma atitude de recolhimento, começa a narrar:

— O amor que Jesus nos tinha era tão grande, tão grande, que Êle estava triste de nos deixar. Jesus ia morrer, ia para o céu, mas Êle também queria ficar no meio dos homens. Então, tia Zezé, fêz um milagre, o maior de todos os milagres: instituiu um Sacramento em que Êle mesmo está presente, tão real e verdadeiramente como no Céu, à direita de Deus Pai Todo-Poderoso.

— A Eucaristia — explica tia Maria José — não é sòmente um Sacramento, mas, também, o Sacrifício da Nova Lei. Jesus Cristo, instituindo êste Sacramento, celebrou pela primeira vez o Sacrifício da Missa. Continue. Lolota!

A INSTITUIÇÃO

— Foi na Quinta-Feira Santa, no tempo em que os judeus costumavam celebrar a festa da Páscoa. Naquela noite, tia Zezé, em que Jesus foi traído por Judas e sofreu cruel agonia no Jardim das Oliveiras.

Jesus estava com os Apóstolos no Cenáculo, na sala preparada por São Pedro e São João.

Depois de terem comido o Cordeiro Pascal, rezaram e entoaram cânticos.

Terminada a ceia, tomou Jesus na mão o pão; benzeu-o, partiu-o, dando parte aos discípulos, dizendo: "Tomai e comei. Isto é Meu Corpo, que será entregue por vós". E tomando nas mãos o Cálice, agradeceu a Deus Pai; dando-o aos discípulos, disse: "Tomai e bebei. Isto é Meu Sangue, que será derramado por vós e por muitos em remissão dos pecados".

Marianita acrescenta:

— Jesus disse aos Apóstolos: "Fazei isso em memó-

ria de Mim." Por essas palavras Nosso Senhor deu aos Apóstolos e aos Padres o poder de operar o mesmo milagre que Êle fêz na Quinta-Feira Santa.

— Todos os Apóstolos receberam dignamente a Sagrada Eucaristia?

— Não, titia — respondeu Laurinha. — Judas recebeu Jesus com pecado mortal na alma.

— Judas cometeu um sacrilégio! — grita Chiquito com voz cavernosa causando arrepio às crianças.

— A sua alma ficou negrinha... e êle foi para o inferno. A Eucaristia é Sacramento dos vivos; deve ser recebido com a alma pura, sem pecado mortal — diz Francisco.

— E para a gente comungar precisa também estar em jejum e saber o que se vai receber — acrescenta Clarita.

A tia Maria José toma novamente a palavra.

— Certa vez, Jesus contou aos fariseus esta parábola: "Um homem preparou grande banquete para o qual convidou muitas pessoas. E à hora do festim mandou um dos seus servos dizer aos convidados que viessem porque tudo estava pronto". Qual é essa refeição com numerosos convivas? Êsse banquete? Não é senão êsse festim que Deus nos preparou, instituindo a Sagrada Eucaristia. Jesus disse: "A minha Carne é verdadeiramente uma comida e meu Sangue é verdadeiramente uma bebida. Eu sou o Pão da Vida. Pão que desceu do céu para que quem d'Êle comer não morra". Sentado à direita do Pai Celeste, Jesus desce à terra e reside na Hóstia Santa e no Vinho consagrado. A Hóstia não é mais um pão qualquer, apesar da aparência de pão, isto é, côr, forma, cheiro, sabor. É o Pão Vivo que desceu do céu. Êste Pão consagrado merece as nossas mais profundas adorações porque é Jesus a segunda

Pessoa da Santíssima Trindade. Como vocês são felizes... Podem receber em tão tenra idade Jesus, nosso Salvador, Jesus nosso Redentor!

Chegou a hora da volta para casa. As crianças apreciam o crepúsculo da natureza nessa tarde maravilhosa. O sol, ao recolher-se, tinge o firmamento com a variedade de suas côres magníficas... Fala-se do céu, o céu tão lindo, tão cheio de luz e alegria.

— Precisamos merecer o céu — explica tia Maria José — com os nossos atos de virtude.

Marcos sai com esta objeção:



— Eu acho, tia Zezé, que o céu deveria ser "de graça"...

— Alcançar o céu é uma graça, mas devemos conquistá-lo, Marcos. Deus pensou em nos fazer felizes, porém quer nos dar o céu como recompensa.

— Deus pensou... Mas, tia Zezé, Deus não "pensa como nós"; Deus vê tôdas as coisas "dentro d'Êle"!

A tia Maria José cala-se achando essa réplica encantadora, admirável para uma criança.

E lá se vai, seguindo o caminho, Marcos, almazinha sonhadora e feliz...

XV

TICO E O COELHO

Dona Elisa está na sala com visita de cerimônia... Babá perdeu os óculos. E quando Babá perde seu par de lunetas, o mundo pode vir abaixo que a pobre ama não enxerga o que se passa em casa.

Carlotinha está, pois, sôlta, sem guarda, sem vigilância; pior ainda, sem ter o que fazer e à procura de aventuras. Já trepou no muro para espiar o quintal do vizinho, escorregou, caindo sôbre uma roseira. Ficou tôda arranhada. A água correu nessa ocasião, mas não dos olhos e sim da bica...

A pequena, para não revelar a travessura, não derramou uma só lágrima, lavando braços e pernas na torneira do jardim. A torneira que ficou aberta, inundou as plantações do Sr. Urbano.

Ei-la, agora, no alto do terraço — com Maria Teresa — contemplando suas façanhas. Fôra visitar o Sr. Galo, porém esquecera-se de fechar a porta do galinheiro. As Sras. Galinhas, contentes com a liberdade, correm pelo jardim esgaravatando o solo em busca de alimento. Carlotinha não se contém:

— Ah! Ah! Ah! — ri-se a valer e torce-se de tanto rir... – Mamãe não gosta que as aves fiquem sôltas, mas é tão engraçado a gente apreciar o Sr. Urbano e Joaquina, a cozinheira, correndo de tamancos atrás das galinhas! Ah! Ah! Que impagável!

— Papai do Céu fica zangado com Lotinha — diz-

-lhe Maria Teresa com voz grossa, apontando o Céu com o dedinho.

— Qual, nada! Isso é uma tolice pequena, — responde a irmã mais velha, querendo se desculpar. — Amanhã, entrarei em retiro e não farei travessuras...

Enquanto Maria Teresa se distrai com Herculano, Carlotinha fala pelos cotovelos.

— Mamãe acha que sou viva e travêssa. Um azougue! Papai pensa justo o contrário e repete sempre: "Lolota quando está dormindo parece um anjinho". Criança com saúde é peralta. Por isso, Papai do Céu distribui um grupinho para cada casa "poquê" se a Babá tivesse que tomar conta de tôda a petizada, coitada, cairia num mar de tolices...

A menina dá gostosas risadinhas e lembra fatos passados:

— Papai acha que fico quieta na cama e tem razão... Marcos, quando estêve doente, amanheceu fazendo um berreiro medonho. Queria camarão, queijo, sorvete de abacaxi. Laurinha roubou presunto e foi comê-lo debaixo da cama... Vivi despencou do alto de um coqueiro. Ficou quebrada, espatifada! Passou meses numa cama de hospital. E Chiquito? Ó Seu Ferrabrás! Ó menino endiabrado! Foi passar o dia no sítio de tia Nita. Tirou os peixinhos do lago; arrancou pés de tomates; soltou os cavalos de Seu Mateus; pegou a frigideira e levou-a para o mato a fim de fritar batatinhas. Quando Chiquito viu que os peixinhos vermelhos estavam mortos, fugiu do sítio a tôda a pressa, com mêdo de tia Nita. Chegou em casa assustadíssimo, pedindo para se confessar. A mãe não deixou porque era muito tarde, mas ela se arrependeu. Durante a noite, Chiquito, misturando as palavras, gritava: Morreram! Matei! Batata frita! Roubei Seu Mateus! Tomates!

Cavalos! Matei! Quero me confessar, tia Nita! Chiquito virava e revirava-se na cama e a mãe, aflita, não podia dormir. Papai tem loucura por mim. E tem razão de dizer que Lolota é um anjinho... Eu sou mesmo carinhosa e boazinha... mas...

Herculano interrompe o papaguear de Lolota:

— Dona Tagarelinha, acho bom guardar a língua e fechar a bôca. Tia Zezé está no portão à sua espera para levá-la ao Catecismo.

Carlotinha abre os braços e, na pontinha dos pés, qual pássaro agitando as asas para erguer vôo, corre, ligeira e graciosa, pela alamêda do jardim...

NA CASCATINHA

Nesta quinta-feira, tia Maria José reúne o bando infantil num recanto da chácara de vovó, perto da cascatinha. No caminho, fala-se da ação de graças e dos efeitos produzidos nas almas pela Comunhão.

— Tia Zezé, olhe tia Zezé, você não precisa perguntar a lição de Catecismo porque Mamãe me ensinou que a Comunhão nos une a Jesus, guarda a nossa alma para a Vida Eterna.

Marianita continua:

— Ela disse, também, que há pessoas que não fazem ação de graças. Não sabem conversar com Jesus. Não aproveitam dêsse momento, o mais precioso do dia. São Filipe de Neri mandou dois coroinhas, com velas acesas, que acompanhassem uma senhora, logo depois da Comunhão, ao sair da Igreja.

— Depois da Comunhão, eu vou ficar tôda a vida na igreja. Ficarei quietinho no banco, gozando de Jesus — diz Marcos com fervor.

Enquanto tia Maria José se instala, as crianças aproveitam a água da cascata, tomando-a com prazer.

Carlotinha, debruçando-se para matar a sêde, canta em tom altíssimo:

— Como o veadinho com sêde suspira pelas fontes das águas, assim eu desejo Vos receber, ó Deus!

Trepa, em seguida, numa pedra e levanta ainda mais a voz, procurando dominar o barulho da cascata!

— Sabem? Escutem. Olhem, aqui! Tia Zezé recebeu carta de tia Nita contando a Primeira Comunhão de Tico.

Rindo-se, acrescenta:

— O Joaquim é tão pequenino que todo o mundo o chama de Tico.

Vinte vozes se fazem ouvir, formando música:

— Conte, tia Zezé, a Primeira Comunhão de Joaquim!

— A tia Maria José, vencida pela tirania infantil, toma a carta de Dona Anita e começa a ler:

— " . . . . O Tico parece ter sido de encomenda para mim. É o mais levado de todos! Não há meios de querer ser padre. E eu, sem importuná-lo, digo-lhe de vez em quando: Pois, tanto hei de fazer que você será padre, será santo. Um dia, naturalmente estava fervoroso, ao sair com esta: "Olhe, titia, vou ser padre para trazer-lhe Jesus, quando você ficar velha e não puder mais ir à igreja".

No dia 1.º de maio, para afervorá-lo e despertar-lhe o desejo da comunhão e da devoção a Nossa Senhora, disse-lhe: "Começa hoje o mês de Maria; você quer ir comigo todos os dias levar uma florzinha do coração à Mamãe do Céu? Se quiser, pode representá-la por alguma do jardim". Aceitou entusiasmadíssimo e prometeu fazer muitas flores, sacrifícios bonitos, além dos bei-

jinhos jogados à Mamãe do Céu, cada vez que entra no quarto ou cada vez que se lembra. Nesta pequena prática, sugerida por mim, como preparação à Primeira Comunhão, foi sempre muito constante. A partir dêste momento, Tico mudou visivelmente; parecia um cordeirinho, principalmente quanto à obediência.

Na véspera de sua Primeira Comunhão, Tico fêz questão de levar as flores à Igreja e ajudou (melhor, atrapalhou o mais possível) a compor as jarras.

Ao despertar do dia seguinte, a sua primeira frase foi:

— Estou com sêde.

— Então, vou lhe dar uma bala.

— Não, não quero, porque senão não posso comungar.

— Muito bem! Você é sabido! Quer levar um sacrifício fresquinho para Jesus.

Vestiu-se muito calmo e antes de sair foi pedir perdão à Mãe, tão sisudo que ela disse: "Está compenetrado do que vai fazer". Aconselhei-o a insistir com o Pai para que aproveitasse a ocasião, fazendo a Páscoa, todavia, deixei-o ir só, percebendo o diálogo ao longe, numa vozinha emocionada.

— Papai, você vai comungar comigo? Vai, sim. Para os outros você foi; só para mim que não vai? Era o que faltava...

Depois procurou-me para sair, reclamando o laço branco.

Na Capela, a Irmã Superiora deu-lhe um genuflexório baixinho com uma almofada. Estêve sossegadíssimo; quase imóvel. Semblante recolhido e angélico.

De volta da Comunhão parecia transfigurado! Chegado a seu lugar, juntou as mãozinhas sôbre o rosto alguns instantes. Após, muito discretamente, meteu a

mãozinha no bôlso e puxou o lenço; percebi, então, que chorava em silêncio.

Depois da Missa, deu o primeiro abraço ao pai, dizendo-lhe que não dispensava a Comunhão, que não havia feito naquele dia.

Disse-me chorando:

— Agora, não peço mais; só se você mesma fôr pedir...

Ao abraçá-lo chorou tanto que não pôde prosseguir no primeiro momento... Nosso Senhor parece ter recolhido as lágrimas do Tico transformando-as em fonte de graças.

Dias depois, Joaquim recebia o Sacramento da Confirmação, levando também para a Crisma o pai e o tio Carlinhos.

No dia de sua Primeira Comunhão, Tico ganhou um coelho, presente do padrinho.

O bichinho, realmente, parecia encantado: não comia, nem bebia. Dia e noite não saía das mãos do Tico, que dorme com êle abraçado e, ao despertar, procura-o imediatamente.

Joaquim comungou em seguida, durante cinco dias após sua Primeira Comunhão; deixei interromper suas comunhões para que descansasse um pouco mais, mas, ao acordar, disse-lhe:

— Hoje, você está pobre; não recebeu Jesus que ficou à sua espera e com saudades.

Num gesto de oferta, com ambas as mãos:

— Dou meu coelhinho ao Menino Jesus para Êle fazer o que quiser!

— E se Êle aceitar o coelhinho e matá-lo?

Calou-se... depois:

— É d'Êle!

Não imagina que posições bonitas e interessantes as do Tico nessas horas...

Um dia, vi-o agarrado ao coelho, trepar na sua caminha; sentou-se, pôs o coelho no colo, segurou-o com uma das mãos e, com a outra, pegou uma revista, onde se via o Sr. Bispo em ponto grande:



— Olhe, coelhinho, sabe quem é? Está conhecendo? É o Sr. Bispo. Não está vendo seu gorrinho vermelho?

Outra vez, levou o coelhinho para a minha cama, e, tirando o crucifixo, mostrou a imagem ao inseparável amigo:

— Sabe quem criou você? Foi Papai do Céu. Olhe Êle aqui!

Se continuasse a falar do Tico, não mais acabaria; é assunto inesgotável... Quis, entretanto, dar a você notícias da Primeira Comunhão com todos os pormenores, pois tudo é um prazer para aquêles que nos são caros.

XVI

À ESPERA DE JESUS

Faltam só três dias para a vinda do Senhor. As crianças vão passá-los no recolhimento, ouvindo histórias piedosas e assim preparando-se para a chegada do grande Rei.

"O Senhor já está próximo!", cantam os cristãos do mundo inteiro nas vésperas do Natal! "Jesus já está próximo", repetem com ansiedade os fervorosos primeiros comungantes, dispondo com antecedência em seus corações o bercinho destinado ao Menino Deus.

Neste momento, estão todos sentadinhos na Capela do Colégio à espera do Sacerdote, que lhe vai pregar a primeira instrução do retiro.

Dong-Dong-Dong! Com uma pontualidade sem igual, ao som das nove badaladas do relógio, o Padre Paulo Teodoro entra na Capela. Ajoelha-se diante do altar e, após pequena prece, dirige a palavra ao auditório infantil.

PRIMEIRA INSTRUÇÃO

1.º DIA — CONHECER A DEUS

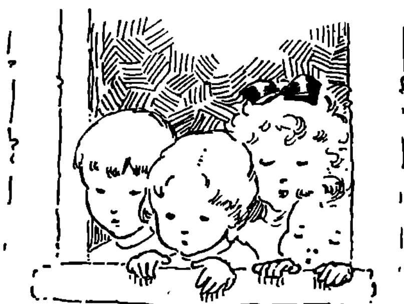
Nas primeiras páginas do Catecismo, meus queridos meninos, vocês aprenderam que fomos criados para conhecer, amar e servir a Deus neste mundo.

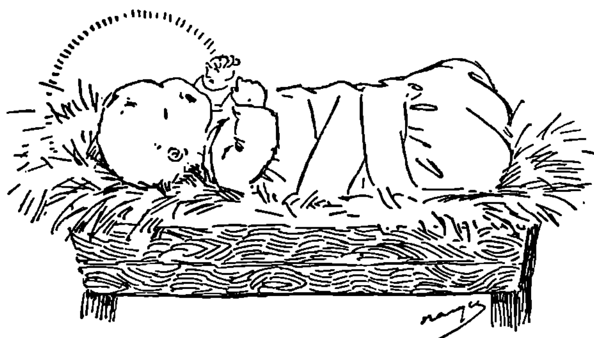
Quero, pois, iniciando o retiro, fazer-lhes conhecer a Deus porque vocês não podem amá-LO sem primeiro conhecê-LO.

Vamos fazer uma visitinha ao Presépio de Belém a fim de que possam conhecer o Menino Jesus.

— Bom dia, São José! Bom dia, doce Virgem Maria! Jesus, o Deus Menino, está aí? Ó Mãe querida, eu quisera pedir uma grande graça: Mostrai-me o Menino Jesus!

Devagarinho... silenciosos, com os dedinhos sôbre os lábios, aproximemo-nos da manjedoura onde





repousa Jesus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Ajoelhemo-nos porque êste Menino é Deus! É o Verbo Divino. Deus de Infinita Majestade. É o Deus Forte. O Emanuel. O Príncipe da Paz e traz no ombro a cruz, o cetro de sua realeza.

— Ó Jesus, meu amor, como sois encantador no vosso sono pacífico, com os olhinhos fechados, com a boquinha entreaberta, nesse doce respirar que vai e vem, levantando regularmente o vosso peito pequenino.

Não acordem Jesus, meus queridos meninos. Dormi, dormi, meu Jesus, enquanto vosso coração vela sôbre nós!

Dormi, Jesus, dormi, meu Menino; tempo virá em que tereis de passar por cruel agonia no Jardim das Oliveiras. Sereis arrastado durante a noite através das ruas de Jerusalém. Flagelado; coroado de espinhos; condenado à morte como um blasfemador. Na cruz, contemplareis o martírio do coração de vossa Mãe e a malvadez dêsse povo ingrato, para o qual abristes as portas do céu.

Mas, vocês, queridos meninos, não pertencem ao número daqueles malvados. Vejo, ao contrário, muitos bracinhos que se estendem para o doce Menino de Belém. Vejo em muitos olhinhos brilhar o desejo de possuir Aquêle que é tão grande... e tão pequenino! Vejo em muitos corações arder a chama do amor, à súplica à Virgem Maria para que lhes entregue ao menos alguns instantes o seu Divino Filho Jesus.

Êle dorme... E vocês não estão preparados para recebê-LO. O Menino está habituado a repousar no seio puríssimo de sua Mãe Santíssima. Maria segura-O com precaução, sem machucar sua linda cabecinha, sem magoar seu dulcíssimo Coração. Vocês, queridos meninos, são pequenos, desajeitados, pouco virtuosos, cheios de manchas e defeitos e fariam, talvez, chorar o Menino Jesus!

Não fiquem tristes; se vocês são desajeitados é porque ainda não conseguiram a pureza, que se deve

ter para possuir o Menino Jesus, mas ensinarei a todos o meio de lavar as manchas da alma e torná-la mais pura do que a neve.

Havia outrora, em Jerusalém, uma fonte milagrosa chamada piscina probática. Certos momentos, o Anjo de Deus agitava as águas e então o primeiro que mergulhava na fonte saía logo perfeitamente curado, fôsse qual fôsse a doença. Era a piscina uma figura desta milagrosa fonte de perdão, aberta para os cristãos no Sacramento da Penitência. Êste Sacramento lava tôdas as manchas, perdoa todos os pecados cometidos depois do Batismo.

Deixando o Menino Jesus dormindo no seu berço de palha, vamos, queridas crianças, recorrer ao Tribunal da Penitência para o perdão dos pecados e assim prepararmo-nos para a imensa alegria da posse de Jesus, realmente, em nossos corações. Conservem dentro de suas cabecinhas essas caras impressões até que se tornem um Belém vivo, uma morada do Divino Infante — que ficaram conhecendo — e repitam muitas vêzes durante o retiro:

Vinde... Vinde, Menino Jesus!

A LUTA DO MARQUITO

Marcos não faz prevalecer a misericórdia sôbre a justiça. Não gosta de rezar pelos pecadores: pois, se êles são maus, merecem o inferno.

— Marquito — diz-lhe a Mamãe — é preciso ser misericordioso!

Marcos luta, esforça-se, mas ainda não pode cantar vitória. Não é como Clara que abre os braços aos maiores pecadores. A Mamãe lhe dissera: se você qui-

ser conseguir uma grande graça de Jesus, peça, logo depois de sua confissão, a Êle, aquilo que deseja, isto é, quando estiver com a alma branquinha...



Ao sair do confessionário, Clara ajoelha-se ao lado da Mãe e com aquêle olhar todo especial das crianças, em vésperas de Primeira Comunhão, diz-lhe:

— Mamãe, já fiz meu pedido a Jesus.

— Por quem você rezou?

— Pelo Lampião — responde Clara, pois fôra aquela a alma mais miserável que ela encontrara. E quis, assim, obter de Jesus a graça do perdão.

— Está na hora — diz Heloísa arranjando com afã o vèuzinho de filó prêto. A pequena realiza enfim um dos seus grandes desejos: ir à igreja sem chapéu, com a cabeça coberta por um véu como as pessoas grandes.

— Onde está meu livro? — indaga Carlotinha.

— Êste é meu!

— Não é; está escrito: **Carlotinha.** E Carlotinha sou eu só! ...

As duas meninas entram na igreja; fazem o sinal-da-cruz com água benta, genuflexão diante do altar do Santíssimo Sacramento e vão se colocar nos bancos à espera de sua vez. Recolhidas, rezam o Confiteor e repetem o Ato-de-Contrição.

Voltando do confessionário, cada menina passa perto da Madre Superiora, que substitui o véu prêto pelo branco como símbolo da inocência, recuperada no Sacramento da Penitência.

— Lavei-me no Sangue do Cordeiro de Deus e minha alma ficou mais branca do que a neve — recita alegremente Carlotinha saindo da Capela.

— Que paz, que alegria! Estou tão leve — exclama Marianita, que parece um cromo com o véu de filó branco.

— Vamos ver o fogo — convida Marcos trajado à maruja.

Uma grande fogueira está acesa no meio do pátio do convento. Com alegria infantil, as crianças jogam aí os papéis onde haviam escrito os pecados. Estão reduzidos a cinza.

— Nada valem! Deus os apagou para sempre do "Livro da Vida", na sua infinita misericórdia.

— Durante êsses três dias do retiro — anuncia Maria Lúcia — vamos cantar uma Salve-Rainha a Nossa Senhora para que Ela nos obtenha a graça da perseverança.

SEGUNDA INSTRUÇÃO

2.º DIA — AMAR A DEUS

Ao ver-vos tão amante e tão amável
Doce Meninozinho de Belém,
Como deixar de vos abrir os braços?
Como deixar de vos amar também?

(Liturgia de Natal)

Caríssimos meninos.

Ontem, estivemos em Belém. Vimos o burrinho do presépio e muitos carneirinhos pertencentes aos pastôres que, como nós, tinham ido "conhecer" o Menino Jesus. Vimos uma estrêla brilhar no firmamento; ouvimos o "Gloria in excelsis" cantado pelos Anjos. Com Maria e São José ajoelhamo-nos perto da manjedoura para a adoração ao Filho de Deus.

Voltando para casa, depois de "conhecido" o Menino Jesus, vocês sentiram em seus corações arder a chama do "amor" de Deus. Deus é caridade e a alma que d'Êle se aproxima sente-se abrasada pelo fogo do Divino Amor.

O Menino Jesus, infelizmente, não ficou muito tempo em Belém. Herodes, o rei mau, desejando matá-LO, procurava por tôda a parte o nosso querido Emanuel.

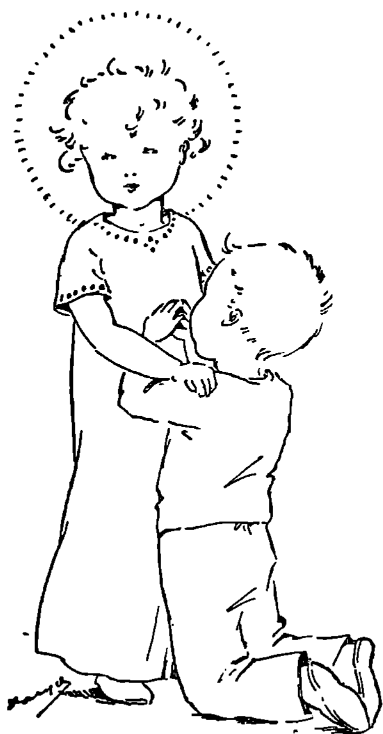
Avisado em sonho, por um Anjo, São José toma seu bastão de viagem e foge — durante a noite —

para o Egito, levando, num burrinho, o Menino e sua Santa Mãe.

Morto, porém, o rei Herodes, a Santa Família volta para seu país, estabelecendo-se numa pequena aldeia da Galiléia, chamada Nazaré.

Estou certa, meus amiguinhos, que desejam fazer uma segunda visita ao Menino Jesus.

Ao avistar nosso grupo, subindo a entrada da colina, o bom São José larga suas ferramentas e vem ao encontro a fim de abrir a porta. A Virgem Maria, que voltava da fonte, deixa de lado as roupinhas do Deus Menino, deposita o cântaro sôbre a mesa rústica e, acolhendo-nos com sorriso maternal, mostra-nos seu Divino Filho, Jesus, nosso Salvador.



Entrem, entrem, meninos, na humilde casa de Nazaré. Revestidos de inocência pelo Sacramento da Confissão, vocês podem aproximar-se de Jesus. Êle disse: "Deixai vir a Mim as criancinhas". Cada um, por sua vez, pode cobri-LO de beijos e receber a bênção.

Como sois belo, ó Menino Jesus! Como sois encantador na vossa infância divina!

Jesus, meu amor, permiti-me beijar vossos pèzinhos. Respeitosamente, vibrando de felicidade, derramando lágrimas de emoção, prostro-me em terra.

O Deus Menino se inclina, estende os bracinhos, apertando-me contra seu peito divino. E suas mãozinhas acariciam meu rosto. Do meu coração jorra uma única palavra, a palavra do amor.

Jesus, eu Vos amo de todo o meu coração, de tôda a minha alma, com tôdas as minhas fôrças!

Impelido pela amabilidade divina, também tomo Jesus nos meus braços, apertando-O contra meu peito, escuto assim as pulsações do seu Sagrado Coração. Momento inefável! Oh, Manjar Divino! A minha alma se inebria neste abraço com Jesus e exclama nessa doce união: "Não sou eu mais quem vive, é Jesus quem vive em mim".

Êste abraço divino, esta união de alma com Jesus, realiza-se realmente, queridos meninos, na Santa Comunhão.

Vocês querendo gozar dêsse abraço de Jesus, sob a proteção de Maria, aproximem-se do Banquete Eucarístico.

Quem não deseja êsse Pão do Céu! Qual é a criança que não sente arder em seu coração o desejo de possuir Jesus?

Vinde, vinde Jesus-Hóstia! As criancinhas Vos esperam com AMOR imenso. Vinde aos corações dos vossos pequeninos!

MARCOS E HELOÍSA

— Vamos, vamos ouvir a "Liçãozinha de Jesus", diz com entusiasmo Marcos. Com cinco anos e meio de idade, é muito curioso pelas coisas de Deus. Suas perguntas e objeções deixam a Mamãe em verdadeiros apuros...

O pensamento de Deus tem uma atração imensa para êle. Os porquês de suas interrogações infantis

terminam sempre em Deus. Percebe-se a alegria de sua almazinha satisfeita... Às vêzes, numa impagável aritmética, êle quer testemunhar a Deus seu grande amor.

— Mamãe — diz — eu gosto de você tanto como "a volta do mundo". E de Deus, sete mil vêzes a volta do mundo.

Pára e indaga um pouco ansioso:

— É bastante?

Se lhe perguntam: — Marcos, de quem é que você gosta mais? — êle responde com fôrça: — De Deus, naturalmente.



— Comece, tia Zezé, comece a "Liçãozinha de Jesus", — pede Marcos puxando uma enorme poltrona. — Sente-se, Heloísa; aqui tem um lugarzinho para você.

E Helô, que, também, conquistou a ponta de espada o direito de fazer a Primeira Comunhão em idade precoce, senta-se ao lado do priminho.

Contemos a história de Heloísa:

Possuindo um caráter misto de meiguice e violência, era ainda muito pequena para receber Jesus. Um dia, que célebre dia! Helô, com quatro anos, prometeu numa linguagem indecifrável, ser boa e "nunca mais ter fúrias".

E Jesus olhava para Heloísa com muito amor porque, por Jesus, só para receber o Rei Divino em seu coração, Helô, durante muitos meses, todo o tempo que durou a preparação, conteve os ímpetos de um temperamento arrebatado.

Foi uma mudança a vista d'olhos. A menina se transformou... E, triunfante, obteve a graça de fazer a Primeira Comunhão.

Jesus se revela aos pequeninos e conversa muito com aquêles que O amam. Certa ocasião, a mamãe de Heloísa falava-lhe sôbre as orações "do fundo do coração". A pequena escutava... Oh, como é bom ouvir a mamãe falar de Jesus! E como é doce a criancinha dizer à mamãe o que se passa no seu coração.

Heloísa com expressão dulcíssima, à maneira de desculpa, disse uma vez em confidência:

— Mamãe, às vêzes, quero conversar com Jesus, mas não consigo porque parece que Êle está falando comigo ao mesmo tempo!

OLHANDO PARA DEUS

A tia Maria José fala um pouco da presença de Deus. Deus no céu, presente em todo o universo. Foi a "Liçãozinha de Jesus", que Marcos mais gostou.

Chegando em casa, encontra a mãe adoentada, na cama. Senta-se ao lado e, numa espécie de meditação feita quase sem querer, a mãe continua a conversação sôbre a presença de Deus. Diz-lhe que ficaríamos maravilhados se pudéssemos ver êsse Deus!

A janela aberta dava para um local onde se descortinava linda paisagem... Marcos fica um instante pensativo... De repente, entusiasmado, completa o pensamento da mãe:

— Pois é, Mamãe, se a gente visse Deus não precisava de nada mais! — E, resoluto, repete: — Não precisava de nada mais. Eu jogaria meus brinquedos pela janela; você atiraria sua cama fora e ficaríamos os dois sòzinhos "olhando para Deus" ...

Pensa um pouco e diz:

— Eu sairia apenas para chamar Babá.

Marcos tem grande amizade à Babá, que lhe ensina a amar a Deus.

TERCEIRA INSTRUÇÃO

3.º DIA — SERVIR A DEUS

Queridos meninos.

O Menino Jesus continuou a viver na casa de Nazaré, crescendo em sabedoria e graça diante de Deus e dos homens.

Quando completou a idade de doze anos, a Santa Família subiu a Jerusalém, segundo o costume que os judeus tinham: celebrar na Cidade Santa a festa da Páscoa.

Terminada esta solenidade, a Virgem Mãe e São José voltaram sem o Menino, que havia ficado em Jerusalém. Quando perceberam sua ausência, julgaram que viesse na companhia de outros. Caminharam, assim, um dia inteiro. No fim da jornada procuraram Jesus entre os parentes e amigos; todavia, não O encontrando, aflitos, regressaram a Jerusalém.

Passados três dias, acharam o Menino Jesus sentado no meio dos Doutores, pasmados de sua sabedoria e de suas respostas ao ouvi-LO.

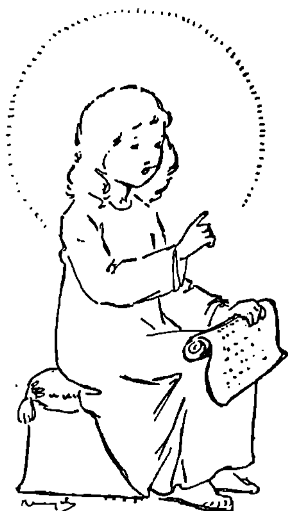
Transportemo-nos, caras crianças, ao Templo de Jerusalém.

Jesus aos doze anos é quase um homenzinho. Seu corpo, o mais perfeito que existiu na terra, desenvolve-se em harmonia. Nessa ocasião, o Menino manifesta, pela primeira vez, a origem divina: "Não sabeis — disse à Mãe — que devo ocupar-me das coisas de meu Pai Celeste?"

Êste belo Menino, visto entre os Doutores, é o Deus Santo, que no céu reina à Direita de Deus Pai Onipotente. É Aquêle a quem adora uma multidão de Anjos.

Prestemos também nós, caros meninos, homenagem a Emanuel, Príncipe da Paz. Adoremos Jesus, Cristo-Rei, que veio a êste mundo conquistar almas e formar um exército para o Reino Celeste. Êle é o Soberano Senhor; encontram-se nas suas mãos: o Reino, o Poder, o Império. Todos os reis da terra e todos os povos adoram e servem a Jesus.

O Deus Menino pede nossos corações. Jesus-Hóstia, Rei do Amor, convida as criancinhas para combaterem sob seu estandarte. Ensina-lhes a servi-LO sôbre a terra para que possam tomar parte no seu Reino Celestial. Fomos criados para o seguinte: conhecer, amar e servir a Deus neste mundo e gozá-LO para sempre no outro.



Jesus bateu à porta.

Que Jesus entre para reinar, vencer e imperar.

Jesus Menino, eis nosso Rei!

Algumas horas ainda e vocês... receberão Nosso Senhor na Eucaristia. Que felicidade, queridos amigui-

nhos! Jesus os convida e espera com ansiedade. Hora, mil vêzes bendita, em que descerá pela primeira vez nos seus corações. Nesse banquete divino vocês receberão o Pão — alimento espiritual — o Pão da Vida, o Pão da Fortaleza da alma.



Ao vê-los fortalecidos por êsse Maná do Céu, com Cristo resplandescendo dentro do coração, o inimigo não ousa aproximar-se. Vocês estão prontos para o combate pelo Soberano Monarca, porque a Santa Comunhão garante a vitória na luta. Ela é o Manjar dos Atletas (Orígenes).

Fiéis a Cristo até à morte, tomaremos parte no seu triunfo, na Eterna Glória. Assim seja!

XVII

O DIA MAIS FELIZ DA VIDA

"Exulta de alegria! Eis que virá a ti
o teu Rei e Santo — o Salvador".

* * *

Entreabrindo as cortinas de rendas da caminha de bronze, onde Carlotinha dorme o sono da inocência, Dona Elisa, inclinando-se, chama a filha:

— Lolota! Lolota! Eis o dia da sua Primeira Comunhão!

A pequena, esboçando um sorriso angélico, responde:

— Jesus vem! Que alegria, Mamãe! Oh, como estou contente! Mais ainda... "contentíssima".

Radiante, exultando de alegria, faz a Consagração a Maria. Nossa Senhora subindo ao Céu, na festa da Assunção, leva ao trono do Altíssimo a prece de Carlotinha.

Um instante, olhar inquieto, pergunta:

— Papai também vai comungar?

— Sim. Seu Pai — responde Dona Elisa — confessou-se; hoje, vai receber a Santa Comunhão. O Anjo da Guarda levou seu sacrifício a Jesus.

Enquanto Lolota põe o vestido de neocomungante, a mãe continua a falar:

— Hoje, tudo é branco; suas vestes se assemelham à sua alma. Você quer para Jesus um coração puro como o lírio, não é, filhinha? Tia Zezé, ao fazer o ves-

tido, preparou sua alma para a visita do Rei Jesus. O crucifixo de marfim orna-lhe o peito, que se tornará, breve, o tabernáculo do Deus-vivo. A coroa, feita de sacrifícios, é o ramalhete de rosas que você oferece ao Menino Jesus. Um véu branco, símbolo de pureza, envolve-lhe o corpo como lembrança de que pertence tôda a Deus.

— Que alegria, Mamãe, que imensa alegria! Jesus, aumentai a minha fé e o meu amor — repete Carlotinha transbordante de felicidade.

CORTEJO INFANTIL

Lá vêm os neocomungantes! Um silêncio respeitoso e solene se faz. O cortejo infantil se aproxima cantando:

Vinde, Jesus. Vinde, meu Salvador!
Vinde, Jesus. Vinde, meu Redentor!

Não se pode descrever a emoção que se apodera dos espectadores. Uma cena do Céu se apresenta aos olhos atentos dos pais, parentes e amigos dêsses anjos, que parecem voar para os átrios do Senhor.

Recolhidos, mãozinhas postas, olhos baixos, os neocomungantes passam ... Com os corações ardendo em brasas, suspiram pela vinda do Salvador e com vozes seráficas, dirigindo-se ao Santuário, continuam a cantar:

Vinde, Jesus! Vinde, meu Redentor!

MISTÉRIO DE AMOR

O Sacerdote sobe ao altar. Durante o Ofertório coloca na pátena os corações dos neocomungantes e de

todos os presentes. Os santos mistérios são celebrados... O Pão e o Vinho foram transubstanciados em Corpo e Sangue de Cristo.



A porta do Sacrário se abre: "Eis o Cordeiro de Deus", pronuncia o Padre segurando a Hóstia branca e pequenina que contém o Rei da Glória.

Os Anjos cercam o Tabernáculo. Pelas mãos de Maria as crianças são levadas à Mesa Eucarística e re-

cebem Jesus, Deus Menino! Oh, mistério de amor! Aquêle que os Céus não podem conter entra nos corações dos pequeninos...

O bando inocente, voltando a seus lugares, canta:

"O belo Céu visitou a Terra.
Em mim repousa o Bem-Amado.
Do Santo Amor é o mistério,
Minh'alma adora, silêncio guardo!"

Marcos, e seus piedosos companheiros, estão compenetradíssimos, parecem Anjos ao redor do altar.

Ajoelhada no genuflexório branco, ornado de flores e filó, Carlotinha, em íntimo colóquio com Jesus, permanece imóvel. Com a cabecinha inclinada, apertando os bracinhos sôbre o peito, exclama interiormente:

— Meu Jesus, meu Amor! Eu Vos adoro, ó meu Deus, e Vos amo com tôdas as fôrças da minha alma. Creio que estais presente no meu coração com o vosso Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Agradeço-vos essa graça imensa... Jesus, Vós sois tão grande, tão Santo, ó Deus dos exércitos, e vinde a mim que sou tão pequenina!"

Os minutos passam e ela, recolhida, saboreia a visita celeste. Quer presentear ao Amigo Divino:

— Jesus, eu sou uma criança; não possuo coisa alguma, mas Vos dou meu coração. O coração de Lolota é vosso e será vosso tôda a vida.

Com os lábios santificados pela presença real em seu coração, Carlotinha pronuncia os nomes tão suaves de Papai e Mamãe, pedindo para êles saúde e felicidade. Reza pela tia Maria José, pela Vovó e pelos irmãozinhos. Sabe que nesse dia é poderosa rainha e usa do poder junto ao Rei dos reis.

Ardente foi o desejo de receber Jesus-Hóstia. Ela se preparou durante longos meses e agora, cheia de amor, recebeu o seu Senhor e seu Deus.

As crianças renovam as promessas do Batismo. Cerimônia tocante, realizada pelos neocomungantes que se aproximam do altar colocando a mão direita sôbre o Santo Evangelho. Renunciam a Satanaz e prometem fidelidade a Jesus Cristo.



Êles compreendem o valor dêsse ato. Instruídos pela tia Maria José, sabem que, quando criancinhas, foram levadas à pia batismal e naquela ocasião os padrinhos fizeram essa promessa em seus nomes. Hoje, porém, êles mesmos querem renová-la de todo o coração e, com timbre de voz muito clara, dizem:

— Renuncio a Satanaz, às suas pompas e às suas obras. Prometo amar e servir a Jesus Cristo para sempre.

Segue-se a Consagração a Nossa Senhora. É a festa do triunfo de Maria. Abrindo o lindo manto azul, a Mãe de Jesus recebe as preces dos filhinhos:

— Aqui vimos, Mãe querida, consagrar-Vos nosso amor! Sêde nossa padroeira, nossa Mãe e Rainha. Conduzi-nos à eterna bem-aventurança.

Nesta mesma manhã é administrado o Sacramento da Confirmação. Filhos de Deus pelo Batismo, alimentados pela Eucaristia, soldado de Cristo pela Crisma, essas crianças receberam a plenitude da graça. Nas suas almas infantis o Todo-Poderoso operou maravilhas!

Ó Jesus! Jesus! que felicidade — exclama radiante o pequenino Marcos.

Terminada a cerimônia, as crianças deixam a Capela . . .

À tarde dêsse belo dia, o mais feliz da vida, um chá festivo reúne meninas e meninos em casa de Carlotinha. Como um colar de pérolas, os neocomungantes formam um círculo branco no salão de visitas, onde, ansiosos, aguardam a leitura da última página escrita pela tia Maria José, no "Livro do Menino Jesus".

CIBÓRIO VIVO

Graciosa e encantadora a Menina Maria; contava apenas três anos de idade quando foi levada ao Templo para ser consagrada ao Senhor.

No Templo, Maria era admirável modêlo e exemplo das companheiras no estudo e trabalho.

Deus envia o Anjo Gabriel a anunciar à Virgem Maria que fôra escolhida para ser a Mãe do Salvador. Aceitando êsse privilégio, Maria se torna o Primeiro Cibório de Jesus. Ela é o nosso modêlo na Santa Comunhão.

Recebendo, hoje, Jesus no coração, espiritualmente vocês também receberam Maria. Ela não se separa de Jesus. Encontramos Maria em Belém, Nazaré e no Templo de Jerusalém. Acompanhou seu Divino Filho

nas peregrinações através da Palestina; no Calvário, a Mãe das Dores estava de pé junto à Cruz. "Mãe, eis teu filho" — disse Jesus. E Maria, abrindo os braços à humanidade inteira, recebeu-nos em seu coração.

São João, o díscipulo amado, para mitigar as saudades que a Virgem Maria sentia do Divino Filho, depositava em seus lábios virginais a Sagrada Hóstia, o Filho Jesus.

Um dia, os Anjos — com suas grandes asas — empreenderam um vôo no azul do firmamento; rasgando as brancas nuvens, desceram do Céu à terra em busca da Virgem, que adormecera no Senhor.

Exulta o exército angélico levando para a Cidade Santa, a Cidade do Grande-Rei, a Jerusalém Celeste, a Mãe de Deus, a Virgem Imaculada.

Assunção de Maria! Repicam os sinos da terra, ressoando nas arcadas do Céu. "Quem é esta que se eleva do deserto terrestre?" — perguntaram os Anjinhos uns aos outros, afinando as harpas e violinos.

"Quem é esta Rainha?" — indagam outros músicos celestes, executando nas suas trombetas uma harmonia tão linda, que não se pode descrever.

Aos primeiros acordes do concêrto, levanta-se uma falange dos pequeninos Santos Inocentes que, batendo palmas, cantam em aclamações repetidas: "Sois tôda formosa, ó Maria! Sois Imaculada, a glória de Jesus, a alegria de Israel, a honra do nosso povo!"

Milhares e milhares de Anjos, trepidando as asas e brilhando com fulgor, prestam homenagem à Virgem Santíssima.

Abri, ó Príncipes, as portas eternas e introduzi na glória a Rainha dos Anjos e dos Santos. Acorrem outros espíritos celestes resplandescentes de luz e com os

bem-aventurados formam um cortejo nos átrios celestiais.

À passagem da Virgem, brilhando na glória sua auréola virginal, São José — tendo nas mãos um lírio a cintilar — curva-se.

Ave, Ave Maria, saúda o Anjo Gabriel, inclinando as asas luminosas com reflexos de prata.

Diante do trono do Altíssimo, Miguel Arcanjo com seu turíbulo de ouro oferece à Santíssima Trindade incenso e perfumes.

Ei-la coroada! Coberta de jóias preciosas, com a veste mais branca do que a neve e a face mais brilhante do que o sol, a Virgem Maria tem em sua cabeça um diadema de doze estrêlas.

Bendizei o Senhor, ó Anjos e Arcanjos. Rejubilai, Tronos e Dominações! Exultai, Potestades e Virtudes do Céu nesse triunfo de Maria.

Velando suas faces, clamam sem cessar a Deus os Serafins:

SANCTUS, SANCTUS, SANCTUS!

— SANCTUS, SANCTUS, SANCTUS — repetem os Querubins.

Composto e Impresso por
"IMPRES" - Companhia Brasileira
de Impressão e Propaganda
São Paulo - Brasil

